

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
CAMPUS AVANÇADO DE PATU – CAP
DEPARTAMENTO DE LETRAS – DL

LUAN ALVES MONTEIRO CARLOS

**AS CONFIGURAÇÕES DO SERTANEJO NO ROMANCE DE TRINTA: UM FORTE,
ANTES DE TUDO**

PATU
2016

LUAN ALVES MONTEIRO CARLOS

**AS CONFIGURAÇÕES DO SERTANEJO NO ROMANCE DE TRINTA: UM FORTE,
ANTES DE TUDO**

Monografia apresentada à Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN –
como requisito obrigatório para obtenção do
título de licenciado em Letras.

Orientadora: Ma. Larissa Cristina Viana
Lopes

PATU
2016

Ficha catalográfica gerada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas
e Diretoria de Informatização (DINF) - UERN,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C284c Carlos, Luan Alves Monteiro.
As configurações do sertanejo no romance de trinta: um forte, antes de
tudo / Luan Alves Monteiro Carlos - 2016.
98 p.

Orientadora: Larissa Cristina Viana Lopes.
Coorientadora: .
Monografia (Graduação) - Universidade do Estado do Rio Grande do
Norte, Letras (Habitação em Língua Portuguesa e suas respectivas
Literaturas), 2016.

1. Romance de trinta. 2. Regionalismo. 3. Sertanismo. 4. Sertanejo. I.
Lopes, Larissa Cristina Viana, orient. II. Título.

LUAN ALVES MONTEIRO CARLOS

**AS CONFIGURAÇÕES DO SERTANEJO NO ROMANCE DE TRINTA: UM FORTE,
ANTES DE TUDO**

Monografia apresentada à Universidade do
Estado do Rio Grande do Norte – UERN –
como requisito obrigatório para obtenção do
título de licenciado em Letras.

Orientadora: Ma. Larissa Cristina Viana
Lopes

Aprovada em ___/___/_____

Banca Examinadora

Profa. Ma. Larissa Cristina Viana Lopes
Orientadora

Prof. Dr. Francisco Vieira da Silva
1º Examinador

Profa. Ma. Maria Gorete Paulo Torres
2º Examinador

PATU
2016

Dedico este trabalho a meu pai, minha mãe e minhas irmãs,
que sempre estiveram ao meu lado,
ajudando-me nos momentos de dificuldade,
fazendo essa jornada se tornar mais fácil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por todas as realizações que tem proporcionado e por permitir que eu chegasse ao final desse curso com êxito, guiando-me nessa jornada acadêmica, fazendo-me superar todas as pedras no caminho e por me ajudar a superar todas as dificuldades surgidas.

A minha mãe, Maria José, que sempre me apoiou, motivando-me a seguir firme nas minhas convicções para alcançar meus objetivos. Meu pai, Geraldino, que sempre esteve solícito a ajudar como pode. E as minhas irmãs Lígia, Lívia e Luana, por suas importantes colaborações nessa jornada.

A professora Larissa, pelo apoio nessa jornada acadêmica, pelos seus ensinamentos que me motivaram na escolha da temática desta pesquisa e pela importante e atenciosa orientação para a produção deste trabalho.

As professoras Sueli e Silvânia que nos receberam, a mim e meus colegas, nesse curso e nos ajudaram a vencer diversos obstáculos e por nossa incrível parceria no PIBID, o que me fez expandir meus conhecimentos e me tornar um profissional melhor.

Aos professores Francisco Vieira e Gorete Torres, que me deram a honra de fazer parte da banca examinadora dessa pesquisa. E a todos os professores que fizeram parte da minha vida acadêmica pelos quais tenho muita admiração.

Por fim, agradeço a toda comunidade docente e discente do CAP/UERN, que direta ou indiretamente me ajudou nessa caminhada no curso de Letras.

RESUMO

Este estudo objetiva analisar as configurações do sertanejo no romance de trinta, buscando compreender a relação do homem do campo com o mundo onde vive. Para isso, utilizamos as obras *O quinze* de Rachel de Queiroz, *Vidas secas* de Graciliano Ramos e *Seara vermelha* de Jorge Amado, obras essas que trazem o sertanejo como protagonista pertencente à classe social baixa e são as construções desses personagens sertanejos marginalizados o objeto de nossa pesquisa: Chico Bento, Fabiano e Jerônimo, respectivamente. Para realizarmos o estudo, fundamentou-nos os estudos sobre sertanismo e regionalismo de Albuquerque Júnior (2011), Almeida (1999), Castro (1984) e Freyre (1976), ancoramo-nos também em discussões sobre o romance de trinta a partir de Bueno (2015) e Bosi (1994). Sendo esta uma pesquisa qualitativa que foi conduzida indutivamente, é ainda um estudo bibliográfico que empregará o método descritivo-analítico. Destarte, percebemos, por meio das narrativas sobre as vivências dos personagens analisados, que eles vivem em um ambiente onde fatores sociais e climáticos dificultam suas vidas. Assim, diante de tantas impossibilidades, esse homem do campo assume o perfil de um fracassado, mesmo que possua uma força titânica para enfrentar todas as adversidades, são personagens que não conseguem vencer as problemáticas que os assolam, mas conseguem resistir as mais improváveis batalhas contra a seca e a sociedade que os exploram, sendo assim um forte.

PALAVRAS-CHAVE: Romance de trinta. Regionalismo. Sertanismo. Sertanejo.

ABSTRACT

This study aims to analyze the configurations of the sertanejo in the novel of thirty, Seeking to understand the relation of the country man to the world where he lives. For this, we use the works *O quinze* of Rachel de Queiroz, *Vidas secas* of Graciliano Ramos and *Seara vermelha* of Jorge Amado, Works that bring the sertanejo as protagonist belonging to the lower social class and are the constructions of these marginalized sertanejo characters the object of our research: Chico Bento, Fabiano and Jerônimo, respectively. In order to carry out the study, we have based the studies on sertanism and regionalism of Albuquerque Júnior (2011), Almeida (1999), Castro (1984) and Freyre (1976), Anchors in discussions about the novel of thirty of Bueno (2015) and Bosi (1994). This being a qualitative research that was conducted inductively, it is still a bibliographic study that will employ the descriptive-analytical method. From this we perceive, through the narratives about the experiences of the characters analyzed, namely, Chico Bento, Fabiano and Jerônimo, that they live in an environment where social and climatic factors make their lives difficult. Thus, faced with so many impossibilities, this man of the field assumes the profile of a failure, even if he possesses a titanic force to face all adversities, are characters who can not overcome the problems that afflict them, but manage to resist the most improbable battles against The drought and the society that exploits them, being a strong one.

KEY-WORDS: Thirty Romance. Regionalism. Sertanism. Sertanejo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 DO MÍTICO AO LUTADOR BEM-HUMORADO: O SERTÃO E O SERTANEJO NA LITERATURA BRASILEIRA.....	12
2 UM BRASIL REVELADO NO ROMANCE DE TRINTA: ESCRITORES PINTAM O SERTÃO REAL.....	30
2.1 A seca em Rachel de Queiroz.....	34
2.2 Graciliano Ramos e o sertão.....	42
2.3 O semi-árido também aparece em Jorge Amado.....	51
3 O SERTANEJO NO ROMANCE DE TRINTA: UM HOMEM DA TERRA NA BUSCA PELA SOBREVIVÊNCIA.....	58
3.1 Chico Bento: a adaptação do sertanejo na luta por uma vida melhor.....	58
3.2 Fabiano: um bicho capaz de vencer dificuldades.....	68
3.3 Jerônimo: um ser mudado pelos caminhos para a cidade grande.....	81
3.4 As configurações do sertanejo no romance de trinta: Chico Bento, Fabiano e Jerônimo trilhando um mesmo caminho.....	90
CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS.....	97

INTRODUÇÃO

*Quando olhei a terra ardendo
 Qual fogueira de São João
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Que brasileiro, que fornalha
 Nem um pé de plantação
 Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão
 Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão
 (Luiz Gonzaga)*

A literatura está sempre retratando diferentes lugares, épocas, falando dos mais diversos temas, e também mostrando como a sociedade se comporta. Desse modo, a importância da literatura na nossa sociedade é imensa, pois tem o poder de refletir sobre a realidade vivida por um povo. Autores, através de seus personagens, mostram distintas realidades de diferentes locais do país, fazendo um verdadeiro retrato da nossa sociedade. É sabido que a literatura traduz questões sociais, sendo uma arte engajada que se posiciona diante das ações humanas, fazendo duras críticas a sociedade, mas que também enaltece a realidade vivida por um povo em seu lugar e sua época, mostrando o que a sociedade tem de melhor e pior. A literatura, traça um registro vivo das relações humanas ao longo do tempo.

O sertanejo é representado em diferentes períodos da nossa literatura, desde o romantismo, que buscava mostrar esse ser como o herói nacional, até a contemporaneidade, que usou da liberdade estética do período para mostrar esse mesmo sertanejo. No entanto, o homem que vive no sertão nordestino ganhou destaque em diferentes épocas por meio de romances em que a paisagem ganha protagonismo ao lado do sertanejo, pois o lugar interfere no desenrolar da história, lugar esse que possui peculiaridades climáticas que afetam diretamente a vida do homem do campo.

Na segunda geração do modernismo, época também conhecida como regionalismo de trinta, o sertão/sertanejo é mostrado com realismo. Assim, escritores desse período literário desenham um sertão e um sertanejo verossímil. Esse realismo se dá pelo fato de os romancistas terem consciência da vivência sertaneja e, assim, esse momento literário tem

como principal característica o realismo das obras, o que vem junto com o caráter de denúncia social que os escritores imprimem em seus textos. Dessa maneira, elucidam fatos por meio de seus personagens que mostram os problemas ambientais e sociais, que castigam o povo da região, colocando em evidência as especificidades da vida no sertão.

Dentro desta perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo geral traçar o perfil do sertanejo nos romances *O quinze* (1930) de Rachel de Queiroz, *Vidas secas* (1938) de Graciliano Ramos e *Seara vermelha* (1946) de Jorge Amado, com o intuito de entender a configuração do sertanejo, buscando compreender a relação eu/mundo (sendo o eu o sertanejo). Este objetivo dissolve-se em três outros específicos: averiguar como o sertanejo é representado no regionalismo de trinta; entender como fatores sociais e naturais, nas obras que serão estudadas, atingem o sertão nordestino e quais são as consequências para o povo que nessa região habita; caracterizar a construção dos personagens sertanejos estudados diante das suas reações às adversidades, estabelecendo pontos de aproximação e de distanciamento entre os personagens.

Este estudo tem como *corpus* os romances *O quinze* (1930), *Vidas secas* (1938) e *Seara vermelha* (1946) e o nosso objeto de pesquisa são as construções dos personagens Chico Bento, Fabiano e Jerônimo, respectivamente.

Trata-se de uma pesquisa fundamentalmente qualitativa por estarmos estudando a relação estabelecida por um sujeito determinado, o sertanejo, com o mundo, buscando compreender seu comportamento, não lançando mão de dados quantitativos. Ela se caracteriza também como indutiva, pois consiste em observar fatos, partindo da particularidade dos personagens aqui estudados para chegarmos a uma verdade geral. E é também uma pesquisa de caráter bibliográfico que utilizará o método descritivo-analítico.

O interesse de se aprofundar nesse tema se deu por meio das discursões feitas em sala de aula nas disciplinas de Literatura Brasileira, além disso, a produção de trabalhos nessa temática, como seminários e artigos científicos, instigou-nos a querer saber mais sobre essa literatura sertanista. Enxergar um problema social que assola a população do sertão nordestino fez querermos aprofundar nosso estudo sobre os personagens sertanejos Chico Bento, Fabiano e Jerônimo que são protagonistas das obras *O quinze*, *Vidas secas* e *Seara vermelha*. Destarte, essa pesquisa parte da percepção a respeito da preocupação social dos autores regionalistas de trinta em mostrar o sertão real, por meio de descrições minuciosas do ambiente e com a construção de personagens que mostram com realismo a configuração do sertanejo.

Esta pesquisa se justifica ainda por trazer à tona questões sociais que afetam o sertão, refletindo sobre como essa sociedade se organiza e como lida com as adversidades. Tem

relevância também por compreender a relação do sertanejo com o meio em que vive, averiguar como ele é visto pela sociedade e como ele se posiciona diante das problemáticas que assolam o sertão, ou seja, essa pesquisa busca compreender a relação do sertanejo com o mundo em que vive, o sertão nordestino, o que nos propocionará discutir sobre os problemas sociais e climáticos que atingem essa região.

Nesse sentido, este estudo busca responder aos seguintes questionamentos: Qual a relação desses sertanejos com o mundo em que vive? Como o sertanejo é representado no regionalismo de trinta? Como fatores sociais e naturais atingem o sertão nordestino e quais são as conseqüências para o povo que nessa região habita? Como esse homem do campo reage diante às adversidades e quais características desses personagens os aproximam e os distanciam?

Para tanto, fundamentou-nos as discursões de Albuquerque Júnior (2011), Almeida (1999), Castro (1984) e Freyre (1976) sobre sertanismo e regionalismo, também nos ancoramos nas reflexões de Bueno (2015) e Bosi (1994) sobre o romance de trinta.

De acordo a metodologia exposta e com esse aporte teórico, com esta pesquisa esperamos delinear como se configura o sertanejo na literatura de trinta do século passado, especificamente nas obras mencionadas anteriormente. Para isso, desenvolveremos um estudo detalhado dos personagens que são objeto de nossa pesquisa com o intuito de ver quem é esse sertanejo e de qual forma ele aparece na literatura, além disso buscaremos elucidar como fatores sociais e climáticos atingem o homem do sertão nordestino e como o sertanejo reage diante das adversidades nas obras analisadas.

Esta monografia encontra-se dividida em três partes: inicialmente, no capítulo primeiro, discutiremos os conceitos de sertanismo e regionalismo para entendermos a exposição até a maneira como o sertanejo aparece na literatura; em seguida, o segundo capítulo trata do romance de trinta, mostrando também a vida e obra dos autores Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado, que são os criadores das obras analisadas nesse trabalho, elucidando como o sertão/sertanejo aparece na vasta produção literária desses autores e nos aprofundando mais nas obras que são o *corpus* dessa pesquisa. Por fim, o capítulo três cuida de nossa análise, que traz um estudo sobre os personagens Chico Bento, Fabiano e Jerônimo, com o intuito de mostrar o sertanejo, quem é e como vive no sertão nordestino, conforme cada narrativa estudada.

1 DO MÍTICO AO LUTADOR BEM-HUMORADO: O SERTÃO E O SERTANEJO NA LITERATURA BRASILEIRA

*Minha vida é andar por este país
 Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando as recordações
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 E dos amigos que lá deixei
 Chuva e sol
 Poeira e carvão
 Longe de casa
 Sigo o roteiro
 Mais uma estação
 E a alegria no coração
 (Luiz Gonzaga)*

Existe uma vasta produção que traz o sertão para o mundo literário, escritores pertencentes aos mais diversos estilos e épocas se interessaram por essa temática, colocando em lugar de destaque a paisagem em que o sertanejo vive, dando protagonismo aos tipos regionais que povoam essa terra. Antes, porém, de discutirmos a presença do sertanejo na literatura, é preciso que conheçamos conceitos importantes, os quais deram espaço para essa região dentro de obras literárias, a saber sertanismo e regionalismo.

O sertanismo tem por característica retratar a região sertaneja, sua vegetação, sua condição climática e o ser humano que vive neste lugar. Dessa forma, retrata o contexto em que o sertanejo está inserido, mostrando a sua região, suas ações e seu modo de viver, também as belezas naturais em tempos de fartura e em tempos sofridos impostos pela natureza.

Na literatura, o sertão nordestino passa a ganhar destaque a partir do momento em que os autores enxergam nesse ambiente e em seu povo os grandes representantes da nacionalidade brasileira, isso por ser uma região com poucas influências estrangeiras e com características que melhor representam o Brasil: “À medida em que, desde o século anterior, a imigração estrangeira modificava profundamente a cultura do Sul do país, o Nordeste veio a se constituir na expressão do que havia de mais brasileiro [...]” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 142). Temos, então, a ideia do sertão/sertanejo com uma certa pureza em relação às demais localidades do país.

A literatura chamada regionalista dá protagonismo a diversas regiões com suas particularidades, enfatizando realidades brasileiras. Na literatura sertanista, como literatura regionalista, o sertão aparece em um conjunto de obras inseridas na produção regional.

O sertanismo é compreendido por um conjunto de obras regionalistas que trouxe o sertão como ambiente em que se passam as ações e, mais que isso, um ambiente que influencia tais ações e o desenrolar da trama. Por isso, quando falamos em literatura sertanista falamos em regionalismo.

Sobre o regionalismo aqui mencionado, Albuquerque Júnior (2011, pp. 65-66) discute:

A literatura regionalista procura afirmar a brasilidade por meio da diversidade, ou seja, pela manutenção das diferenças peculiares de tipos de personagens; por paisagens sociais e históricas de cada área do país, reduzindo a nação a um simples somatório dessas especialidades literárias diversas.

O regionalismo busca traduzir o Brasil por meio de personagens e sua relação com o meio onde vive, ressaltando as particularidades de cada região, dando protagonismo aos tipos locais como, no caso do sertão, o coronel, o cangaceiro, o retirante. De tal modo, é a realidade de determinada região que revela identidades da nação brasileira, isto é, o regionalismo procura afirmar a identidade nacional por meio da diversidade que é encontrada nas diversas regiões do país.

Sendo o sertão uma região mais “pura”, retratada dentro do regionalismo, é importante compreendermos que:

Sertão designa, de um modo geral em todo o Brasil, as regiões interioranas, de população relativamente rarefeita, onde vigoram costumes e padrões culturais ainda rústicos. No caso do Nordeste, a palavra possui configuração semântico-sociológica ainda mais definida: aplica-se ali à zona em geral semi-árida do interior, sujeita a secas periódicas e caracterizada em termos socioeconômicos, desde o século XVIII, pelo predomínio da pecuária extensiva (a “civilização do couro”), em contraste com a faixa litorânea, dominada pela cultura da cana e pelo complexo cultural dela derivado. (ALMEIDA, 1999, pp. 53-54):

O sertão nordestino é uma região longe dos grandes centros urbanos e que possui uma maneira de viver bem particular, haja vista que o povo habitante dessa região vive em constante comunhão com a natureza, dependendo dela para sobreviver. Por ser uma área onde é comum a ocorrência de secas, seus residentes vivem um permanente drama diante desta realidade: ao mesmo tempo que a natureza proporciona seu sustento, também proporciona a

catástrofe, tendo essa população que se adaptar a condição de vida que lhe é imposta. Castro (1984, pp. 175-176) caracteriza:

[...] Nesta extensa zona semi-árida que constitui a hoje chamada área do polígono das secas, vivem cerca de sete milhões de habitantes, num regime que tem como alimento básico o milho. É esta zona das secas uma área alimentar do milho. Do milho associado a outros produtos regionais, em combinação as mais das vezes felizes, permitindo que, fora das quadras dolorosas das secas, viva esta gente em perfeito equilíbrio alimentar, num estado de nutrição bastante satisfatório, e que nas épocas de calamidade possua energia e vigor suficientes para sobreviver ao flagelo, evitando o despovoamento da região.

Como o autor discute, o sertão é uma região de vida difícil e que acomoda uma grande população, vivendo principalmente do trabalho com a terra, sendo o alimento principal o milho, ligado às questões de nutrição para sobrevivência. Estando salvos (ou não) da seca, os sertanejos são pessoas que vivem muito bem com a sua realidade, sabendo conviver em consonância com o lugar, pois mesmo diante das adversidades possuem a força e a fé para passar pelos momentos de dificuldades e resistir à fome, à morte dos entes queridos. Por essa razão, esse povo resistente continua em sua terra, mostrando uma energia que lhe é única.

Mais quem é esse sertanejo? Em que ele se diversifica dos outros tipos do Nordeste? Albuquerque Júnior (2013, p.186) nos esclarece sobre as especificidades dos tipos sociais que povoam o Nordeste:

O nordestino é construído através do agenciamento de uma série de imagens e enunciados que constituíam tipos regionais anteriores. Para esta construção confluem os tipos regionais que corresponderiam às chamadas áreas etnográficas em que estaria dividida a região, áreas demarcadas por diferenças naturais, pela formação racial particular de sua população ou, mesmo, por um processo histórico de colonização, ocupação e exploração econômica distintas, que seriam: o sertanejo, habitante do sertão das caatingas, do clima semiárido, produto do caldeamento do branco com o índio, ligado à ocupação do interior e à atividade pecuária; o brejeiro, habitante da zona intermediária entre o sertão e o litoral, áreas úmidas, de relevo mais elevado, produto do cruzamento entre brancos e negros, dedicando-se às atividades de subsistência ou trabalhando na produção de cana-de-açúcar; e o praieiro, que habita as praias largas e arenosas do litoral, produto dos mais variados cruzamentos raciais, dedicando-se à atividade pesqueira.

O Nordeste é constituído por diversos tipos regionais que se diferenciam por: a) questões naturais – de acordo com o ambiente, as condições climáticas –, b) as raças – o cruzamento de quais raças resultou neste tipo –, c) a ocupação – o meio de trabalho e também do modo de vida que levam, como convivem com o meio. Tudo isso *define* tipos regionais e, entre estes tipos, temos o sertanejo, o brejeiro, o praieiro, cada qual com suas particularidades que os fazem singulares com o seu jeito de viver e sua relação com seu pedacinho de Nordeste.

O clima é a principal característica do sertão nordestino, que se destaca pelo tempo seco, com escassez de chuvas, de forma irregular, com altas temperaturas o ano todo e um baixo grau de umidade, o que isenta de diversas doenças tropicais. Decorrente destas irregularidades de chuvas, a fome se apresenta como a principal praga no sertão, que afeta o povo sertanejo, deixando marcas, por vezes, irreversíveis. Toda a paisagem, o solo, a fauna e a flora, a maneira das pessoas viverem, trazem em si marcas provindas da falta de água, ou seja, toda a paisagem sertaneja carrega em si a fisionomia sofrida de uma realidade difícil (CASTRO, 1984).

Para compreender o sertão/sertanejo na literatura brasileira temos de olhar, primeiro, para o Romantismo para entender como se iniciou esta tentativa de mostrar um tipo regional que manifestasse, de forma mais característica, a identidade brasileira, ou seja, uma figura que mostrasse a verdadeira cara do Brasil, um Brasil puro, livre de influências estrangeiras. A busca por essa a literatura autenticamente brasileira passa a assumir uma grande tendência nacionalista (ALMEIDA, 1999).

José de Alencar ganha grande evidência, durante essa fase, na tentativa de mostrar um herói brasileiro no qual pudéssemos enxergar um representante de nossas origens: “Tratava-se, para a jovem nação, de encontrar heróis e mitos nacionais que pudessem ser contrapostos àqueles com que os românticos europeus vinham povoando poemas e romances históricos [...]” (ALMEIDA 1999, p. 28). Com isso, por meio das personagens em constante harmonia com o ambiente onde vive, nasce o desejo de apresentar um herói brasileiro, uma figura capaz de representar o Brasil com características genuinamente da terra, herói esse que Alencar enxergou inicialmente no índio.

Na sua obra *O guarani* (1857), com fortes características épicas, Alencar apresenta o índio Peri como o grande herói nacional capaz de atitudes grandiosas. “Alencar, ao procurar – como artista, não como antropólogo – dar tratamento épico e simbólico às raízes da formação brasileira, valorizando o traço nativo, conferirá a um índio transformado em herói a função de representar o mundo americano” (ALMEIDA, 1999, p. 34). O romancista procurou exaltar a

nação, mostrando qualidades puramente brasileiras, apresentando o índio como um herói nacional.

A primeira forma cabal de expressão do nacionalismo literário romântico no Brasil foi, pois, o indianismo. Firmado na poesia com Gonçalves Dias (1846), encontra no romance sua expressão mais acabada em Alencar, em *O guarani e Iracema*. Ubirajara pertence a uma fase em que a contribuição do indianismo, em termos de fixação de um mito da nacionalidade, se enfraquecera (ALMEIDA, 1999, p. 38).

A primeira forma de afirmação nacional aconteceu com a representação do índio na poesia de Gonçalves Dias, mas seu melhor momento foi com Alencar, com romances que mostraram, de uma forma bem acabada, essa intenção de elevar o índio à posição de herói da nossa terra.

Entretanto, o tal ideal de nacionalidade foi aos poucos se exaurindo e outra figura foi ganhando espaço, o sertanejo: “À proporção em que o índio, enquanto potencial de expressão mítico-heróica, começa a se esgotar, outro tipo humano entra em cena: o sertanejo, o homem do interior, das regiões pouco afetadas pelo contato externo” (ALMEIDA, 1999, p.38).

Na literatura, o sertão ganha destaque por se apresentar como o lugar que melhor representa a nação, uma região que possui uma brasilidade escondida, sendo o sertão um lugar quase sem influências estrangeiras e que mantém a essência local. O sertão não é visto como território, mais sim como um ambiente substancial, emocional, cultural em que o modo de vida apresenta-se com particularidades que o difere das demais regiões. Discutir sobre essa região, logo, serve como uma crítica à cultura de importação, para desfazer o achismo de que tudo que é bom vem de fora e diminuir a subserviência aos padrões culturais importados. Destarte, o sertão vem apresentar a verdadeira essência brasileira onde se escondem nossas raízes (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011).

O regionalismo busca nas regiões essa essência nacional, já perdida nos grandes centros, por meio de costumes, da cultura, modo de vida, e o sertanejo é visto como essa figura ainda pura que muito bem representa um ideal de nacionalidade.

Gilberto Freyre destaca essa brasilidade ausente em grandes centros e ainda viva no Nordeste:

Aviva-se entre os nordestinos a consciência de representarem um Brasil mais brasileiro que o representado no Rio, por exemplo: e sob essa consciência o

desejo de procurarem animar a sua vida em expressões novas, modernas, atuais, do espírito tradicionalmente brasileiro (FREYRE, 1976, p. 276).

O autor ressalta essa fuga de origens que acontece nos grandes centros. Lá não encontramos essa nacionalidade genuína que represente o país, devido às influências estrangeiras. Já o Nordeste possui raízes profundas com uma cultura viva e uma forma de viver peculiar, que o destaca como uma região na qual encontramos um Brasil sem influências externas, um lugar puramente brasileiro.

O desejo regionalista de mostrar as especialidades de cada região, o que cada lugar tem de bom e de ruim, retratando esses lugares para descortinar um Brasil que não era conhecido pela grande massa, apresentando características legitimamente brasileiras, realiza-se nos interiores onde se encontram raízes preservadas.

Desta maneira, o sertão e seu povo, o sertanejo, ganham grande destaque na literatura regionalista brasileira, isso por manter suas raízes, preservando e valorizando sua cultura, mantendo um modo de vida particular em um lugar que também se diferencia de qualquer outro por possuir uma paisagem única com seus sabores e dissabores.

A “virada” de herói do índio ao sertanejo surge com a obra de Alencar, *O sertanejo* (1875), que, quando a ideia do índio como herói nacional perde forças, aparece como essa figura representante da identidade nacional. A intenção de Alencar nessa obra traduz tudo o que o regionalismo busca, sendo assim a principal obra regionalista romântica.

No Alencar de *O sertanejo* convergem as duas tendências românticas: a de buscar a pureza nas origens – a ação é recuada para o século XVIII, quando o sertão cearense ainda se apresentava em sua primitiva rusticidade (o povoamento dessa região data de fins do século XVII) – e a de valorizar a cultura popular, vista como repositório precioso da “alma de uma nação”. A esses dois movimentos caberia acrescentar um terceiro, caracteristicamente brasileiros: o recuo no espaço, como meio de recuar no tempo e reencontrar a autenticidade (ALMEIDA, 1999, p. 59).

O ambiente em que se passa a obra junto com os costumes das pessoas e o modo bem peculiar de viver em constante conexão com o meio, revela uma brasilidade não vista em outra região, porque as origens estavam preservadas sem interferência de costumes externos, exibindo a “alma da nação”, sua pureza. O sertão de *O sertanejo* e de outras obras regionalistas é um lugar que preserva suas raízes, mantendo vivos seus costumes e tradições.

Da mesma forma que Alencar fez com o índio, com o sertanejo não foi diferente, pois o construiu dotado de características que o elevam, moldando a imagem de um novo herói nacional. Sobre essa grandeza épica, Almeida (1999, p. 61) acrescenta:

Os dois elementos que ocuparão o centro de interesse da obra são aí apresentados: o sertão e o vaqueiro – o espaço e o herói; ambos em uma ótica de engrandecimento que lhes confere dimensão épica. O sertão e o vaqueiro convergem na figura de Arnaldo, que representa o papel de uma daquelas “individualidades mais pujantes [...]”.

A imagem do vaqueiro, uma figura bem representativa do sertão, é desenhada por Alencar com características grandiosas de herói no romance mítico, o homem sertanejo em concordância com a natureza.

Esta imagem de herói pode ser aqui exemplificada com o capítulo “Alvorço”, quando Arnaldo enfrenta e domina um tigre diante do susto que todos sentiam: “Nessa ocasião ramalhou o mato; logo depois abriu-se a folhagem e apareceu Arnaldo puxando pela orelha a um tigre enorme, que o seguia gacheiro e humilde” (ALENCAR, 2004, p. 68). Todos se admiraram com o ato de coragem do sertanejo ao sair do mato com a fera, além disso, Alencar também mostra a conexão de Arnaldo com o tigre submisso ao herói romântico.

A paisagem retratada em *O sertanejo* é muito importante para a construção da história, assim como é em qualquer obra regionalista, mas que, diferentemente das obras que vieram depois também ambientadas no sertão, esta não dá ênfase ao drama natural, aos temas como a seca, a aridez, contudo coloca em destaque as riquezas e belezas exibidas em tempos de abundância. O tom épico que assume a obra vem da forma de apresentação do sertanejo em comunhão com o meio, uma terra jovem, como é o Brasil do tempo, sendo a obra considerada a de maior êxito no regionalismo mítico romântico. (ALMEIDA, 1999).

O sertão continua a percorrer um caminho por várias épocas e escolas literárias como o Realismo, Naturalismo, Pré-modernismo, Modernismo e Tendências Contemporâneas. Albuquerque Júnior (2013, p. 157) faz um pouco desse traçado:

A própria literatura, do final do século XIX, que participou ativamente não só da construção das identidades provincianas, mas da construção de tipos regionais, que serão incorporados ao nordestino, também estava vazada em modelos científicos naturalistas quando não românticos. Romances como *Aves de arribação*, de Antônio Sales, que tem como subtítulo: “um romance cearense” e que participa da elaboração da figura do retirante das secas e do sertanejo; *O cabeleira* de Franklin Távora, o primeiro romance a tornar o

cangaceiro um personagem de literatura; *Luzia Homem* de Domingos Olímpio, que participa da elaboração da figura da “mulher macho” sertaneja, e *O sertanejo*, de José de Alencar, por exemplo, fornecem imagens e enunciados de cunho determinista e racial que serão incorporados à figura do nordestino.

O autor supracitado assinala a presença do sertão e tipos regionais em algumas obras. Numa sequência cronológica, *O cabeleira* (1876), de Franklin Távora, é a obra romântica que vem logo após *O sertanejo*.

A narrativa traz para o mundo da literatura a figura do cangaceiro, tendo como protagonista José Gomes que, junto ao seu pai, de quem recebeu influências do cangaço, e seu bando causam terror por onde passam. Mas ao encontrar com Luísa, um amor que ele estima desde seu passado, antes da vida cruel que leva, com quem decide fugir, deixa a tropa de cangaceiros. Todo o grupo foi preso e o mais valente e perigoso, o cabeleira, ficou livre, já regenerado, pois promete a sua amada não continuar na vida de crimes. Luísa morre e o cangaceiro é preso, todavia mantém sua palavra de não matar mais, é condenado à forca e morre arrependido dos seus atos criminosos. Esta obra, pois, exhibe um sertanejo que, por ter uma realidade difícil e com influxos do pai, segue uma vida na qual, mesmo inclinada à justiça, as influências externas levam a um caminho comprometedor. Sua regeneração é uma apologia aos valores românticos, por vezes confundidos com os burgueses.

Já *Luzia Homem* (1903), obra do Realismo, traz para primeiro plano a mulher que possui características convencionalmente atribuídas ao homem, pois Luzia é uma retirante que enfrenta uma grande seca com uma força que a fazia se destacar entre os homens. O autor Domingos Olímpio trouxe para o romance a figura da mulher-macho, expressão também muito usada no Nordeste quando a mulher se dedica a funções culturalmente associada aos homens.

Essa ideia ainda paira nos dias de hoje nesta região, exemplo disso é a canção *Paraíba* do cantor Luiz Gonzaga que foi composta ainda no século passado, mas sua mensagem permanece viva na atualidade na memória das pessoas, a qual mostra que nessa terra de vida difícil até a mulher é “macho”: “Paraíba masculina, muié macho, sim sinhô”. Esse trecho da canção indica a Paraíba como uma terra “de macho”, expressão que aponta, regionalmente, para força, resistência e coragem, em que as mulheres também se encaixam.

Aves de arribação (1914), de Antônio Sales, é essencialmente naturalista. A narrativa traz à tona o ambiente já no seu título, com aves características do sertão e do

cotidiano de seus moradores, mostrando a importância que a paisagem tem para manifestar com realismo o lugar e seus habitantes.

Apesar de narrar uma história em tempos bons para a caatinga, a obra, implicitamente, compara personagens às aves de arribação, as quais levantam voo em épocas desfavoráveis. Igualmente, de Ipuçaba, no interior do Ceará, saem personagens como Bilinha e Cazusa, quando não encontram situação proveitosa para suas particularidades. Ipuçaba só é lugar de escolha quando a fartura preenche as lacunas dos personagens como das aves.

A pré-modernista *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha, foi criada a partir de reportagens produzidas pelo jornalista para *O Estado de S. Paulo* no fim da campanha de Canudos. O romance está dividido em três partes: a primeira parte, denominada A Terra, expõe a vegetação durante a seca, a qual toma de conta da paisagem, e suas consequências; a segunda parte, intitulada por O Homem, traz a figura de Antônio Conselheiro, chefe de um grupo em Canudos, capítulo esse que elucida a concepção naturalista de homem como fruto do meio onde vive, condicionado a seguir um caminho determinado, herdado do próprio destino; por fim, a terceira parte, A Luta, apresenta as batalhas que resultaram em muitas mortes de jagunços. (MOISÉS, 2012).

De acordo com Albuquerque Júnior (2013), esse romance é um marco na literatura regionalista brasileira, tendo grande importância na busca das origens do país e que aclara um olhar específico sobre características físicas e psicológicas do sertanejo.

Euclides, ao afirmar em seu romance que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2014, p. 146), evidencia uma característica psicológica desse tipo nordestino, que é ser corajoso e resistente, pois enfrenta todas as dificuldades impostas pela vida sertaneja sempre com a força de um guerreiro que trava as mais duras batalhas contra a seca, a fome, a morte. Essa característica contrasta com a física que esse mesmo homem forte mostra por fora: “A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas” (CUNHA, 2002, p. 146). Euclides afiança que o sertanejo tem uma aparência sofrida, torta, mas é isso resultado de uma vida dura, de luta pela sobrevivência, a aparência se abate e se enfeia, contudo a força que vem de dentro o faz resistir.

O regionalismo sertanista aos poucos vai ganhando novas preocupações. No Romantismo tinha como principal foco mostrar uma figura que representasse o país mostrando as raízes de uma forma mítica. No Realismo, essa mesma figura assume características verossímeis e perde a grandiosidade com que era vista. Já no Pré-modernismo

aparece a inquietação em mostrar como vivia o sertanejo, brotando com Euclides um tom de denúncia social.

O regionalismo tem seu grande momento a partir do Modernismo de 1930, talvez porque os escritores que falaram sobre o sertão nesse período viveram essa realidade, pois eram naturais dessa área. O tom denunciador se consolida sempre com intenção semelhante: revelar a região e alcançar de fato uma literatura brasileira que dê protagonismo ao que é da terra.

A segunda geração do Modernismo, também conhecida como regionalismo de trinta, passa a olhar para regiões como o Nordeste com romances que têm como uma de suas principais características a denúncia social, indicando a relação das personagens com o meio em que vivem.

Nos anos 30, uma verdadeira explosão de criação ficcional marca fase nova e particularmente fecunda no desenvolvimento da moderna literatura brasileira. Conquanto o fenômeno não esteja circunscrito ao Nordeste [...] constitui fato inegável que foram os escritores nordestinos que maior repercussão obtiveram junto ao público, de tal forma que para muitos a noção “romance de 30” de tal forma acha-se estreitamente associada à de romance nordestino [...] (ALMEIDA, 1999, p. 203).

O romance de trinta, apesar de não ter se restringido a falar apenas sobre o Nordeste, inspirou-se nele e caracterizou “o forte” declarado por Euclides da Cunha. Na escrita destes autores regionalistas, percebemos uma grande preocupação em despontar o sertão nordestino real, por meio de descrições minuciosas do ambiente e com a construção de personagens que apresentam de forma verossímil o sertanejo. Autores como Raquel de Queiroz, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Jorge Amado escreveram sobre o drama do nordestino, dando relevo aos menos favorecidos para tornar visíveis os problemas que atingem o sertão e a vida do sertanejo, elevando temas como o coronelismo, o cangaço, a seca, a fome e os retirantes.

O chamado “romance de trinta” institui como “temas regionais”; a decadência da sociedade açucareira; o beatismo contraposto ao cangaço; o coronelismo com seu complemento: o jagunço e a seca com a epopeia da retirada. Esses temas, presentes na literatura popular, nas cantorias e desafios, no discurso político das oligarquias, foram agenciados por essa produção literária, tomando-os como manifestações que revelariam a essência regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.137).

O romance de trinta fala de questões que exploram a essência da região sertaneja do Nordeste, representando o seu povo e suas relações com o meio. Vários romancistas criaram obras ambientadas no sertão nordestino, região que tem por característica o trabalho com a agricultura, o sol forte e grandes períodos sem chuva, dando evidência às dificuldades existentes por estas causas.

A vida do sertanejo é marcada pelo drama da terra, pois o seu cultivo é o único meio que possui para trabalhar e sobreviver, conseqüentemente, quando é castigada pela seca, que agrava diretamente a vida das famílias, gera um ambiente de “[...] miséria de suas camadas populares, as injustiças sociais a que estavam submetidas e, ao mesmo tempo, resgatar as práticas e discursos de revolta popular ocorrido neste espaço” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 208).

As obras que trazem o sertão nordestino como verdadeiro protagonista é uma literatura social, que se interessa por refletir sobre as injustiças e a classe dominante que se utiliza da força de trabalho dos menos favorecidos, não lhes assistindo nos tempos miseráveis. Daí começa a saga deste nordestino, trilhando seu caminho frente às dificuldades impostas pela vida sertaneja, com os mantimentos se acabando e um sonho de encontrar um lugar com oportunidades.

O quinze (1930), de Rachel de Queiroz, primeiro romance da então jovem escritora e uma das obras pioneiras nessa fase regionalista da década de trinta, apresenta o sertão nordestino dando ênfase a três aspectos importantes para se enxergar a seca e suas conseqüências: 1) como a seca atinge pessoas de classe sociais distintas; 2) como cada um reage às dificuldades impostas; 3) e a paisagem que se modifica, virando um cenário de desespero diante da catástrofe natural. Nesta obra, paisagem e personagens entram em constante sintonia e o sofrimento de uma reflete na outra, sertão e sertanejo como um só.

A saga da família de Chico Bento do interior para Fortaleza a pé e sem recursos, e o amor de Vicente pela terra em decadência, resistindo a abandoná-la, retratam sertanejos fortes e amantes de seu lugar de origem. O primeiro sai do sertão pela falta de escolha, o segundo tenta afrontar a seca, diz-lhe não. Rachel fala com maestria sobre o sofrimento causado por uma seca que marcou época e a vida dos que por ela passaram, a seca de 1915, de tal modo que o título da sua obra se resume a esta data.

Em *Menino de engenho* (1932), José Lins do Rego mostra o sertão sob a ótica de Carlinhos, narrador personagem, que em idade adulta fala de um sertão visto pelos olhos de uma criança. Carlinhos, filho de uma mãe assassinada pelo pai, descobre a beleza da terra e a alegria de viver nela ao precisar morar com o avô:

— Agora vamos saltar — disse-me ele.

E na primeira parada deixamos o trem, com grande pena para mim. Na estação estava um pretinho com um cavalo, trazendo umas esporas, um rebenque e um pano branco. O meu tio estendeu o pano branco na anca do animal, montou, e o pretinho me sacudiu para a garupa. Era o meu primeiro ensaio de equitação.

— O engenho fica ali perto.

Eu ia reparando em tudo, achando tudo novo e bonito. A estação ficava perto de um açude coberto de uma camada espessa de verdura. Os matos estavam todos verdes, e o caminho cheio de lama e de poças d'água. Pela estrada estreita por onde nós íamos, de vez em quando atravessava um boi. O meu tio me dizia que tudo aquilo era do meu avô. E com pouco mais avistava-se uma casa branca e um bueiro grande. (REGO, 2003, p. 9)

Não obstante o apego ao passado e receio com o que vai encontrar no seu futuro, as novas experiências levam o personagem a se harmonizar com o lugar onde viveria os melhores momentos de sua vida. Esse contato com a natureza, com os costumes do sertão e, principalmente, com o engenho marca profundamente sua vida desde a infância, pois ainda sob o olhar de criança entende e vive os modos peculiares do cotidiano sertanejo.

Graciliano Ramos vem com a temática sertanista em *Vidas secas* (1938), vista como uma das principais obras acerca da realidade do sertão. Esse romance tem como principal foco uma família de retirantes de pouca instrução e que se sente inferior à sociedade. Fabiano, sinha Vitória, o menino mais velho, o menino mais novo e a cachorra Baleia compõem os retirantes numa saga tão seca quanto a da família de Chico Bento em *O quinze*. A seca como castigo, como catástrofe, como impulso para mudanças obrigatórias, mas nem por isso bem-vindas, é também característica da vida seca dos personagens de Graciliano. O “bicho” Fabiano é o retrato do resignado, do ignorante, do pobre, não qualquer pobre, não qualquer bicho, mas o sertanejo forte, “capaz de vencer dificuldades” (RAMOS, 2014, p. 8).

Os capítulos que iniciam e encerram a narrativa, “Mudança” e “Fuga”, respectivamente, confirmam não somente as mudanças obrigatórias impelidas pelo fenômeno climático, como também o tom cíclico de um sofrimento do qual não se sai.

Jorge Amado trouxe o sertão para sua obra com o romance *Seara vermelha* (1946). O baiano pinta um sertão com muitos tipos sociais que habitam este ambiente, fazendo uma representação completa do lugar onde a natureza é pano de fundo para o desenrolar de diversos fatos. A família de retirantes é o principal foco e por meio dela se apresentam outros tipos dessa terra como o cangaceiro, representado por Lucas Arvoredo e seu bando temido por todos; o beato Estevão, que andava todo o sertão seguido por fiéis, levando um conforto por

meio da fé para os que sofriam com a seca (uma lembrança de Antônio Conselheiro?); os retirantes, como Jerônimo e a família.

A fuga da família, saindo de sua terra, faz-nos perceber os danos da seca não só na vida destes personagens, mas também na de vários outros diante da descrição do ambiente e dos acontecimentos que se sucedem ao longo da viagem. O autor exhibe uma realidade difícil, na qual a morte e o sofrimento acompanham a família de Jerônimo por onde passa.

Após esta década de grandes mudanças na literatura regionalista, principalmente a que representa o sertão, há outros autores que se destacam ao falar desta temática na geração a partir de 1945.

Uma obra deste momento literário muito importante para o regionalismo sertanista é *Grandes sertões: veredas* (1956)¹, de João Guimarães Rosa. O enredo traz como protagonista o jagunço Riobaldo, ao lado de seu grande amigo, Diadorim, uma mulher que se disfarçava de homem para exercer o papel de jagunço.

Mais uma vez a figura da mulher possui características que, por convenção, a masculinizava, aparecendo de novo no romance a famosa mulher-macho (Sim, sinhô!) que assume atividades rústicas. É por essa mulher disfarçada de homem que Riobaldo nutre um grande sentimento sem saber que não era Diadorim apenas um companheiro de batalhas, porém uma mulher intensa.

Nesta obra, as batalhas entre bandos rivais são muito bem retratadas, característica da história no sertão, com protagonismo ao jagunço e às lutas e com uma história de amor irrealizável pelas convenções sociais e pelas circunstâncias das pequenas guerras.

O sertão, assim como em outras obras regionalistas, permanece sendo fundamental para a construção da obra, sendo relevante de tal forma que já no título aparece esse ambiente, descrito em vários momentos detalhadamente:

Dormiu-se bem. De manhãzim – moal de aves e pássaros em revoo, e pios e cantos – a gente toda discorria, se esparramava, atarefados, ajudando para o derradeiro. Os bogós de couro foram enchidos nas nascentes da lagoa, e enqueridos nas costas dos burrinhos. Também tínhamos trazido jumentos, só modo para carregar. Os cavalos ainda pastavam um pouco, do capim-grama, que tapava os pés deles. Se dizia muita alegria. Cada um pegava também sua cabaça d'água, e na capanga o diário de se valer com o que comer – paçoca. (ROSA, 2006, pp.46-47)

¹ Esta obra é ambientada no sertão de Minas Gerais e da Bahia. Mesmo que se caracterize por questões também de fora do Nordeste, a presença do sertão baiano justifica a presença da narrativa neste trabalho.

Nesta passagem, podemos ver o despertar do dia no sertão, onde a natureza é próxima dos personagens com seus costumes e deveres diários. Os animais aparecem como um importante aliado para o sertanejo, como no caso do burrinho e os jumentos para carregarem água, os cavalos que são mostrados em meio à grama, aparecendo o sertão em tempo de fartura ao som dos pássaros. Deste modo, o sertão que se faz presente no romance está descrito com realismo desde a fauna e a flora ao costume do sertanejo e o seu trabalho com a natureza.

Fora da produção romanesca, duas obras desta época merecem destaque quanto à vida sertaneja. São elas *Morte e vida Severina* (1955), de João Cabral de Melo Neto, e *Auto da compadecida* (1955), de Ariano Suassuna.

Sobre a primeira, o título da obra já esclarece o sofrimento do personagem e da sua trajetória desejosa de um lugar melhor para (sobre)viver e, por isso, migra em busca de tal ambiente que lhe proporcione uma vida digna. O grande entrave desta caminhada é que na procura de vida os encontros são com a morte.

Este é um texto em que morte e vida andam juntas, lado a lado, acompanhando os tipos sociais que povoam o sertão nordestino, os Severinos, nome este que o autor utilizou para denominar o ser humano marginalizado habitante da região. Ao empregar “severina” como adjetivo, a escrita generaliza o termo e fala de um modo de vida específico, o sofrimento causado pela seca. Na passagem a seguir, o retirante cansado exprime a ideia do adjetivo:

— Desde que estou retirando
 só a morte vejo ativa,
 só a morte deparei
 e às vezes até festiva;
 só a morte tem encontrado
 quem pensava encontrar vida,
 e o pouco que não foi morte
 foi de vida severina
 (aquela vida que é menos
 vivida que defendida,
 e é ainda mais Severina
 para o homem que retira).
 Penso agora: mas por que
 parar aqui eu não podia
 e como Capibaribe
 interromper minha linha?
 (MELO NETO, 1988, pp. 79-80)

Severino representa o próprio sofrimento da vida sertaneja e da condição difícil de retirante em busca de vida e encontros com mortes, daí ser esta uma vida Severina da qual queria se livrar quando migrou, porquanto esta vida é “ainda mais Severina para o homem que retira”, para o homem de sobrevida, de busca de esperança abortada pelas mortes também severinas, conseqüentes não de escolhas, mas de circunstâncias. Embora a morte seja o grande entrave do caminho, o personagem segue-o até encontrar o sorriso de vida. Um forte.

Ariano Suassuna também fala da vida sertaneja com uma característica que o diferencia de todos os outros regionalistas sertanistas: o humor. Ele abrange problemas sociais presentes nesta região de uma forma leve. O drama do sertanejo se transforma e ganha uma alegria que também é uma característica deste povo.

O autor indica que, apesar das causas árduas, o sertanejo é um povo feliz e esperto. Em *Auto da compadecida*, a esperteza do sertanejo é muito debatida em tom de humor por meio do personagem João Grilo, que, pela astúcia (na falta de um recurso palpável), sempre tem uma saída para os problemas.

O texto causa riso ao discutir temáticas sérias como a corrupção na igreja, a exploração do trabalho dos menos favorecidos, a divisão de classes sociais e privilégios. Essa alegria que o escritor coloca em suas obras serve como uma forma de fuga das personagens para não encararem os dissabores do sertão de uma forma tão sofrida. No diálogo a seguir podemos identificar alguns temas debatidos na obra:

ENCOURADO - Ele e a mulher foram os piores patrões que Taperoá já viu.
 MULHER- É mentira!
 JOÃO GRILO- É não, é verdade. Três dias passei..
 MANUEL- Em cima de uma cama, com febre, e nem um copo d'água lhe mandaram. Já sei, João, todo mundo já sabe dessa história, de tanto ouvir você contar.
 JOÃO GRILO- Mas eu posso? Me diga mesmo se eu posso! Bife passado na manteiga pra o cachorro e fome pra João Grilo. É demais!
 ENCOURADO- Avareza do marido, adultério da mulher. Bem-medido e bem-pesado, cada um era pior do que o outro.
 JOÃO GRILO- Está aí Chicó que o diga.
 MANUEL- Chicó?
 JOÃO GRILO- Ah, é verdade, Chicó ficou. Já estava tão acostumado a aperrear pobre de Chicó que me esqueci de que ele tinha ficado. É um amigo meu.
 MANUEL- Eu o conheço, estou até de olho nele por causa das histórias que vive contando.
 JOÃO GRILO- Aquilo é o sol. Não vá ligar isso não. O sol do sertão é quente e Chicó começa a ver demais. É o sol.
 (SUASSUNA, 2014, pp.134-135)

Entre outras questões, no julgamento são debatidas temáticas como a exploração do trabalho por meio do padeiro e sua mulher como patrões ruins e desumanos, pois deixavam seus trabalhadores passarem fome e não os ajudavam nem em um momento de doença. João Grilo se compara ao cachorro e se vê tratado pior que o bicho (talvez o bicho Fabiano... João Grilo era também capaz de vencer dificuldades).

Considerando as obras mencionadas e brevemente discutidas, a temática sertanista está presente em vários momentos da literatura brasileira, percorrendo um trajeto que mostrou o sertão de maneiras distintas, pois a forma romântica que Alencar apresentou o sertão em *O sertanejo*, engrandecendo-o e dando-lhe ares de herói, é diferente da forma realista como o sertão é apresentado por Antônio Sales em *Aves de arribação*. Isso pode ser confirmado já na forma como o ambiente é trazido nas duas obras: Alencar não dá prioridade ao sofrimento causado pela seca, preferindo exibir as belezas dos tempos de abundância, diferentemente de Antônio Sales, que já anuncia as mudanças de vida causadas por tempos desfavoráveis.

A literatura sertanista vai gradativamente evoluindo ao longo do tempo, ganhando novas formas e apresentando o sertão e o sertanejo por outras lentes, outros olhares. Podemos constatar essa mudança que a literatura sertanista passa na caracterização literária feita do sertanejo, ou seja, a forma como esse tipo é apresentado nas obras regionalistas ao longo do tempo. A imagem do sertanejo é inicialmente construída sob uma visão romântica, sendo apresentado como um herói, todavia esse mesmo sertanejo vai ganhando novas formas sob a ótica realista, perdendo essa imagem pintada com as cores do Romantismo e assumindo uma forma verossímil que condiz com o real, perdendo o caráter mítico romântico.

Já no Pré-modernismo, com Euclides da Cunha, o sertão é retratado de uma maneira que também o diferencia dos anteriores, o autor eleva a terra e a forma de o homem lidar com esta, apresentando o sertanejo em sua convivência com o outro e suas lutas. Euclides foi além dos seus antecessores, fazendo uma obra que não é só realista, porém, que possui um caráter documental, pois o autor viveu em Canudos e falou sobre o que viu. E não falou somente do homem e sua relação com o espaço, ele expõe também a relação entre os homens quando aborda as lutas.

Aparece em Euclides um grande diferencial, pois olha o sertão com uma visão de denúncia social, não sendo somente a apresentação de uma figura, o sertanejo, que represente a nação, mas uma abordagem desta figura que precisa ser vista com outros olhos por esta nação. Em *Os sertões* foi apresentada a paisagem, o povo e também a violência em meio à miséria resultante do castigo da seca.

No regionalismo de trinta, a grande maioria dos escritores, por serem naturais do sertão, produzem romances mais próximos da realidade, criando uma obra engajada com questões sociais, com o caráter de denúncia social se fazendo mais presente quase em tom de protesto. Os autores desse período apresentam uma região decadente, onde o sertanejo, que, inicialmente em Alencar, era visto como herói, chega à segunda geração do modernismo em *O quinze* de Rachel, *Vidas secas* de Graciliano e *Seara vermelha* de Amado com a imagem de fracasso, condicionados a trilhar um caminho de miséria, todavia lutando a cada dia para sobreviver a essa realidade.

Na contemporaneidade a temática sertanista aparece junto com a liberdade estética ainda mais consolidada e cada autor tem um modo distinto de mostrar o sertão. João Cabral em *Morte e vida Severina* traz o sertão por meio de um poema, um poema dramático em que o sertão é ligado à morte ou a uma vida difícil de se encontrar. Já em Ariano, o sertão aparece com todas as dificuldades que são comuns a essa terra, porém com o bom-humor sertanejo que também ajuda a vencer dificuldades, causando riso ao discutir temáticas sérias.

A cada passo que a literatura sertanista dá, escritores olham para o sertão com novas preocupações. Assim, a evidência de ambientes e pessoas de uma forma que ainda não tinham sido vistas. Não que essas obras se diferenciem em tudo, mas cada uma tem a visão peculiar de seu escritor, que a torna única, e isso vai enriquecendo o regionalismo com obras que se continuam e se completam.

De acordo com a breve discussão sobre a presença do sertão na literatura é lúcida uma constante modificação que ocorreu ao longo do tempo na forma como o sertão/sertanejo é representado, ao passar por diversos períodos literários as necessidades e inquietações dos autores são outras. E essas diferenças enriquecem a literatura sertanista, trazendo para a literatura novos modos de ver essa região e descortinando a realidade desse lugar.

Como este trabalho objetiva analisar as configurações do sertanejo nas obras *O quinze*, *Vidas secas* e *Seara vermelha*, é importante que conheçamos o universo da literatura regionalista da década de trinta, de seus principais autores e também dessas obras em específico, para que, com isso, possamos analisar as construções de seus protagonistas sertanejos.

Para isso, o capítulo que segue introduz o Modernismo da década de trinta e destaca os autores e respectivas obras que falam sobre o sertão. Já que se trata de uma época literária em que os escritores, vários deles, são nordestinos e, por isso, deram vez a esta região brasileira, discorreremos sobre a relação dos autores das obras aqui estudadas com o sertão.

Falaremos, portanto, das obras *corpus* deste estudo, às quais nos deteremos mais, e de outras que também têm o sertão como cenário principal da narrativa.

2 UM BRASIL REVELADO NO ROMANCE DE TRINTA: ESCRITORES PINTAM O SERTÃO REAL

*Prepare o seu coração pras coisas que eu vou contar
 Eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão
 Eu venho lá do sertão e posso não lhe agradar
 Aprendi a dizer não, ver a morte sem chorar
 E a morte, o destino, tudo, a morte e o destino, tudo
 Estava fora de lugar, eu vivo pra consertar
 [...]
 Boiadeiro muito tempo, laço firme e braço forte
 Muito gado, muita gente, pela vida segurei
 Seguia como num sonho, e boiadeiro era um Rei
 Mas o mundo foi rodando nas patas do meu cavalo
 E nos sonhos que fui sonhando, as visões se clareando
 As visões se clareando, até que um dia acordei
 Então não pude seguir, valente em lugar tenente
 E dono de gado e gente, porque gado a gente marca
 Tange, ferra, engorda e mata, mas com gente é diferente
 (Geraldo Vandré e Théo de Barros)*

O Modernismo no Brasil surgiu com o objetivo de fazer uma arte estritamente brasileira, rompendo com estilos anteriores e tendo como marco inicial a Semana de Arte Moderna, pois mesmo que antes da semana, realizada em 1922, esse movimento já se fizesse presente, foi através dela que o Modernismo se afirmou, ganhando, assim, força. O período antecedente à semana de 22 do século passado, já com prenúncios modernistas ficou conhecido por Pré-modernismo.

Esse movimento propõe uma renovação artística que busca uma liberdade estética. Essa fase iniciada em 1922, denominada por primeira geração do modernismo, acabou por se restringir mais a um “projeto estético”, ou seja, seu maior interesse estava em criar novas formas de fazer arte, valorizando a liberdade e o desprendimento com padrões anteriores: “João Luiz Lafetá, em estudo notável sobre a crítica literária no Modernismo, opõe a ideia de um ‘projeto estético’, que teria dominado os anos 20, a um ‘projeto ideológico’ que passa a prevalecer na produção intelectual a partir do decênio de 30” (ALMEIDA, 1999, p. 201).

O modernismo de 22 foi dominado por uma preocupação voltada mais ao estilo e à revolução na arte, enquanto que a partir de 1930, quando se inicia a Segunda Geração do Modernismo, os autores falam em seus textos de temas voltados para questões sociais, tentando mostrar a realidade vivida. Trata-se de uma fase que trouxe à literatura um “projeto ideológico”, ideia compartilhada também por Bueno (2015), originando uma literatura

engajada, que mostra questões da sociedade desconhecidas por muitos. Na geração de trinta os artistas destacam os problemas do Brasil.

É como se o modernismo se justificasse plenamente a partir de seu segundo momento. A eventual falta de seriedade do movimento – expressa naquela imagem do garoto vaiando – se justifica diante do que ele permitiu que surgisse. Dessa forma, a geração de autores que apareceram nos anos de 30 é ao mesmo tempo herdeira e legitimadora do movimento de 22, cuja grande contribuição foi abrir a porteira para o que se realizaria em seguida: os novos romances, os estudos sobre os problemas brasileiros (BUENO, 2015, p. 55).

O revolucionário primeiro momento do Modernismo marcado pelo desejo de se fazer uma arte genuinamente brasileira propiciou que acontecesse no seu segundo momento, em trinta, essa tomada de consciência dos problemas que afetavam as diversas regiões do Brasil, surgindo assim o regionalismo de trinta, destacando especificidades de cada região.

Em trinta, “Os escritores agora parecem mais preocupados com o questionamento direto da realidade do que com a renovação da linguagem narrativa” (ALMEIDA, 1999, p.204). No Regionalismo dessa época, escritores ressaltaram em suas obras as especificidades de cada região. Neste viés, o romance nordestino assume uma posição de destaque em que os autores, naturais da região, voltaram seus romances para questões sociais situadas, entre outros, no sertão nordestino, trazendo obras ambientadas no Nordeste com o sertanejo e suas famílias como protagonistas.

Esta região ganhou destaque e com êxito, expondo e analisando situações numa região pouco falada e, mais que isso, pouco analisada anteriormente: “Para tanto contribui decisivamente o sucesso alcançado pelos escritores do Nordeste, todos eles marcados, em maior ou menor grau, por uma visão sociológica da realidade” (ALMEIDA, 1999, p. 204). O Nordeste ganha grande evidência no Regionalismo de trinta, trazendo à tona problemas sociais que afetam a vida do povo sertanejo, mostrando uma visão da realidade vivida nessa região (apesar de haver outras regiões retratadas em várias obras).

O final da década de vinte e, principalmente, a década de trinta marcam a transformação da literatura regionalista em “literatura nacional”. A emergência da análise sociológica do homem brasileiro, como uma necessidade urgente, colocada pela formação discursiva nacional-popular, dá ao romance nordestino o estatuto de uma literatura preocupada com a nação e com seu povo, mestiço, pobre, inculto e primitivo em suas manifestações sociais. A literatura passa a ser vista como destinada a oferecer sentido às

várias realidades do país; a desvendar a essência do Brasil real (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.123).

Como diz o autor, a literatura regionalista implica uma consciência nacional por falar de temas específicos da nossa terra, fazendo uma análise das diversas realidades do nosso país e do seu povo, mostrando o modo de viver das distintas regiões do Brasil. O romance nordestino aparece preocupado com as diferentes realidades do sertanejo, o rico e o pobre, os opressores e os oprimidos. Destarte, a literatura vem mostrar as especificidades de cada região do país, desbravando um Brasil real.

O próprio surgimento do que passa a ser chamado de “romance de trinta” ter-se-ia dado pela identificação completa dos autores com sua paisagem, com seu meio, passando a senti-lo, a vê-lo, a dizê-lo como nunca se fizera antes. Para Paulo Cavalcante, esse romance expressava uma realidade coletiva, fiel às tendências de um povo e às características de uma região, relacionando as lembranças dos autores ao que havia de mais essencial na estrutura da sociedade. Uma literatura verdadeiramente brasileira por estar ligada à região que menor influência estrangeira havia sofrido e também por ser a síntese de todas as suas contradições, os contrastes sociais e naturais (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.124).

Muitos autores dessa geração olharam para sua terra natal, apresentando uma realidade que, na maioria das vezes, vivenciaram ou ouviram seus familiares falarem sobre temas regionais. Escritores dessa fase modernista sentiram a necessidade de mostrar um Brasil desconhecido por muitos, para isso pintaram o sertão nordestino real com seus sabores e dissabores. O sertão aparece no regionalismo como uma região “pura”, isso por ter recebido menos influências estrangeiras e isso justifica a consciência nacional que houve por meio da literatura sertanista.

A autora Raquel de Queiroz retratou em *O quinze* (1930) a grande seca de 1915, que deixou marcas na vida do povo cearense. Ela, natural do Ceará, retratou em sua obra como ricos e pobres reagiram a essa seca. Esse retorno dos autores, como a cearense, para suas raízes, deu-se pelo desejo de representar a realidade de uma maneira objetiva, sendo as principais inspirações as lembranças, trazendo uma descrição fiel da paisagem e da população.

Tais autores fizeram uma literatura verdadeiramente brasileira por tratarem de temas bem particulares de algumas regiões, produzindo uma literatura que fala de um Brasil real,

mostrando particularidades naturais e sociais, ressaltando os problemas que afetam cada região, revelando a imagem de um país “atrasado”. O romance de trinta traz uma construção de personagens principais vítimas de diversos problemas, condenados a trilhar um caminho de miséria, a figura de um derrotado que vive uma realidade regional, para evidenciar os problemas e as injustiças sociais.

Os personagens do “romance de trinta” são típicos, tipos fixos que mesmo diante de todos os conflitos internos e dos dissabores externos que enfrentam ao longo da trama, nunca chegam a se negar a si mesmos; eles têm garantida a continuidade de “um modo de ser”, de “um modo de pensar”, de “um modo de agir” regional (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, pp. 126-127).

Esses personagens, apesar do cruel destino e de todo sofrimento enfrentado, mostram sempre a força de seguir lutando, carregam consigo seus princípios e raízes e lutam para sobreviver com o pouco que possuem.

Do outro lado, está o característico coronel rico e explorador, além de personagens bem característicos que representam o sertão nordestino, os romances trazem fenômenos naturais dessa região como o sol incandescente e a seca que prejudica diretamente as famílias que vivem do cultivo da terra. O ambiente é um elemento tão importante quanto os personagens, pois é a partir da minuciosa descrição do lugar que se mostra o real do Nordeste com suas características mais simples.

A seca surge na literatura como aquele fenômeno detonador de transformações radicais na vida das pessoas, desorganizando as famílias social e moralmente. A seca é responsabilizada, inclusive, pelos conflitos sociais na região, pela existência do congaceiro e do beato, naturalizando-se as questões sociais, Se o sertão pega fogo, é graças ao sol inclemente (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.139).

Os problemas naturais são apontados como o principal motivo da desestabilização social, causadas pela falta de trabalho e conseqüentemente de renda. Assim, ameaçados pelo cruel destino, os personagens são colocados diante do dilema de ficar e morrer na sua terra natal ou seguir em busca de um lugar desconhecido onde possam conviver de maneira digna.

Deste modo, a segunda geração do Modernismo revela o constante conflito do sertanejo com o meio onde vive, afetado pelas causas naturais que atingem o Nordeste e vítima de uma desigualdade social impulsionada por uma sociedade corrupta e injusta.

Logo, o Modernismo, que teve inicialmente um momento de revolta preocupado com o estético em 22, veio em 30 com o desejo de revelar o Brasil legítimo numa perspectiva mais ideológica. O Nordeste ganhou destaque nessa geração, com muitos autores nordestinos que se inspiravam na sua região para escrever romances que desbravassem a realidade do seu lugar, autores como Raquel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, cujas obras que exploram o sertão serão comentadas a seguir.

2.1 A seca em Rachel de Queiroz

A jornalista, cronista, romancista e dramaturga Rachel de Queiroz ganha um lugar de destaque na literatura brasileira, sendo uma das melhores escritoras que o Brasil já viu e sendo também a primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras.

Seus romances impressionam por seu olhar maduro sobre o mundo e por fazer uma ficção engajada. Suas obras mostram seu lado humano preocupado com os problemas que enxerga na sociedade, pois ela dá voz ao povo por meio de seus personagens que convivem com os mesmos problemas que a sociedade real enfrenta, tornando seus romances um reflexo da vida real. Por isso, podemos dizer que ela desenha de forma verossímil a sociedade, uma sociedade injusta, apresentando, por meio da ficção, sua revolta e sua sede de mudança.

A região em que a autora nasceu também foi responsável pela literatura social que ela criou, serviu como inspiração para sua vasta criação literária, da qual muitas histórias se passam nesse ambiente. A escritora, natural de Fortaleza, cedo foi morar na cidade de Quixadá, onde levou uma vida sertaneja que lhe serviu de inspiração para suas mais famosas obras, *O quinze* (1930), primeira obra da escritora, e *Memorial de Maria Moura* (1992), seu último romance. Essas obras, que abrem e fecham a ficção da escritora, são ambientadas no sertão nordestino e despontam o modo de viver desse lugar, com seus problemas provindos de questões naturais e também sociais.

Dessa maneira, Rachel tem propriedade ao falar da sua terra, o sertão nordestino, isso por possuir um conhecimento profundo da realidade da região, além de um comprometimento com o povo sertanejo, fazendo-os serem vistos. Em seus romances, a autora deixa transparecer sua indignação quando aponta uma sociedade corrompida.

Na esteira do regionalismo, Raquel de Queirós compôs dois romances de ambientação cearense, *O Quinze e João Miguel*. Em ambos revela notar uma prosa enxuta e viva que seria depois tão estimável na cronista Raquel de

Queirós. Confrontados com *A Bagaceira*, esses livros podem dizer-se mais próximos do ideal neo-realista que presidiria à narrativa social do Nordeste (BOSI, 1994, p.396)

Raquel traz em algumas de suas obras esse romance sertanejo, não sendo só ambientado no sertão, mas mostrando particularidades da vida nessa região, mostrando o drama da terra e a vida incerta do sertanejo que vive do cultivo da terra.

No seu romance de estreia, *O quinze*, a jovem escritora comove por sua maneira realista de falar sobre o sertão nordestino, destacando os problemas naturais e sociais que afetam a região, colocando em palavras o sofrimento que ela pouco viu, mas que ouvia falar sobre uma seca que marcou época, a grande seca de 1915, lembrada com muita dor por quem a vivenciou.

Em 1915, a família, que há dois anos voltara a morar em Fortaleza, testemunha uma das maiores e mais devastadoras secas já havidas no Ceará (assim como outra, tão implacável quanto, em 1919), experiência que marcaria fundo o espírito e a memória da futura romancista. Mal vencida a adolescência, Rachel transformaria aquelas fortes lembranças na literatura de *O Quinze*, como os cearenses se referiam ao flagelo por que passaram naquele ano (CAMINHA, 2010, p. 7).

Sua família tendo vivenciado a catástrofe que foi essa seca, inspirou a autora a falar sobre essa realidade do Nordeste no sertão, que precisava ser vista e ouvida por outras pessoas. A narrativa indica como a seca atingiu as diferentes classes sociais que vivem no sertão e, mais do que isso, como cada tipo social reagiu e vivenciou esse momento difícil, época de grandes dificuldades, o que deixa transparecer o que o ser humano tem de melhor e pior.

O romance já começa com a ameaça da chegada da seca e a experiência do povo do sertão já o faz perceber a aproximação de tempos difíceis. Conceição, ao observar o céu, coloca em prática sua experiência de sertaneja, compreende o tempo e constata “– Eh! Lua limpa, sem lagoa! Chove não!...” (QUEIROZ, 2004, p. 12). Logo no início do romance, a fé de Conceição e dona Inácia se mostra como o maior refúgio para elas enfrentarem esse tempo difícil que se anuncia. Mulheres boas e de alma caridosa assistem e vivem a seca, sofrendo com cada um dos flagelados e animais que não tinham o que comer. Mesmo em um lugar com tanta miséria, a condição financeira delas as colocava em uma situação confortável, mas

ambas não se acomodavam, ajudando como podiam aos menos favorecidos, na esperança de dias melhores.

Vicente é também pertencente à classe social alta e mostra verdadeira paixão pela natureza e pelos animais (famintos), mesmo passando por diversas dificuldades faz de tudo para manter os bichos vivos e ajuda como pode os necessitados. Ele aparece como um sertanejo inato que não desiste do sertão e honra a vida que leva, provando que não é só uma questão de lucrar com o que faz, porém uma maneira de viver e isso faz dele um verdadeiro “homem da terra” que não desiste diante das adversidades. Esse seu comprometimento e seu lado humano aparecem desde o início do romance, quando cuida do gado já com os recursos escassos e pensa como enfrentar o tempo ruim que vem chegando:

Encostado a uma jurema seca, defronte ao juazeiro que a foice dos cabras ia pouco a pouco mutilando, Vicente dirigia a distribuição de rama verde ao gado. Reses magras, com grandes ossos agudos furando o couro das ancas, devoravam confiadamente os rebentões que a ponta dos terçados espalhava pelo chão.

Era raro e alarmante, em março, ainda se tratar de gado. Vicente pensava sombriamente no que seria de tanta rês, se de fato não viesse o inverno. A rama já não dava nem para um mês (QUEIROZ, 2004, pp.14-15).

As primeiras consequências da seca já brotam e podem ser vistas na aparência do gado magro, Vicente os alimenta pensando no que vai fazer para atravessar esses tempos difíceis e salvar tanta rês, o dilema do sertanejo é saber qual é a forma de salvar o máximo de rês possível. Pensa em levar os animais para a serra, mas sabe que lá também o tempo é de dificuldade, não estando nenhum lugar no sertão isento da catástrofe que se anunciava. Ao observar a situação dos animais cobertos de carrapato e diante de uma seca que já era certa, o vaqueiro chega a se lastimar pensando no que vai vir pela frente.

Vicente lastimou-se:

– Inda por cima do verãozão, diabo de tanto carrapato... Dá vontade é de deixar morrer logo!

– Por falar em deixar morrer... O compadre já soube que dona Maroca das Aroeiras deu ordem pra, se não chover até o dia de São José, abrir as porteiras do curral? E o pessoal dela que ganhe o mundo... Não tem mais serviço pra ninguém.

Escandalizado, indignado, Vicente saltou de junto da jurema onde se encostava:

– Pois eu, não! Enquanto houver juazeiro e mandacaru em pé e água no açude, trato do que é meu! Aquela velha é doida! Mal empregado tanto gado bom!

E depois de uma pausa, fitando um farrapo de nuvem que se esbatia no céu longínquo:

– E se a rama faltar, então, se pensa noutra coisa. Também não vou abandonar meus cabras numa desgraça dessas... Quem comeu carne tem que roer os ossos... (QUEIROZ, 2004, pp.15-16).

Ao pensar na situação que se encontra o gado e no verão, Vicente prevê o trabalho que vai ter numa batalha quase que já perdida para a seca. Por um instante sente vontade de largar tudo aquilo, sendo isso mais um pensamento de momento do que uma vontade, mas ao saber que a dona Maroca tinha ordenado seu vaqueiro se a chuva não chegasse, o sertanejo se revolta e mostra que não desiste do sertão, do que é seu, disposto a sofrer até as últimas consequências sem desistir da vida sertaneja, que é sua essência. Se viveu nessa terra em tempos bons não é em tempo ruim que deve deixar de lado os animais e seus trabalhadores entregues à própria sorte.

Dona Maroca aparece como o oposto de Vicente, pois age cruelmente, mostrando que seu único interesse era o lucro, uma personagens que se apresenta de uma maneira muito desumana com sua atitude de se desfazer do gado, pois além de uma crueldade com os animais, atinge diretamente a vida do vaqueiro Chico Bento e sua família, que perdem seu meio de vida. Mas Vicente, dono de uma grande fazenda, assim como dona Maroca, age comprometido com a natureza e com seus trabalhadores, honrando a vida que leva, mostrando-se um sertanejo por natureza.

Albuquerque júnior (2011, p.162) fala dessas características do sertanejo inato que Rachel tão bem representou com o personagem Vicente.

Vicente, de *O Quinze*, é exemplo deste homem quase natureza, “bom de se ver e de se ouvir como uma bela paisagem, de quem só se exigisse beleza e cor”, um sertanejo puro, viril, “de uma fortaleza quase animal”. Homem capaz de construir seu espaço, de reconstruir a natureza à sua imagem e semelhança; homem e natureza se reencontrando sem a separação produzida pela modernidade. Um homem capaz de entender a natureza e ser entendido por ela. Homem bom e paternalista, que protege os mais fracos, que respeita a família, que vê o mundo a partir dos valores tradicionais sertanejos. Sertão do respeito filial dos empregados aos patrões, das senhoras carregadas de cadeirinha por seus moradores, da terra que se ama como um corpo querido, mas que também possuía males como a seca, a fome, o desprezo, a doença, as longas existências miseráveis.

O autor ressalta essa entrega que o personagem tem para a vida no campo, um sertanejo genuíno, que nasceu para isso e não sabe viver de outra forma, que sabe

compreender a natureza e viver em harmonia com ela. Que mantém vivo os valores do sertão, respeitando e ajudando os que precisam, sabendo lidar com os empregados, com a família e com a natureza em tempo de fartura e de escassez.

O cenário da seca acompanha os personagens por toda a obra, sendo o ambiente um verdadeiro protagonista. Rachel descreve minuciosamente o ambiente em que as ações se passam, desde as questões climáticas até a miséria que tomava conta do sertão. A descrição do ambiente, então, é fundamental para retratar com realismo o que se passou naquela seca. A modificação do ambiente pode ser comprovada nessa passagem que traz uma viagem de Vicente a casa de dona Inácia:

Novamente a cavalo no pedrês, Vicente marchava através da estrada vermelha e pedregosa, orlada pela galharia negra da caatinga morta. Os cascos do animal pareciam tirar fogo nos seixos do caminho. Lagartixas davam carreirinhas intermitentes por cima das folhas secas no chão que estalavam como papel queimado.

O céu, transparente que doía, vibrava, tremendo feito uma gaze repuxada.

Vicente sentia por toda parte uma impressão ressequida de calor e aspereza.

Verde, na monotonia cinzenta da paisagem, só algum juazeiro ainda escapo à devastação da rama; mas em geral as pobres árvores apareciam lamentáveis, mostrando os cotos dos galhos como membros amputados e a casca toda raspada em grandes zonas brancas.

E o chão, que em outro tempo a sombra cobria, era uma confusão desolada de galhos secos, cuja agressividade ainda mais se acentua pelos espinhos (QUEIROZ, 2004, pp. 17-18).

Por meio do olhar detalhista da autora, podemos constatar e sentir o ambiente desolador em que se transforma o sertão em época de seca, com a morte como parte do cenário, sendo vista por todo lado em um lugar cinzento composto por árvores e animais mortos, galhos e ossos secos queimados pelo sol, encontrados por toda parte. O sol e a queimadura aparecem de uma maneira insuportável que chega a nos fazer confundi-los com fogo queimando as pessoas e toda a vegetação, formando uma “caatinga morta”, como a própria autora coloca.

Em meio a tudo isso, só o sertanejo, acostumado com o sol do Nordeste, e o juazeiro, a única árvore que resiste a seca conservando o mesmo verde da época de inverno, o que a faz se destacar entre uma paisagem cinza, mantêm-se vivos, conseguindo resistir às adversidades do sertão.

A família de Chico Bento, retirantes vítimas dessa cruel realidade, seguem sem perspectiva nenhuma na saga do sertanejo que, assim como muitos outros, sai de sua terra em meio a caatinga, trilhando um caminho miserável, em busca de um lugar melhor onde

pudessem viver de maneira digna. No caminho, diferente do que ele e a família idealizaram, a miséria foi o que mais encontraram, testemunhando o desespero da fome, da sede, das doenças e da morte, consequências de uma seca impiedosa da qual tentavam fugir.

Essa família de flagelados em meio a tantas outras, carregando somente a esperança de encontrar melhores condições de vida, são vítimas das mais perversas consequências. A morte de um dos seus filhos, Josias, demonstra bem o sofrimento que essa família passou no sertão, sendo essa morte resultado de toda calamidade que passavam, o momento máximo do sofrimento em que se encontravam. Com muita fome, Josias decide comer mandioca crua, o que é uma substância venenosa, e, ao ficar doente, a família faz o que pode para salvá-lo, mas seu destino, assim como o de muitos que viram na estrada morrendo por consequência da seca, também foi a morte. Ali a seca fez somente mais uma vítima fatal, entre tantas incontáveis, que enseja um enterro improvisado pela família e uma descrição da morte como um descanso para uma alma sofredora.

La se tinha ficado o Josias, na sua cova à beira da estrada, com uma cruz de dois paus amarrados, feita pelo pai.
Ficou em paz. Não tinha mais que chorar de fome, estrada afora. Não tinha mais alguns anos de miséria à frente da vida, para cair depois no mesmo buraco, à sombra da mesma cruz (QUEIROZ, 2004, p.67).

Esse momento de tensão máxima em que um dos filhos do retirante perdera a vida, resultado da vida desumana que enfrentava, assinala uma realidade difícil do sertão, em que o sertanejo que vive do trabalho com o campo enfrenta uma realidade difícil, a qual, muitas vezes, obriga-o a migrar, como Chico Bento, enfrentando, assim, um destino de sofrimento. Mas como fica esclarecido no fragmento transcrito acima, o sofrimento de Josias foi reduzido, afinal, para que viver mais anos se cairia no mesmo buraco? Se teria esse mesmo fim? Essa morte é vista como um descanso para Josias, pois seu sofrimento acabou.

O outro filho do casal, o Duquinha, teve um destino diferente graças a sua madrinha, a bondosa Conceição, que pegou o menino para criar ao vê-lo muito debilitado, em uma situação desumana, só um milagre e os cuidados da madrinha poderiam salvá-lo.

– Trinta e nove e meio!
Conceição perguntou:
– Morre, doutor?
– Não sei... Esses meninos da seca são tão milagrosos que às vezes escapam...

E apalpando os bracinhos ressequidos como asas depenadas, as pobres perninhas atrofiadas:
 – Mas também que esqueleto a senhora foi arranjar! (QUEIROZ, 2004, p. 111).

No diálogo, podemos ver que o físico da criança é uma imagem atrofiada o que traduz o sofrimento no corpo dos mais pobres, que não tinham recursos nem para a alimentação. Tal imagem comprova o ambiente de miséria que tomava conta do sertão, onde a morte cada vez mais se fazia presente, vitimando os retirantes que se transfiguravam por fora, mas guardando uma força imensa por dentro, para lutar por vida contra uma seca que só lhes oferecia a morte. O Duquinha resistiu.

No final do romance, com a vida do sertão já completamente devastada por uma seca impiedosa, as primeiras chuvas começam a cair e dona Inácia, a qual tinha ido morar com Conceição em Fortaleza na época de seca, decide voltar para o Logradouro.

Na estrada já podia ser visto o ambiente mudando, o verde voltava a fazer parte da paisagem do sertão, entretanto as marcas da seca ainda permaneciam, pois para recuperar a vida que a seca levou ainda necessitava de tempo. A chegada de dona Inácia à sua casa comprova a falta de vida, porquanto, mesmo com chuva e o verde das plantas, a morte ainda fazia parte do ambiente sertanejo:

Ao ver sua casa, o curral vazio, o chiqueiro da criação devastado e em silêncio, a vida morta, apesar do lençol verde que tudo cobria, dona Inácia amargamente chorou, com a mesma desesperada aflição de quem encontra o corpo de alguém muito querido, que durante nossa ausência morreu (QUEIROZ, 2004, pp. 152-153).

Apesar dos benefícios já trazidos pela chuva, no sertão a situação continuou difícil, pois a seca tinha devastado tudo e deixado marcas profundas na natureza e na vida dos que ali viviam. As feridas abertas pela seca eram profundas na natureza e na alma dos que a vivenciaram, feridas que podem cicatrizar, mas as marcas da seca miserável evidenciam sofrimentos passados que deixam seus rastros. O ambiente não era o mesmo, estava morto, querendo reviver, mas ainda morto, e o povo que habita esse lugar iria viver o luto de todas aquelas perdas e tentar se recuperar para seguir em frente, pessoas que já não eram mais as mesmas de antes de 1915.

No segundo romance da escritora, *João Miguel* (1932), a história gira em torno de um crime cometido por um sertanejo, cujo nome dá título a obra. Nessa narrativa, Rachel traz

uma forte análise psicológica do personagem que não demonstra ter consciência do ato criminoso que executou, o que o insenta de qualquer sentimento de culpa. A história se passa no interior do ceará, assim como várias de suas obras que têm como ambiente o sertão nordestino, mas que diferente do seu romance de estreia, essa obra não traz como temática principal o trabalho do homem com a terra, tendo em primeiro plano temas como a solidão, a frustração, a angústia, sendo uma obra de forte cunho psicológico.

Memorial de Maria Moura tem como protagonista uma mulher cangaceira, que é vista como uma líder sertaneja respeitada por todos. A personagem se destaca por ir contra os padrões da época, haja vista viver em uma sociedade patriarcal e, mesmo assim, romper com padrões preestabelecidos por ser uma verdadeira mulher-macho, imagem comprovada por suas ações e também por sua aparência: “E então apareceu a Dona. Calçava botas de cano curto, trajava calças de homem, camisa xadrez de manga arregaçada. O cabelo era curto, junto ao ombro” (QUEIROZ, 2004, p. 14).

A protagonista de Rachel mostra a força que o sertanejo tem para enfrentar as mais diversas adversidades e talvez tenha criado essa imagem “masculinizada” como uma forma de defesa para conviver no meio dos homens em situações perigosas e ser respeitada por todos. (Na década de 30 e no contexto patriarcal, uma mulher que exhibe delicadeza e vestidos caros não seria respeitada como líder de homens).

Rachel, nas obras mencionadas e brevemente comentadas, refletiu sobre o sertão e seu povo por meio de uma representação fiel do ambiente e de figuras humanas, tendo como protagonistas figuras marginalizadas fadadas a um caminho de fracasso. Fica evidente que essa condição de fracassado não era um resultado pessoal, pois se trata de um fenômeno climático que os levou a isso, eram personagens levados ao fracasso sem culpa. Assim, por meio de dramas sociais que castigam a vida do sertanejo, a escritora traz em sua arte um tom de denúncia, falando de temas naturais e sociais que assolam o sertão cearense.

Por meio de suas obras, a autora dá voz ao povo enquanto população oprimida, que necessitava de ser vista e ouvida. Ela cria tipos sociais por meio de seus personagens, os quais representam toda uma classe.

Destarte, a jovem escritora de *O quinze* mostrou sua essência com sua forma forte, direta e natural de escrever, características que puderam ser observadas ao longo de sua grande produção, sempre tratando sobre problemas que assolam nossa sociedade, fazendo uma literatura engajada em que traz à tona uma realidade difícil.

2.2 Graciliano Ramos e o sertão

Graciliano Ramos foi um jornalista, cronista, contista e romancista, ele busca, por meio de seus romances, discutir sobre a condição humana geralmente trazendo como protagonistas heróis problemáticos, os quais viviam em um constante drama existencial, não aceitando a sociedade em que se inserem. O autor criou uma ficção psicológica na qual discute problemas existentes na nossa sociedade e coloca seus protagonistas em um constante debate acerca da sua própria existência e seu modo de viver.

É o Homem que está sempre em questão, e a perspectiva de análise é sempre dum homem determinado, cuja biografia conhecemos por testemunho direto ou por reconstituição biográfica. Pouco importa que esse homem se chame Valério, Paulo Honório, Luís da Silva, Fabiano, Mário ou Graciliano (CRISTÓVÃO, 1975, p. 17).

De acordo com o que o pesquisador defende, é a condição humana que está em questão nas obras de Graciliano. A partir de um personagem determinado, o autor discute temáticas universais, problemáticas que atingem pessoas além das páginas dos seus romances, pessoas reais e, por isso, pouco importa que o personagem se chame Luís ou Paulo, Fabiano ou o próprio Graciliano. Os problemas abordados afetam a sociedade com a qual o herói problemático não consegue conviver, porque ela prega valores que não vive.

O roteiro do autor de *Vidas Secas* norteou-se por um coerente sentimento de rejeição que adviria do contato do homem com a natureza ou com o próximo. Escrevendo sob o signo dialético por excelência do conflito, Graciliano não compôs um ciclo, um todo fechado sobre um ou outro pólo da existência (eu/mundo), mas uma série de romances cuja descontinuidade é sintoma de um espírito pronto à indagação, à fratura, ao problema (BOSI, 1994, p.402).

Graciliano mostra através de seus personagens a relação homem/mundo, trazendo o conflito do homem consigo mesmo e também com o meio onde vive. Desta forma, o leitor é colocado frente a problemas sociais que são abordados a partir de uma figura problemática, trazendo, com isso, uma crítica social, como entende Bosi (1994, p.402): “O realismo de Graciliano não é orgânico nem espontâneo. É crítico. O ‘herói’ é sempre um problema: não aceita o mundo, nem os outros, nem a si mesmo.” Por meio de seus personagens problemas,

trazendo uma visão crítica acerca da vivência humana, é evidenciado o que há de ruim e mais podre no ser humano.

Graciliano Ramos publicou diversos romances marcados pelo pessimismo, característica presente na ficção do escritor. Entre suas principais obras estão: *Caetés* (1933); *São Bernardo* (1934); *Angústia* (1936); *Vidas Secas* (1938). Entre suas obras se destacam ainda as memórias publicadas pelo autor que são: *Infância* (1945) e *Memórias do cárcere* (1953) os quais assumem um caráter biográfico.

Um pouco da história do autor pode ser compreendida por meio de sua obra memorialística. O escritor elucida fatos de sua vida por meio dessas obras em que tenta entender a sua própria existência. Por meio dessas lembranças e confissões, ele fala de problemáticas do eu Graciliano, mas que são problemas que atingem também a sociedade em geral, assim como em suas obras em que cria personagens e histórias para falar de temas que atingem a sociedade, por meio de suas memórias ele também trata sobre temas universais.

Infância é composto por um período da história de Graciliano que vai desde sua infância até a adolescência, assim é feito um retrato de sua meninice, descrevendo acontecimentos que construíram o adulto que ele passou a ser “Em *Infância* o autor procura ver no menino que foi, igual a todos os meninos, como se rompem as barreiras mentais e sociais para que o homem se possa construir como pessoa” (CRISTÓVÃO, 1975, p. 17). A opressão é recorrente na vida do menino Graciliano, em que principalmente sua mãe, com seu jeito ríspido de tratar o filho, e seu pai, dono de um autoritarismo que o sufoca, são os principais agressores, o que faz Graciliano ter uma infância difícil e dolorosa. Nesse livro, o escritor alagoano relata uma infância traumática, por ser vítima de um pai bruto ele passa a conhecer as injustiças sociais desde cedo. E essa opressão explica o olhar pessimista que o autor tem do mundo.

Além da relação conturbada com os pais, Graciliano esboça um quadro da sociedade em que cresceu, do sertão nordestino, e dos tipos sociais que habitavam nesse lugar, além disso, relata sobre sua vida estudantil, sua convivência com os professores, também como ele descobriu a leitura e como a leitura o fez descobrir novas realidades e finaliza com o início da vida sexual, o que marca o fim de sua infância. Logo, o autor busca colocar toda sua dor e sofrimento que passou em *Infância*, escrevendo uma autobiografia que deixa transparecer um trauma que carrega por ter crescido em meio a violência.

A sua vida no sertão e as consequências da seca que Graciliano relata em *Infância*, trazendo fatos que vivenciou, pois é natural do sertão Alagoano, são também vistos em sua mais conhecida obra sertanista, *Vidas secas*. Nesse romance o autor busca inspiração nas suas

origens, trazendo o protagonista Fabiano, um tipo que, junto com a sua família, representa muito bem a vida sertaneja do trabalhador rural entre as farturas da chuva e os sofrimentos na falta desta.

Essas duas realidades de tempos bons em época de chuva e a calamidade consequente da seca são representados na obra de Graciliano. A história retrata uma família de retirantes, que representa tantas outras, para mostrar a realidade sertaneja, olhando a sociedade “por baixo”. É por meio desse grupo marginalizado, à mercê de uma sociedade opressora, que podemos enxergar todo o resto, as pessoas prepotentes que se acham donas do poder por terem dinheiro ou um grande cargo.

Vidas secas está dividido em capítulos os quais apresentam detalhadamente a vida sertaneja. Para compreendermos melhor a obra, vamos ver do que trata cada capítulo e entender como Graciliano desenhou o sertão, mostrando a vida sertaneja diante de condições climáticas diversas e como os fenômenos naturais atingem a vida neste ambiente.

Já de início o autor mostra a realidade cruel que o sertanejo enfrenta em tempo de seca, no capítulo “Mudança”. Eis um título e uma descrição de situação de família rural que elucida uma realidade instável, por causa de um lugar incerto para viver, pois diante dos problemas provindos do tempo sem chuva, a família de retirante migra para sobreviver: “[...] Os infelizes tinham caminhado o dia inteiro, estavam cansados e famintos. Ordinariamente andavam pouco, mas como haviam repousado bastante na areia do rio seco, a viagem progredira bem três léguas [...]” (RAMOS, 2014, p. 9). A primeira aparição da família já é em uma caminhada cansativa vindo de longe e com fome.

Não era o início da seca ou a ameaça de tempos ruins, a seca já estava naquele lugar há algum tempo e suas marcas estavam por toda parte, nas ossadas espalhadas por toda a caatinga coberta por urubus. A natureza seca, onde era difícil encontrar uma sombra, tornara-se um verdadeiro cemitério, no qual o clima já tinha vitimado seres humanos e animais.

Diante da calamidade, toda a família se ajudava, até a famosa cachorra Baleia, considerada um membro da família, tomava a frente de todos, indicando o caminho a seguir.

A fome era muita, os mantimentos tinham acabado e as tentativas de achar alguma caça ou raízes todas fracassadas, e os flagelados decidem comer o papagaio de estimação, que seguia viagem com eles “Resolveram de supetão aproveitá-lo como alimento e justificara-se declarando a si mesma que era mudo e inútil” (RAMOS, 2014, pp. 11-12). Sinhá Vitória, no desespero da fome, comete essa atitude, que é providencial para diminuir a gravidade da situação que estavam passando e, para diminuir o peso de ter matado o animal de estimação, criou uma justificativa, enganando a si própria, para poder seguir a luta em paz e sem

remorso. Já Baleia, que comeu os ossos do amigo, às vezes procurava vê-lo e estranhava a sua ausência.

Ao avistar um juazeiro, Fabiano se apressa para alcançar a sua sombra, coisa rara em tempos secos. Na trajetória depois da sombra, a família encontra uma fazenda abandonada, sem vida, pois a seca não mata só pessoas, bichos, mas também lugares e esperanças. O lugar é descrito da seguinte forma: “Estavam no pátio de uma fazenda sem vida. O curral deserto, o chiqueiro das cabras arruinado e também deserto, a casa do vaqueiro fechada, tudo anunciava abandono. Certamente o gado se findara e os moradores tinham fugido” (RAMOS, 2014, p. 12). Aquele lugar que talvez tenha sido abandonado diante da desesperança que a seca causou nos donos foi a esperança que Fabiano e os seus encontraram como a salvação para o tempo ruim.

Ao perceber o tempo de chuva, o desejo de mudança toma de conta da mente confusa e sonhadora de Fabiano “[...] A lua estava cercada de um halo cor de leite. Ia chover. Bem. A caatinga ressuscitaria, a semente do gado voltaria ao curral, ele, Fabiano seria o vaqueiro daquela fazenda morta” (RAMOS, 2014, p. 15). A chuva seria um verdadeiro milagre que ressuscitaria a caatinga morta, e o retirante idealiza uma vida que não lhe pertence: ser dono daquela fazenda e possuir um lugar fixo para criar raízes. Sonha em viver com fartura em uma caatinga verde e sua, com os filhos felizes e gordos, uma idealização longe de sua realidade, do seu destino de submissão e retirada. Em “Mudança”, Fabiano finda achando que chegou ao seu destino, que era ali a última parada e vislumbra tempos de chuva e fartura para a sua família, desejando ter esse lugar para se fixar e não ter que se desgarrar sempre no meio da caatinga em época de seca.

No capítulo seguinte, denominado “Fabiano”, o protagonista reflete sobre a sua existência, a sua identidade e do desejo de sinha Vitória por uma cama de lastro de couro, quando ele mostra ter consciência do seu destino desgarrado, sem poder se prender a lugar algum, precisando migrar para sobreviver.

Sinha Vitória desejava possuir uma cama igual à de seu Tomás da bolandeira. Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mais sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo? E estavam ali de passagem. Qualquer dia o patrão os botaria fora, e eles ganhariam o mundo, sem rumo, nem teriam meio de conduzir os cacarecos. Viviam de trouxa arrumada, dormiriam bem debaixo de um pau (RAMOS, 2014, p. 23).

Dentro desse pequeno desejo da mulher morava um desejo grande: o de ter uma vida fixa sem necessitar das constantes viagens, com um futuro incerto e os mais variados locais para passar a noite. Naquela casa encontrada, a família queria criar raízes, queriam ter a oportunidade de trilhar uma vida diferente. Mas Fabiano tem um momento de consciência e mostra saber que a vida deles é passar por diversos lugares sem rumo, tentando sobreviver um pouquinho em cada canto. Não possuíam pertences, estando sempre com o pouco que tinham arrumado para a permanente viagem e dormida, da qual a mulher tanto reclamava, constituindo praticamente uma vida nômade.

No capítulo “Cadeia”, Fabiano foi preso injustamente, desse modo percebemos a prepotência das autoridades, hipócritas, que prendem sem motivo pessoas inocentes simplesmente por julgarem-nas inferiores, assim acabam usando seu poder contra trabalhadores que vivem uma vida correta, pessoas essas que as autoridades deveriam defender.

O capítulo é sucedido pelo intitulado por “sinha Vitória”, a mulher que permanece por toda obra com o desejo de ter uma cama digna, com uma insistência reveladora de sua resistência à vida que levava, desejando dignidade para viver como os que possuíam um lugar para morar.

Na casinha que acharam abandonada vivem dias bons, encontraram a estabilidade que desejavam: “Tudo ali era estável, seguro. O sono de Fabiano, o fogo que estalava, o toque dos chocalhos, até o zumbido das moscas, davam-lhe sensação de firmeza e repouso. Tinha de passar a vida inteira dormindo em varas?” (RAMOS, 2014, pp. 44-45). Essa família de retirantes por natureza pode se sentir firme e garantida em um lugar e gostava dessa vida, desse ar de durabilidade o qual impulsionava o desejo de uma dormida confortável.

Esse destino, que já tinha sido herdado dos antepassados do protagonista, pois Fabiano já tinha herdado do seu pai esse modo de vida desgarrado, agora já possuía a promessa da continuidade da linhagem, seus filhos, que também estão condicionados a trilhar uma sina de fracasso sem um lugar certo para viver.

No capítulo intitulado “O menino mais novo” o filho de Fabiano mostra grande admiração pelo pai, desejando ser como ele, aquele mesmo sertanejo que lida com a terra e veste o gibão de coroa para lidar com o gado.

O menino o via como a pessoa mais importante do mundo e tem vontade de ser como Fabiano, assim começa a imitar o pai em suas atividades: “Evidentemente ele não era Fabiano. Mas se fosse? Precisava mostrar que podia ser Fabiano. Conversando, talvez conseguisse explicar-se” (RAMOS, 2014, p. 15). Podemos ver nesse fragmento a continuação

do sertanejo que Fabiano era, que seu pai e avô também foram e que agora seu filho trilharia essa sina. Esta vontade ocorre talvez por ser o único modo de vida que conhecia e, com isso, desejava seguir os passos, pois aquilo era o que achava de melhor, via seu pai como grande e se espelhava nele.

A família não possuía muita instrução, era ignorante acerca de diversos assuntos, embora sinha Vitória se mostrasse mais esperta que os demais, compreendendo melhor o mundo e os números, até as contas de sinha Vitória faziam Fabiano perceber o roubo dos comerciantes. Possuíam um vocabulário reduzido o que os faziam ficar, na maioria das vezes, resignados ao silêncio. Os filhos, diante do silêncio dos pais, que possuíam uma dicção pobre, não conseguindo transmitir só com palavras os seus pensamentos e tendo que complementar com gestos, desconheciam diversos vocábulos e duvidavam que todas as coisas pudessem ter um nome, pois eram tantas as coisas e eles não conheciam quase nada. Os filhos são resultados de uma criação carente de conhecimento de mundo, pois viviam em seus microcosmos, vendo como exemplo somente os pais, os quais os agrediam com cocorotes, tidos como normais e necessários.

Ao tentar saber o que era “inferno”, no capítulo “O menino mais velho”, o filho busca uma explicação com sinha Vitória e, ao receber uma explicação superficial, questiona se ela já esteve lá, como ela disse que não, o menino desconfia da veracidade da sua resposta e tenta questioná-la, mas é respondido com cocorotes. Esse conhecimento tão limitado pode ser comprovado no fragmento a seguir:

O pequeno sentou-se, acomodou-se nas pernas a cabeça da cachorra, pôs-se a contar-lhe baixinho uma história. Tinha um vocabulário quase tão minguado como o do papagaio que morrera no tempo da seca. Valia-se, pois, de exclamações e de gestos, e Baleia respondia com o rabo, com a língua, com movimentos fáceis de entender (RAMOS, 2014, p. 57).

Ao contar uma história para a cachorra, o menino tinha que recorrer aos gestos, pois não conseguia transmitir as informações apenas com as poucas palavras que conhecia. Essa ignorância que tomava conta de toda a família, como dos animais, é resultado da vida que levava, desgarrada e sem viver em sociedade, com mais contato com os animais e com a caatinga, onde passava e se abrigava. Esta vida fechada despertava admiração com relação à fala das pessoas estudadas e os retirantes desejavam falar como elas.

Em “Inverno” o clima muda, muita chuva começa a cair na caatinga seca, a família se reúne ao redor do fogo para afastar o frio, a enchente carrega animais mortos e troncos de

árvores, levando embora a seca e trazendo tempos bons para o sertão, a natureza começava a renascer das cinzas e junto com ela a esperança dos sertanejos. Renova-se o desejo de mudança e a esperança por uma vida digna cresce a cada gota de chuva que caía.

As vacas vinham abrigar-se à parede da casa, pegada ao curral, a chuva fustigava-as, os chocalhos batiam. Iriam engordar com o pasto novo, dar crias. O pasto cresceria no campo, as árvores se enfeitariam, o gado se multiplicaria. Engordariam todos, ele, Fabiano, a mulher, os dois filhos e a cachorra Baleia. Talvez sinha Vitória adquirisse uma cama de lastro de couro. Realmente o jirau de varas onde se espichavam era incômodo (RAMOS, 2014, pp. 67-68).

Assim como a seca é a causa do desespero que se alastra no sertão, o inverno é motivo de alegria e de esperança. As famílias e os animais que vivem dos frutos da terra, só em tempo de chuva podem ter esperança que os dias vão melhorar. Daí a expectativa de Fabiano com a possibilidade de se fixar e viver em um cantinho seu, poder criar raízes e ter até a cama que sua mulher tanto deseja.

A diferença existente entre a vida dos retirantes e o povo da cidade pode ser percebida no capítulo “Festa”, em que é retratada a desigualdade social através de pessoas vivendo diante da mesma realidade climática, entretanto com maneiras de viver distintas. Na cidade, os flagelados achavam tudo diferente, desconheciam as coisas e os costumes da zona urbana e tudo era motivo de estranhamento. Com o seu jeito torto de ser, Fabiano e a família não se acostumavam com as vestes que usavam na festa. Aquele lugar não era compatível com a realidade dos retirantes e causa grande estranheza aos meninos que descobrem um mundo grande, diferente do mundo reduzido onde vivem: “Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente?” (RAMOS, 2014, p. 74). Os meninos começam a descobrir um mundo novo o qual não compreendem, não se sentiam parte dele.

Diante do novo mundo que se descortinava, os meninos se assustam por verem que, em relação a vida na cidade, seus pais, visto por eles como grandes pessoas, tornaram-se pequenos “Os meninos também se espantavam, no mundo, subitamente alargado, viam Fabiano e sinha Vitória muito reduzidos, menores que as figuras dos altares” (RAMOS, 2014, p. 74). Ao sair daquela realidade reduzida em que viviam e se verem diante da sociedade com diversos tipos sociais, os filhos perceberam o quanto eram pequenos. As realidades da vida na roça e na cidade se chocam e uma desconhece a outra, o olhar curioso dos retirantes questionam tudo e estranham aquele modo de vida.

Um dos momentos mais dramáticos da história está no capítulo “Baleia”, o qual narra a morte dolorosa e dramática da cachorra. Ela não era uma cachorra qualquer, pois ajudava a família a resistir à cruel caminhada, atenta a caçar algo para comerem, sempre consciente do que lhe restava, os ossos, pelos quais esperava ansiosa. Possuía uma inteligência muitas vezes maior que a dos seus donos, suas ações e sentimentos a aproximavam de características humanas, o que lhe conferia importância na vida familiar daquelas pessoas.

Ao cair doente, estando bem abatida e sem apresentar melhoras, Fabiano toma uma atitude drástica, matar a velha companheira de jornada. Ao ser atingida com um tiro, a cachorra foge atordoada e, em momentos de alucinação, deseja morder seu dono, mas a cumplicidade que lhe tem a faz desistir de qualquer atitude contra ele mesmo que este, neste momento, seja uma ameaça: “Não podia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas” (RAMOS, 2014, p. 89).

Já na ânsia da morte, a cachorra pensa que já é noite e estranha escutar o chocalho das cabras que deveriam estar presas. Começa a estranhar o lugar, os sons e começa a ter alucinações imaginando um mundo feliz:

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordos, enormes (RAMOS, 2014, p. 91).

Nesse momento de alucinação, Baleia mostra o seu desejo por mudança, a vontade de uma vida diferente em que eles pudessem ocupar um lugar digno na sociedade, diferente do mundo pequeno a que estavam acostumados.

O capítulo “Contas” traz as injustiças sociais para com trabalhadores rurais explorados por pessoas de boa posição social, que desvalorizam o trabalho dos pobres.

Em seguida temos o capítulo “O soldado amarelo”, um dos entraves da vida de Fabiano, que se encontra com um soldado, desafeto seu, o qual prende injustamente o pai de família, que cogita matar o soldado, mas não chega a cometer o crime.

Após esses capítulos que falam de problemas sociais, os problemas naturais voltam a ameaçar os flagelados no capítulo “O mundo coberto de penas”, no qual sinha Vitória começa a identificar sinais de tempos de seca e Fabiano já pensa nas consequências: “Suspirou. Que

havia de fazer? Fugir de novo, aboletar-se noutra lugar, recomeçar a vida” (RAMOS, 2014, p. 111). Ao se questionar o que fazer diante da seca, conclui que a solução é a mesma de sempre: mudar, migrar, fugir.

E o romance acaba como começou, com a família em retirada por causa da seca. A obra assume um caráter cíclico, pois essa família se encontra presa a este destino, tendo como futuro o mesmo que tiveram no passado e, desse modo, passado se confunde com o presente.

Por meio dessa obra, Graciliano desenha a saga do sertanejo a que esta família, assim como tantas outras, está condicionada a seguir, como se estivesse perdida em um labirinto sem saída, que a faz retornar sempre ao início, começando do zero e, à procura de uma saída, percorrendo os mesmos caminhos da fome.

No último capítulo, “Fuga”, os personagens voltam para a posição inicial e se veem diante de um só destino, fugir, destino esse que não aceitavam e nem acreditavam que voltariam à estrada como chegaram, sem nada: “A verdade é que não queriam afastar-se da fazenda. A viagem parecia-lhe sem jeito, nem acreditava nela. Preparara-a lentamente, adiara-a, tornara a prepará-la, e só se resolvera a partir quando estava definitivamente perdido” (RAMOS, 2014, p. 118).

Mesmo diante das dificuldades, Fabiano e sinha Vitória se enchem de esperança e idealizam um futuro melhor para seus descendentes, desejando um destino diferente do que eles tiveram para seus filhos:

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivariam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles. Sinha Vitória esquentava-se. Fabiano ria, tinha desejo de esfregar a mão agarradas à boca do saco e a coronha da espingarda de pederneira (RAMOS, 2014, p. 127).

Nesse momento, a família idealiza uma vida que desejava usufruir, em que seus filhos pudessem ter um destino diferente do que tiveram os adultos, com acesso à educação e conseguindo uma vida com oportunidades. Por um momento esquecem a realidade que estão vivendo e viajam na imaginação, sonhando com uma vida digna em que morassem na cidade, com os filhos estudando, mas lembram a vida no sertão sofrido, mandando sertanejos fortes como eles para a cidade. Graciliano fez um final sonhador, deixando a mensagem de como aquelas pessoas deveriam viver se estivessem em um mundo justo onde não fossem explorados.

Dono de uma ficção psicológica na qual coloca em debate as relações humanas, Graciliano discute sobre os distintos modos de vida, tendo como protagonistas heróis problemáticos que questionam sua existência e que, na maioria das vezes, se veem destinados a trilhar um caminho de fracasso. Destarte, por meio de seus romances, o escritor aborda temáticas presentes na nossa sociedade, como a seca, a ganância, o inconformismo, as injustiças sociais, tudo isso sob o olhar pessimista que retrata em seus romances, um mundo problemático em que a dor e o sofrimento, na maioria das vezes, constituem o que movimenta as ações dos personagens.

Portanto, o autor discute sobre a condição humana, trazendo problemas que atingem a sociedade para o centro da discussão, fazendo, assim, um retrato realista da relação do ser humano com o mundo em que vive.

2.3 O semi-árido também aparece em Jorge Amado

Jorge Amado é um “fecundo contador de histórias regionais, definiu-se certa vez ‘apenas um baiano romântico e sensual’. Definição justa, pois resume o caráter de um romancista voltado para os marginais, os pescadores e os marinheiros de sua terra [...]” (BOSI, 1994, p. 405-406). Esse autor busca, assim como outros de sua geração, inspiração no meio onde vive, trazendo a tona a realidade, principalmente do povo baiano, em suas obras de olhar crítico perante a sociedade.

Natural de Itabuna, na Bahia, trouxe para a ficção a realidade do povo baiano e criou uma vasta produção contando histórias desta terra, embelezou a literatura com fortes mulheres, falou do cacau gerador de renda nessa região, mas também falou de temáticas sociais e ambientais que atingiam esse lugar: a falsa moralidade, a sensualidade, a política, o coronelismo, o descaso com os menos favorecidos e também a seca.

O autor retrata o sertão nordestino trazendo à tona as particularidades dessa região, denunciando uma sociedade corrupta que se escondia por traz dos bons costumes e valores que pregavam, contudo não seguiam, apresentando a Bahia real por meio de uma literatura comprometida com questões sociais.

Seus romances, na maioria das vezes, trazem como figura principal heroínas, desenhando um perfil feminino revolucionário de mulheres possuidoras de ideias a frente do seu tempo e que não aceitam os padrões preestabelecidos, enfrentando a sociedade em busca de liberdade. As mulheres de Amado despertam grande admiração nos homens em meio a

uma sociedade na qual passam pelo julgamento dos que defendiam a boa moral. Seus romances falam de mulheres que vivem diferentes realidades, mas com um mesmo sentimento de liberdade, assim procuram viver como acham certo e não como a sociedade juga ser o certo.

As narrativas são ambientados no Nordeste, grande parte na Bahia, explorando especificidades da vida dos baianos e a sensualidade das suas mulheres. Também tratam de temas sociais da realidade do sertão, as lutas por terras, as riquezas provindas do cacau, a seca que prejudica a vida do sertanejo e as injustiças sociais.

Sua obra procura caracterizar o povo brasileiro, descobrir sua verdade interna, sua essência, retratar a verdade de sua visão e de sua fala. Quer configurar um povo e o povo para o Brasil, integrá-lo à vida nacional, à cultura do país, captando a sua originalidade. Busca desrecalar a face popular do país, destravar a língua do povo, abrir os seus olhos e da nação para seus problemas. Preocupa-se em fazer o país enxergar o seu povo com seus suores, cantigas, macumbas, prostituição, doenças, lutas, misérias e malandragens (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 239).

O autor busca mostrar a identidade do povo brasileiro, retratando de forma verossímil a vida do povo baiano, seja na zona urbana – mostrando a vida boêmia e a falsa moral que se escondia nas grandes famílias - seja na zona rural – mostrando o trabalho com a terra e o sofrimento do sertanejo enfrentando a seca e a sociedade corrupta. Podemos perceber que Amado falou dos mais variados temas em suas obras, com particularidades da Bahia, indicando a essência desse povo e seu modo de viver.

Por causa do seu envolvimento com a política, porque fez parte do comunismo, e as suas ideias revolucionárias propagadas por meio de suas obras, Jorge Amado foi exilado, tendo também algumas obras censuradas e também foi preso por ser contra o estado novo (Golpe de estado durante o governo de Vargas no Brasil). Esse seu envolvimento político influenciou a construção de suas obras, nas quais expôs suas preocupações, fazendo críticas a sociedade.

Entre seus principais livros estão *O país do carnaval* (1931); *Cacau* (1933); *Suor* (1934); *Jubiabá* (1935); *Mar Morto* (1936); *Capitães da areia* (1937); *Terras do sem-fim* (1943); *São Jorge dos Ilhéus* (1944); *Seara vermelha* (1946); *Os subterrâneos da liberdade* (1954); *Gabriela, cravo e canela* (1958); *Dona flor e seus dois maridos* (1966); *Tenda dos milagres* (1970); *Teresa Batista cansada de guerra* (1972); *Tieta do agreste* (1977). Suas

obras também invadiram as telinhas e as telonas, tornando Jorge Amado o escritor brasileiro que mais adaptações teve de obras tanto para a televisão quanto para o cinema.

Obras essas que em seu primeiro momento trazem o sertão nordestino para o primeiro plano, falando da relação do homem com a terra, como *Terras do sem-fim* e *Seara vermelha*, narrativas que tratam de questões ambientais e sociais em que o lugar interfere em todo o enredo.

Em seu segundo momento o autor trata sobre temas urbanos, pois mesmo que os romances se passem no sertão nordestino, as principais temáticas abordadas eram outras desligadas da terra. Dessa maneira, não são obras regionalistas e sim uma ficção de costumes como *Gabriela, cravo e canela* e *Tieta do agreste*, cujos temas trazem como foco a mulher revolucionária contra a sociedade hipócrita e mascarada pelo conservadorismo.

A obra regionalista de Jorge Amado *Terras do sem-fim* trata de disputas entre coronéis do cacau por terras. A obra gira em torno da rivalidade entre duas famílias numa luta pela posse de terras férteis e próprias para o plantio de cacau, grande fonte de renda na Bahia, tornando a região próspera e os coronéis ricos.

Já em *Seara vermelha*, Jorge Amado dá o protagonismo aos menos favorecidos numa história que gira em torno de uma família de retirantes, além de outros tipos que vivem no sertão nordestino, como o cangaceiro e seus jagunços, e o beato, figuras essas que, assim como os retirantes, são vítimas da crueldade do ser humano e da seca.

O romance dá início com o capítulo “Festa”, descobrindo um ambiente com chuva acalmando a população temerosa da seca, mas agora já com a certeza de fartura e tempos prósperos.

Depois da chuva tudo parecia ter uma fisionomia mais alegre. Artur olhou as árvores que se estendiam por detrás da casa-grande, os galhos docemente agitados pela brisa, e sorriu imaginando que as árvores estavam satisfeitas após a chuva tão esperada.

– Tive medo esse ano... – resmungou para si mesmo.

Mas a chuva viera bastante em tempo e as colheitas seriam fartas. Artur calculou a alegria que deveria reinar nas casas dos colonos e dos meeiros e foi então que decidiu ir à festa (AMADO, 1982, pp.15-16).

Nessa passagem podemos perceber a alegria que fica o sertão em época de chuva e, com ela, vem a certeza de fartura e prosperidade para o povo sertanejo, que vai colher suas plantações, fonte de renda nessa região e, por isso, enfrentavam a ganância do dono da fazenda que os exploravam, o Dr. Aureliano. Este tinha como capataz Artur, seu representante

na fazenda, fazendo os negócios vantajosos para os donos e desvantajoso para o trabalhador rural.

Neste contexto injusto, Artur reflete sobre sua posição de submissão: “Não era culpa sua. Cumpria com sua obrigação, apertava os homens no trabalho, apertava os meeiros na hora das contas, pagava os preços estipulados, puxava pela fazenda é bem verdade, mas afinal não era para isso que era capataz?” (AMADO, 1982, p. 16). Podemos perceber uma sociedade formada principalmente por opressores e oprimidos, na qual os poderosos das fazendas enricavam a custa da força de trabalhos do agricultor sertanejo, juntando grandes fortunas e entregando migalhas para os trabalhadores, que sobreviviam sem nenhuma garantia para o futuro.

Todo esse sofrimento os trabalhadores aguentavam calados, pois, mesmo que fossem explorados, tinham aquele lugazinho certo para morar e as terras disponíveis para tirar seu sustento. Diante de toda opressão, sentiam-se seguros, vivendo nessa situação, todavia tal segurança fica ameaçada quando a fazenda é vendida e o novo dono exige recebê-la sem nenhum colono ou meeiro, uma má notícia dada por Artur:

Artur recebe a carta volumosa:

– Felícia, traz o candeeiro...

A luz vermelha ilumina a carta datilografada. Lá na última página está a assinatura do doutor Aureliano, primeira coisa que Artur foi espiar. Começa a ler, a boca pronunciando as palavras em surdina. E seus olhos vão se abrindo, sua face vai se alterando. Felícia se alarma:

– Que foi Artur? Alguma desgraça? Que sucedeu ao doutor?

A voz de Artur é pesada:

– Vendeu a fazenda...

– Vendeu?

– e diz que é para despachar todos os colonos. Liquidar as contas de todos, até de Bastião, e mandar embora antes do novo dono chegar...

O mesmo pensamento, triste e sombrio, atravessa o coração de Felícia:

– E agora, meu Deus, como vai ser? (AMADO, 1982, p. 48).

A notícia desola os moradores e os deixam com um futuro incerto, pois toda a estabilidade que fazia as famílias se sentirem seguras acaba, cada um terá de trilhar seu caminho sem saber como seriam seus dias a partir dali. O pouco que ganhavam, fruto de muito trabalho, só dava para o dia a dia, não sobrando nada que lhes dessem uma segurança para enfrentar um momento de dificuldade, para enfrentar um tempo ruim de seca ou uma situação como essa, de novidade ruim e repentina.

A família de Jerônimo, o protagonista do romance, se vê sem outra auternativa a não ser migrar em busca de melhorias, caminhando na caatinga e enfrentando as duras consequências nessa travessia impiedosa. Em meio a essa caatinga seca onde o retirante aparece lutando contra as adversidades está também o beato e o cangaceiro.

E aqui surgem, no coração seco da caatinga, os beatos mais famosos, aqueles que arrastam multidão dramática no seu passo, enchendo o sertão de orações estranhas, de ritos superticiosos, anunciando pela boca repleta de profecias o fim do mundo e do sofrimento dos camponeses. Na caatinga habitaram Lucas da Feira, Antônio Silvino, Corisco e Lampião, hoje habita Lucas Arvoredado com seus jagunços. Na caatinga surgiram Antônio Conselheiro e o beato Lourenço. Do mais distante do deserto surge agora, com as mesmas alucinadas palavras de profecias, o beato Estevão (AMADO, 1982, p.57).

No romance amadiano não faltam essas figuras tão famosas e características dessa região, o cangaceiro e o beato, que andaram pelo sertão e estão na memória do povo. Lucas Arvoredado, é um cangaceiro comparado com figuras famosas no cangaço, como Lampião que muito aterrorizou o sertão nordestino e que deixou as pessoas cheias de histórias para contar para as novas gerações. Já o beato Estevão atravessa a caatinga fazendo profecias e orações, sendo acompanhado por uma mutidão, através de quem o autor deixa claro sua ispiração em figuras reais como Antônio Conselheiro. Nesse fragmento, Amado mostra as suas inspirações para criar essas figuras fantásticas que habitam o sertão e que junto com os retirantes vivem uma vida nômade e incerta, vivendo um dia de cada vez, sem ter segurança alguma para o dia seguinte. Albuquerque Júnior (2013, p. 168) discorre sobre esses tipos que habitam o sertão:

Mesmo as revoltas das camadas populares passam a ser explicadas, nesse discurso regionalista, como um reflexo da natureza regional ou como uma má adaptação de certos indivíduos a este meio. Fenômenos como o cangaço e o messianismo seriam produto da psicologia particular de uma plebe rural à qual faltava o auxílio dos governantes no sentido de se civilizar, ou seja, de ter as condições técnicas de dominar e vencer a natureza, dispor de educação suficiente para compreender racionalmente os mistérios da natureza, abandonando as explicações místicas, que levam “aos surtos de delírio coletivo”.

O autor supracitado mostra essa forma de viver de determinados tipos regionais como uma revolta sobre as condições de vida impostas aos menos favorecidos. Assim, procuram outra maneira de viver para enfrentar a sua cruel realidade, não sendo mais o

coitadinho injustiçado, mais sim um tipo regional que faz a diferença no meio em que vive e que é visto e respeitado por todos. Ignorados pela sociedade, sentem-se injustiçados e se revoltam contra ela. O cangaceiro, por exemplo, assume uma atitude agressiva contra a sociedade, já o beato faz profecias e leva a fé para os sofredores do sertão. Ambos são andarilhos que, assim como o retirante, fogem da dor e do sofrimento causados por questões naturais e por injustiças sociais.

Os cangaceiros e os beatos buscam a fuga da sua cruel realidade e escondem quem são por traz da figura temida que aterroriza o sertão ou a figura que é seguida por muitos fiéis que acreditam no que ele diz e o idolatram. Esses tipos conseguem o respeito da sociedade, afirmando-se socialmente, sendo figuras únicas e, agora, vistas por todos, mesmo que fossem admiradas ou odiadas.

Os retirantes, por sua vez, não se diferenciam entre si, todos têm o mesmo rosto, sendo os decadentes do sertão, frutos de todas as dificuldades dos tipos anteriores, mas que buscam fuga no trabalho e vivem de frustrações, sem encontrar trabalho por onde passam. Esses não se afirmam socialmente, sendo só mais um na multidão, com o mesmo semblante sofrido, carregando a mesma dor, o mesmo sofrimento.

Os cangaceiros e os beatos são pessoas de quem a população comenta suas histórias e feitos por todos os cantos, sendo quase uma lenda, como Albuquerque Júnior (2013, p.199) enfatiza:

Cangaceiros e beatos, tipos polares e complementares, seriam outras figuras sociais incorporadas à figura do nordestino, dando a este sua dupla face de violência e misticismo, quase sempre vividos de forma inseparável. O cangaceiro era uma especie de entidade semifantástica, mistura de gente e de lenda que abalara o sertão ainda não domado pela civilização. Cangaceiro seria um elemento rebelde à ordem e a qualquer disciplina social. [...] os cangaceiros seriam, pois, organizações psíquicas enfermiças onde despontaria a virulência de instintos de mestiço transviados das bandeiras, aterrorizando com os seus crimes os sertões do Nordeste. Mas isto só se daria por terem estes elementos dispersivos e maus encontrado um ambiente social propício a seu desenvolvimento.

Destarte, esses tipos são frutos da revolta do ambiente onde vivem e, com isso, buscam outras formas de viver e se afirmar socialmente, conseguindo reconhecimento por todo o sertão. Essas figuras andam pela caatinga e testemunham um sertão sofrido e impiedoso.

Já o cangaceiro não se detém e se rebela como podemos ver na passagem em que Lucas Arvoredo fala dos seus motivos para seguir a vida no cangaço, quando um caixeiro viajante questiona por que ele não deixa essa vida:

– Por que o senhor não junta o dinheiro que tem, não ruma para oeste, atravessa a fronteira, vai ser fazendeiro na Bolívia?

Já estava na sala quando Lucas respondeu:

– Pra que, seu moço?... tou nessa vida de bandido porque tomarei as terras de meu pai. E não se contentaram, ainda mataram o pobre véio que nunca tinha feito mal a ninguém. E era uma porquera de terra, num chegava a dois arqueires... Lá quero terra pra me tomarem de novo... Sou bandido já vai pra mais de onze anos, vou morrer nessa vida. De morte matada porque nenhum macaco vai me pegar com vida, se Deus me ajudar... (AMADO, 1982, p. 203).

Lucas Arvoredo prova aí toda sua indignação com a sociedade injusta e, percebemos, não é por dinheiro que ele faz todas as atrocidades por onde andava, mas sim por causa da sua revolta com o que tinha acontecido com a sua própria família, pois seu pai, uma pessoa correta que nunca fez algo ruim para ninguém, teve um fim trágico e seu patrimônio, que era muito pouco, tomado. Quando ele diz “Lá quero terra pra me tomarem de novo...” podemos compreender que ele não acredita na mudança do povo, não desejando voltar a ter a vida que tinha antes, uma vida correta, para não ter o mesmo fim do pai, preferindo seguir no erro.

Fica evidente que a própria sociedade condiciona esses tipos que habitam o sertão nordestino a seguir tal sina. O homem sertanejo carrega as marcas das injustiças desse lugar, pois são vítimas de uma realidade cruel. Desse modo, diante de uma sociedade injusta, o sertanejo se transforma, adotando outro modo de vida. Daí aparecem o retirante, o cangaceiro, o beato que são tipos sociais que habitam o sertão e que assumem esse modo de vida para resistir as adversidades.

Jorge Amado falou da Bahia com a grandeza de quem conhecia o que estava retratando em seus romances e foi por meio do povo baiano que o autor desbravou o sertão, mostrando suas peculiaridades, denunciando as injustiças sociais e desmascarando uma sociedade hipócrita.

Diante dos contextos explorados neste capítulo é que o próximo traz a nossa análise de como se configuram os personagens sertanejos das obras *O quinze*, *Vidas secas* e *Seara Vermelha*. Advertimos que o exposto até agora se deu numa análise geral dessas obras para que, a partir de agora, possamos nos deter exclusivamente no estudo das construções dos nossos heróis sertanejos.

3 O SERTANEJO NO ROMANCE DE TRINTA: UM HOMEM DA TERRA NA BUSCA PELA SOBREVIVÊNCIA

Este capítulo cuida de analisar os personagens protagonistas das obras *O quinze*, *Vidas secas* e *Seara Vermelha*. Como já fizemos menção a cada uma dessas obras, contextualizadas e brevemente discutidas, nesta parte do trabalho nos dedicaremos a estudar quem são os sertanejos protagonistas destas obras, como se constroem na narrativa enquanto personagens e como se caracterizam diante das situações de seca impiedosa. Eis um convite para conhecer a fundo Chico Bento, Fabiano e Jerônimo.

3.1 Chico Bento: a adaptação do sertanejo na luta por uma vida melhor

*E mais uma vez o caso tornou-se um drama
A seca está aí e o povo bebendo lama
Por culpa de tamanha incompreensão
A seca arrasa, devora o sertão
Eles bem sabem qual é a maneira
De exterminar de uma vez com essa seca
Enquanto eles pensam o povo cumpre sua sina
E vive esperando a providência divina
Agora todo mundo quer opinar
Palavras, palavras são soltas no ar
Promessas, promessas, palavras perdidas
O que o povo quer mesmo é uma saída
É solução
(Edson Gomes)*

Em *O quinze*, Rachel de Queiroz mostra seu interesse em falar sobre o sertão e seu povo, criando um romance regionalista no qual coloca em evidência os problemas sociais e naturais que atingem esta região e como suas consequências mudam drasticamente a paisagem e a vida de todos. Em meio a calamidade da seca de 1915 que foi retratada na obra, está o sertanejo Chico Bento, pertencente a classe baixa, sem muitos recursos, dependendo ele e toda sua família do trabalho no campo para sobreviver.

O vaqueiro Chico Bento que cuidava dos interesses de dona Maroca, trabalhando na fazenda dela, possuía uma vida estável com recursos para sobreviver junto a família, mas com a chegada da seca, que devastou todo o sertão, a vida do personagem muda drasticamente, isso porque sua patroa toma a decisão de se desfazer do gado para não ter um prejuízo maior com a seca, deixando o vaqueiro sem trabalho.

Logo de início percebemos um Chico Bento humano, pois o personagem, que aparece em constante conexão com a natureza, se compadece com a situação dos animais quando teve de soltá-los a mando da patroa:

*O! Meu boi! Ô lá, meu boi, ê!
Meu boi manso! Ô ê! Ê...ê...ê...*

Encostado ao mourão da porteira de paus corridos, o vaqueiro das Aroeiras aboiava dolorosamente, vendo o gado sair, um a um, do curral.

A junta de bois mansos passou devagarinho.

O velho touro da fazenda saiu, arrogante. Garrotes magros, de grandes barrigas, empurravam as vacas de cria, atropelando-se. Até que a derradeira rês, a Flor do Pasto, fechando a marcha, também transpôs a porteira e passou junto de Chico Bento que lhe afagou com a mão a velha anca rosilha, num gesto de carinho e despedida.

Da janela da cozinha, as mulheres assistiam à cena. Choravam silenciosamente, enxugando os olhos vermelhos na beira dos casacos ou no rebordo das mangas.

Saída a última rês, Chico Bento bateu os paus na porteira e foi caminhando devagar, atrás do lento caminhar do gado, que marchava à toa, parando às vezes, e pondo no pasto seco os olhos tristes, como numa agudeza de desesperança (QUEIROZ, 2004, pp. 23-24 grifo do autor).

Chico Bento sofre ao soltar o gado, cumpre a última ordem em uma triste despedida dos animais e, mesmo que o personagem não tivesse consciência disto, também estava se despedindo do seu atual modo de vida. No fragmento, percebemos um Chico Bento humano que se compadeceu com o cruel destino dos animais, um amante da natureza, um sertanejo não por profissão, mas sim por amor a terra e à forma de vida que levava. Sua falta de recursos financeiros o impossibilita de fazer algo para salvar as reses, porém seu coração sertanejo, assim como o das mulheres que observavam da janela, fica apertado diante da sorte dos animais e lamenta: “– Ô sorte, meu Deus! Comer cinza até cair morto de fome!” (QUEIROZ, 2004, p. 25).

O destino dos animais não era tão diferente do que esperava Chico Bento, este também tinha que sair da fazenda, pois ali não tinha mais trabalho nem sustento. Desiludido, resta como única alternativa deixar o lugar onde vivia a procura de uma oportunidade.

O personagem vende algumas reses e sua roupa de couro para Vicente, também um sertanejo genuíno, mas que, diferente de Chico Bento, possui recursos suficientes para enfrentar o tempo ruim. No fragmento a seguir, é feita uma comparação da fisionomia dos dois personagens: “Afastaram-se para o curral. Marchando ambos de par, junto da robustez desempenada de Vicente, o vulto curvado do Chico Bento parecia mais corcunda e mais triste, como uma interrogação lastimosa” (QUEIROZ, 2004, p. 29).

Fica evidente a diferença entre os personagens, as marcas que a seca deixa são profundas, principalmente em figuras marginalizadas como Chico Bento, mudando sua fisionomia. Sua aparência é comparada a uma interrogação por causa de sua corcunda e isto também está relacionado ao seu destino que, depois da seca, passa a ser incerto, não se sabe como será, e a desilusão já está presente no semblante triste do sertanejo.

Para que essas características sejam mais realçadas, a narração o compara com Vicente, colocando-os lado a lado, este um sertanejo trabalhador rural e que também está sofrendo com as consequências da seca, mas que possui muitos recursos para enfrentar tal momento.

As adversidades da vida sertaneja refletem no comportamento dos habitantes do sertão, a natureza modifica o ser humano desde sua aparência física até seu interior, ou seja, o sofrimento causado pelas condições climáticas é refletido diretamente na vida do sertanejo, em sua aparência e suas atitudes, o que acaba moldando o ser humano que passa a ser outro por dentro e por fora.

Essa modificação atinge Chico Bento drasticamente, tendo em vista que ele, antes, era um vaqueiro que cuidava dos animais, tendo uma vida estável em constante contato com a natureza, vivendo de maneira digna, com poucos recursos, mas com o bastante para sobreviver. Com a seca e a escassez de trabalho, de comida e de qualquer oportunidade, surge um Chico Bento retirante, pois para ele não resta outra alternativa senão seguir viagem vislumbrando uma vida melhor no Amazonas.

Agora, ao Chico Bento, como único recurso, só restava arribar.
Sem legume, sem serviço, sem meios de nenhuma espécie, não havia de ficar morrendo de fome, enquanto a seca durasse.
Depois, o mundo é grande e no Amazonas sempre há borracha...
Alta noite, na camarinha fechada que uma lamparina moribunda alumia mal, combinou com a mulher o plano de partida.
Ela ouvia chorando, enxugando na varanda encarnada da rede, os olhos cegos de lágrimas.
Chico Bento, na confiança do seu sonho, procurou animá-la, contando-lhes os mil casos de retirantes enriquecidos no Norte.
A voz lenta e cansada vibrava, erguia-se, parecia outra, abarcando projetos e ambições. E a imaginação esperançosa aplanava as estradas difíceis, esquecia saudades fome e angústias, penetrava na sombra verde do Amazonas, vencida a natureza bruta, dominava as feras e as viagens, fazia dele rico e vencedor.
Cordulina ouvia, e abria o coração àquela esperança; mas correndo os olhos pelas paredes de taipa, pelo canto onde na redinha remendada o filho pequenino dormia, novamente sentiu um aperto de saudade, e lastimou-se:
– Mas, Chico, eu tenho tanta pena da minha barraquinha! Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus?

A voz dolente do vaqueiro novamente se ergueu em consolações e promessas:

– Em todo pé de pau há um galho mode a gente armar a tipóia... E com umas noites assim limpas até dá vontade de se dormir no tempo... Se chovesse, quer de noite, quer de dia, tinha carecido se ganhar o mundo atrás de um gancho? (QUEIROZ, 2004, pp.31-32).

As consequências da seca atingem diretamente a vida de Chico Bento que, diante da catástrofe natural, decide ir em busca de melhorias em terras desconhecidas, cheio de incertezas sobre o futuro, contudo também cheio de sonhos de achar um lugar melhor de se viver, onde pudesse trabalhar de maneira digna e garantir o sustento da família. O sertanejo não se entrega, não se deixa vencer diante do tempo ruim e decide lutar contra as dificuldades à procura de vida.

Já a mulher, Cordulina, quando toma ciência da situação, fica triste e inconformada, sem querer deixar sua vida para trás para arriscar um futuro incerto. Entretanto, Chico Bento se enche de esperança e idealiza ser um vencedor em outro lugar.

As dificuldades eram muitas, não sendo só a natureza que castigava a vida no sertão, as injustiças sociais também são responsáveis pela miséria que toma de conta dessa região. Às famílias necessitadas cujas posses foram levadas pela seca, deixando somente a vida e a esperança de que haverá dias melhores, o governo não dá a assistência necessária e o pouco que oferece não chega a todos que precisam, isso por causa da sociedade corrupta, que mesmo diante de tanta miséria e sofrimento, rouba o direito dos miseráveis para o benefício próprio.

Vejamos um fragmento em que Chico Bento aparece revoltado com a injustiça e a ganância dos que estão acima dele na escala social:

– Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!

O Zacarias segredou:

– Ajudar, o governo até ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais...

Os olhos do vaqueiro luziram:

– Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinquenta passagens ao Matias Paroara! ...

– Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... O Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse...

Chico Bento cuspiu com o ardor do mata-bicho:

– Cambada de ladrona! (QUEIROZ, 2004, p. 35)

Temos aí uma sociedade desumana instituindo um interesse no poder público voltado para o benefício próprio. Chico Bento se revoltou por não ter conseguido as passagens para

seguir de trem até Fortaleza com a família, mesmo tendo contado a situação difícil que passava. O atendente se fez indiferente, preferindo usar os recursos em benefício próprio para passar por essa época de dificuldades de maneira mais confortável, não se compadecendo do sofrimento alheio.

A respeito deste contexto, Albuquerque Júnior (2013, p. 166) enfatiza:

No discurso regionalista nordestino, o descaso do governo federal e o privilégio a outras regiões eram o que explicava a decadência da região e a pobreza de sua população, não era o homem nordestino que seria inferior racialmente ou mesmo indolente, preguiçoso, sem atividade. Como acusar de indolente um homem que travava uma batalha secular com a natureza e que nesta batalha se tornou, acima de tudo, um forte e capaz, embora endurecido e áspero.

Como o autor sublinha, o descaso dos governantes com a região Nordeste é responsável pela decadência da população, o povo do sertão, além de trabalhar nos mais difíceis serviços, ainda enfrentava as adversidades naturais como a seca, que impossibilita o sertanejo de fazer seu ofício, pois sem chuva na terra não nasce nada, a comida do gado acaba e assim a população vive uma catástrofe entregue a miséria e sem o auxílio dos governantes. O que Chico Bento passa ao tentar conseguir as passagens ilustra o descaso governamental e denuncia os resultados da indiferença para com o sertanejo.

Mesmo diante de todas as dificuldades, os retirantes seguem a pé, Chico Bento e a mulher, seus cinco filhos e uma cunhada. Durante a caminhada desumana, única maneira de chegar à Fortaleza, passam por muito sofrimento, dor e mortes. Eles também testemunham essa catástrofe com o olhar observador por onde passam, em uma caminhada difícil de se ver e de sentir, pois eles viviam os seus próprios sofrimentos, todavia também sofriam ao ver o dos outros que encontravam no caminho, uns há mais tempo que outros, mas cada pessoa se via no outro estando entregue ao mesmo destino. Na falta de um olhar do governo, os próprios retirantes, em suas carências, olhavam-se e se compadeciam um do outro.

No início da viagem e com um pouco de mantimentos, ao ver outra família de retirantes em uma situação de calamidade e se preparando para comer uma novilha podre, o sertanejo se comove e não deixa que comam carne imprestável, oferecendo o pouco que tem para dividir com eles, ajudando como podia, mesmo que isso pudesse fazer falta mais à frente. No fragmento a seguir, Cordulina reclama da atitude generosa do marido:

E o bode sumiu-se todo...

Cordulina assustou-se:

– Chico, que é que se come amanhã?

A generosidade matuta que vem na massa do sangue, e florescia no altruísmo singelo do vaqueiro, não se perturbou:

– Sei lá! Deus ajuda! Eu é que não houvera de deixar esses desgraçados roerem osso podre... (QUEIROZ, 2004, p. 45).

Chico Bento era empático e generoso, ainda mantém seus costumes de sertanejo, busca ajudar ao próximo em momentos difíceis, conservando esta característica, mesmo estando em situação de cansaço, fome, sede. Ele divide o pouco que tem e a sua fé de sertanejo confiante em Deus o faz acreditar que conseguirão sobreviver e achar recursos para continuar a travessia em meio a caatinga seca e impiedosa.

Com o tempo, a saga do sertanejo vai ficando mais difícil, com os recursos já escassos os retirantes conhecem a primeira fome, a de não ter nada para comer: “Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas” (QUEIROZ, 2004, p. 51). Ao ver as crianças pedindo o que comer, o vaqueiro vende uma rede velha e consegue algo para saciar a necessidade daquele momento. Com os recursos quase findos, ele, ainda assim, encontra uma maneira de apaziguar o sofrimento dos filhos.

A figura de pai de família em Chico Bento transparece em suas atitudes perante problemas como: quando a seca chegou e sua patroa o dispensou, ele decidiu seguir viagem sem se entregar diante as dificuldade; quando a fome chegou, foi em busca de algo para sua família. Deste modo, Chico Bento assume o papel de chefe de família que toma as decisões, lutando em meio a um sertão morto em busca de vida. Esse povo que deixou suas terras em busca de melhorias só encontrara sofrimento e as marcas deixadas pela seca devastadora já estava no rosto de cada um. Sem recursos, Chico Bento pensa em pedir alimento a um homem que encontra tirando leite de uma vaca magra, mas ainda o costume de ter o seu sustento como fruto do seu trabalho, sem precisar pedir a ninguém, deixa-o sem jeito para fazê-lo:

Parou. Num quintalejo, um homem tirava o leite a uma vaquinha magra.

Chico Bento estendeu o olhar faminto para a lata onde o leite subia, branco e fofo como um capucho...

E a mão servil, acostumada à sujeição no trabalho, estendeu-se maquinalmente num pedido... mas a língua ainda orgulhosa endureceu na boca e não articulou a palavra humilhante.

A vergonha da atitude nova o cobriu todo; o gesto esboçado se retraiu, passadas nervosas o afastaram.

Sentiu a cara ardendo e um engasgo angustioso na garganta.

Mas dentro da sua turbação lhe zunia ainda aos ouvidos:

“Mãe, dá tumê...”

E o homenzinho ficou, espichando os peitos secos de sua vaca, sem ter a menor ideia daquela miséria que passava tão perto, e fugira, quase correndo... (QUEIROZ, 2004, p 54).

Surge aí um Chico Bento ainda orgulhoso, sendo ele um sertanejo trabalhador rural, que sobrevive com o fruto do seu esforço sem olhar para o que não é seu. Diante de tanto sofrimento, pensa em pedir, pois a necessidade o obrigava, mas a falta de costume do vaqueiro que ainda não se habituou, ainda não aceitou a vida miserável que se encontrava, não o deixa pedir. O personagem, desacostumado com a pobreza extrema, com a fome, envergonha-se com a situação e se recusa a tomar tal atitude.

A situação em que sua família se encontrava chegou a tal ponto de miséria que um de seus filhos, o Josias, come mandioca crua e morre envenenado, sendo uma vítima da seca e do descaso com que eram tratados. E sobreviver diante de tanta calamidade era quase um milagre, como podemos constatar neste trecho: “Só talvez por um milagre iam aguentando tanta fome, tanta sede, tanto sol. O comer era quando Deus fosse servindo” (QUEIROZ, 2004, p. 68).

Diante da aflição que o seu cruel destino impôs, o sertanejo vai se modificando, aquele vaqueiro de vida simples, mas digna e com recursos para sobreviver à custa do seu trabalho, vai se transformando. O Chico Bento de antes já não existe mais, a seca o modificou, fazendo-o ter atitudes que antes jamais teria, fazendo-o ir até contra o que acredita e o seu caráter de sertanejo justo e correto também se compromete, mesmo que por um instante:

Caído quase de joelhos, com os olhos vermelhos cheios de lágrimas que lhe corriam pela face áspera, suplicou, de mão juntas:

– Meu senhor, pelo amor de Deus! Me deixe um pedaço de carne, um taquinho ao menos, que dê um caldo para a mulher mais os meninos! Foi pra eles que eu matei! Já caíram com a fome! ...

– Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha!

A energia abatida do vaqueiro não se estimulou nem mesmo diante daquela palavra.

Antes se abateu mais, e ele ficou na mesma atitude de súplica.

E o homem disse afinal, num gesto brusco, arrancando as tripas da criação e atirando-as para o vaqueiro:

– Tome! Só se for isto! A um diabo que faz uma desgraça como você fez, dar-se tripas é até demais! ...

A faca brilhava no chão, ainda ensanguentada, e atraiu os olhos de Chico Bento.

Veio-lhe um ímpeto de brandi-la e ir disputar a presa; mas foi ímpeto confuso e rápido. Ao gesto de estender a mão, faltou-lhe o ânimo (QUEIROZ, 2004, pp. 72-73).

No desespero da fome, o sertanejo vai contra seus princípios e mata um animal que não é seu para solucionar seu problema, pelo menos por uns dias, pois a carne renderia para suprir as necessidades da família em uma boa caminhada, mas a atitude do sertanejo não dá certo, pois o dono chega e o acusa de “Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha!”. Mesmo diante da reprovação, o personagem insiste por algo e recebe a pior parte do animal. Chico Bento pensa em ir além e lutar pela presa como quem luta por vida, pois se continuassem, ele e a família, na situação que estavam o destino seria morte certa. Assim, ele pensa em se utilizar da força, a mesma que antes colocava no trabalho, para conquistar o alimento, mas essa vontade confusa logo desaparece, a dignidade do sertanejo fala mais alto e decide seguir pelo caminho justo.

Ao procurar o seu filho sumido, Pedro, encontra seu compadre Luís Bezerra, que há muito tempo não via e que teve dificuldade de reconhecer o vaqueiro por causa da aparência transformada por questões naturais, identificando o amigo mais pelos gestos e pela fala. O antigo conhecido observa as marcas da vida miserável em Chico Bento e procura saber o motivo dessa situação em que ele se encontrava:

Depois, ficando só com Chico Bento, atentou na miséria esquelética e esfarrapada do retirante:

– Então, compadre, que foi isso? A velha largou você?

– Ela não quis tratar do gado mode a seca, e mandou abrir as porteiras... E eu fiquei sem ter o que fazer. A morrer de fome lá, antes andando...

O delegado quase deixou cair o cachimbo, num assombro:

– Não diga isso, compadre, não é possível! Deixar morrer aquele gadão todinho, sem mais pra quê!

– Pois mandou soltar no dia de São José! Eu ainda esperei obra de uma semana... (QUEIROZ, 2004, p. 89).

Este Chico Bento moldado pelo sertão seco e bruto se transporece em revolta ao explicar o motivo da retirada de sua terra. O sertanejo se mostra capaz de lutar contra as dificuldades para resistir o máximo que puder a seca e as dificuldades impostas pela sociedade. O personagem não fica conformado com seu cruel destino e sai em busca de melhorias, pois ficando sem trabalho e com o tempo seco só lhe restaria a morte, então a migração é saída única na busca um ambiente propício para o trabalho.

No campo de concentração, lugar onde se abrigavam os retirantes fugindo da seca, a miséria estava por toda parte e a família de Chico Bento, assim como a de vários sofredores, foi se refugiar neste ambiente onde a fome, sede, dor, doenças e mortes eram comumente vistas. Conceição, madrinha do filho do casal, o Duquinha, é quem os encontra, reconhecendo-os mesmo que totalmente mudados por causa da vida miserável: “Afinal ali estavam. Foi realmente com dificuldade que os identificou, apesar de seus olhos já se terem habituado a reconhecer as criaturas através da máscara costumeira com que as disfarçava a miséria” (QUEIROZ, 2004, p. 94).

Conceição acha seu compadre mudado, pois a vida na estrada não tinha sido fácil e as marcas de todo o sofrimento podiam ser vistas na fisionomia, no rosto sofrido e na alma do retirante, que conta a Conceição e a dona Inácia como a seca atingiu a sua vida e começa a falar de suas perdas:

Tristemente contou toda a fome sofrida e as conseqüências da miséria.
 A morte de Josias, afilhado do compadre Luís Bezerra, delegado do Acarape, que lhes tinha valido num dia bem desgraçado! – a morte do Josias, naquela velha casa de farinha, deitado junto de uma trave de aviamento, com a barriga tão inchada como a de alguns paroaras quando já estão para morrer...
 E aquele caso da cabra, em que – Deus me perdoe! – pela primeira vez tinha botado a mão em cima do alheio... E se saíra tão mal, e o homem o tinha posto até de sem vergonha, e ele tão morto, tão sem coragem, que o que fez foi ficar agachado, aguentando a desgraça...
 Os olhos da moça enchiam de água, e comovidamente dona inácia levantou os óculos, passando o lenço pelas pálpebras.
 O vaqueiro continuou a falar, no mesmo jeito encolhido, estirando apenas, uma vez ou outra, o braço mirrado, para vergastar o ar numa imagem de miséria mais aguda, ou de desespero mais pungente...
 Depois era a fuga de Pedro, e aquela noite na estrada em que a mulher, estirada no chão, com o Duquinha de banda, todo o tempo arquejou, variando, sem sentidos, como quem está para morrer (QUEIROZ, 2004, pp.102-103).

As perdas de Chico Bento são muitas, a própria retirada do sertanejo foi motivada pela perda de sua ocupação, ele deixou todo seu modo de vida para trás e foi à procura de um futuro incerto, idealizando encontrar melhorias e uma vida digna, no entanto o que encontrou foi sofrimento, miséria e desespero.

Nesta viagem, Chico Bento sai de casa sendo uma pessoa e, ao longo do caminho, vai se tornando outra, acontecendo, assim, mutações na construção do personagem, isso por causa da seca perversa e uma sociedade injusta. A primeira grande perda do personagem foi a

morte do seu filho, o Josias, que de tanta fome se envenenou comendo mandioca crua. Outra perda foi o orgulho de sertanejo que vive com a dignidade do seu trabalho, aquele homem que em determinado momento se recusou a pedir alimento, pois era desacostumado a tal ato, chegou ao ponto de pegar algo que não era seu. A perda do seu outro filho, Pedro, que fugiu. Assim o personagem não é mais o que era antes, agora, membros de sua família tinham ficado pelos caminhos da seca e muitos dos seus costumes e orgulhos também.

Com isso, percebemos um Chico Bento diferente, influenciado pela seca numa nova personalidade. Aos poucos, ele, um trabalhador que teve do que viver, diante da seca não tem mais como trabalhar naquilo que realmente nasceu para fazer e, em vista disso, na miséria da viagem o personagem foi se adaptando a vida de retirante e adquirindo novos costumes, novas atitudes, perdendo o seu orgulho de sertanejo e se sujeitando a sua triste realidade.

Conceição ajudou muito o compadre depois que chegaram ao campo de concentração, incentiva-o seguir viagem para São Paulo, comprovando que a vida do sertanejo jamais será como antes, afastando-se cada vez mais da vida sertaneja. Ao receber as passagens, Chico Bento observa o ambiente miserável onde estava:

Por que a comoveu tanto o alvoroço triste com que foi recebida por Chico Bento, quando chegou com as passagens?

Ele estendera a mão ossuda, e nos seus olhos doentios uma estranha faísca luziu:

– Amém!

Era tardinha. E quando Conceição saiu, ele ficou ali, imóvel, estirado no chão, fitando a miséria tumultuosa do campo, que toda se agitava naquela hora de crepúsculo.

O sol poente se refletia vermelho nos trapos imundos e nos corpos descarnados.

Chico Bento olhava para o cenário habitual, mas já com o desinteresse, o despreendimento de um estrangeiro.

Um dia ou dois. E nunca mais veria aquela gente que vivia e formiga ao seu redor, chocalhando os ossos descobertos, arrastando em exclamações a voz lastimosa (QUEIROZ, 2004, p 116).

Este sertanejo de vida simples nas Aroeiras com sua família, levando uma vida estável com o trabalho rural, mudou, nunca mais voltaria a ser o mesmo vaqueiro harmonizado com a terra de onde tirava o sustento. O mesmo destino que o fez trilhar caminhos de miséria, levou-o à cidade grande, para um estilo de vida diametralmente diferente e que o sertanejo não está acostumado. Desta forma, Chico Bento, um sertanejo que honrava suas raízes e seus costumes enquanto trabalhador rural por natureza, foi transformado diante das adversidades que modificaram sua realidade.

Portanto, o sertanejo Chico Bento é figura marginalizada que vive em uma sociedade desestruturada na qual o descaso das autoridades e de pessoas bem colocadas socialmente atinge diretamente a classe à qual o personagem faz parte. Assim, o sertanejo como figura à margem da sociedade, segue uma vida de miséria e fracasso, mas também mostra muita força e determinação ao lutar contra todas as dificuldades impostas pela seca. De tal modo, fatores sociais e naturais são responsáveis pela desorganização da vida de Chico Bento, que se modifica conforme a luta pela sobrevivência, adaptando-se a novos modos de vida que não escolheu.

3.2 Fabiano: um bicho capaz de vencer dificuldades

*Por ser de lá
 Do sertão, lá do cerrado
 Lá do interior do mato
 Da caatinga do roçado
 Eu quase não saio
 Eu quase não tenho amigos
 Eu quase que não consigo
 Ficar na cidade sem viver contrariado
 [...]
 Eu quase não falo
 Eu quase não sei de nada
 Sou como rês desgarrada
 Nessa multidão boiada caminhando a esmo
 (Gilberto Gil)*

Graciliano Ramos retrata o sertão nordestino em *Vidas secas*, obra esta que se destacou no romance de trinta por trazer a região sob o olhar dos menos favorecidos, de seres marginalizados, através de que a sociedade pode ser observada em aspectos como descaso governamental, capitalismo e a luta de classes. Em vista disto, o autor elucida uma sociedade formada por opressores e oprimidos, refletindo sobre uma realidade difícil que existe na região, trazendo para o centro da discussão problemáticas naturais, como a seca, e sociais, como a exploração do trabalhador rural e o desprezo dos governantes com a realidade do sertão nordestino.

O protagonista deste romance é o sertanejo Fabiano, um sujeito que junto a sua família, formada por sinha Vitória e seus dois filhos, chamados por menino mais novo e menino mais velho, enfrentam diversas dificuldades, enveredando caminhos sofridos em uma

vida nômade. O personagem não aceita a cruel realidade, mas está condicionado a viver em uma eterna saga sertaneja, fugindo dos problemas que assolam o sertão em busca de melhorias, em busca de vida.

Fabiano, estando presente em quase todas as ações da narrativa, é um tipo nordestino que carrega consigo o sofrimento causado pela dura e cruel realidade do sertão. É um herói problemático que trava uma luta contra a seca e contra a sociedade corrupta, porém também apresenta uma grande confusão interior em que busca explicação para a sua própria existência.

Na descrição feita da figura de Fabiano, podemos constatar esta imagem problemática do personagem. Na passagem do início do romance, transcrita a seguir, vemos o sofrimento refletido nas características do sertanejo:

Arrastaram-se para lá, devagar, sinha Vitória com o filho mais novo escanchado no quarto e o baú de folhas na cabeça, Fabiano sombrio, cambaio, o aió a tiracolo, a cuia pendurada numa correia presa ao cinturão, a espingarda de perdeneira no ombro. O menino mais velho e a cachorra Baleia iam atrás (RAMOS, 2014, p. 9).

Seguindo em uma desgastante viagem diante de uma seca impiedosa, Fabiano é apresentado já no início da obra como uma figura sombria, o que nos mostra que ele vivia um constante drama interior, consigo mesmo, e isso se refletia no seu semblante e no seu físico “cambaio”. A descrição do personagem apresenta-o como reflexo de toda a cruel realidade do sertão, pois suas características físicas e psicológicas sofridas são fruto da realidade que ele passava e, assim como toda a paisagem na caatinga, o sertanejo se mostrava decadente. Um ser fruto da constante luta pela sobrevivência, Fabiano trava uma verdadeira guerra contra a caatinga seca e dura. Percebemos um personagem problemático, decadente por fora, mas que, como o sertanejo que Euclides da Cunha descreveu, possui uma força titânica por dentro, que o faz resistir às adversidades impostas no seu caminho, aparecendo com a força do homem sertanejo acostumado com uma vida difícil.

Sua maneira de pensar e agir também é influenciada pela difícil condição em que ele e sua família se encontravam, sendo um personagem fruto da perversa realidade do sertão nordestino, que trava uma luta interior, que age muitas vezes contra seus princípios de sertanejo, isso por estar lutando contra um destino que é certo, mas ele não aceita como sina a trilha de um caminho de fracasso. Tudo isso molda um Fabiano que às vezes se apresenta impiedoso e cruel mesmo que só por uns instantes:

O pirralho não se mexeu, e Fabiano desejou mata-lo. Tinha o coração grosso, queria responsabilizar alguém pela sua desgraça. A seca aparecia-lhe como um fato necessário – e a obstinação da criança irritava-o. Certamente esse obstáculo miúdo não era culpado, mas dificultava a marcha, e o vaqueiro precisava chegar, não sabia onde (RAMOS, 2014, p. 10).

O trecho explicita um Fabiano impiedoso e desesperado que, diante de tanta desgraça em uma jornada dolorosa e que não sabe onde vai chegar, o personagem aflora sentimentos ruins e cogita deixar o filho entregue à própria sorte em um cenário onde a morte, a fome, as doenças mais variadas eram presente na vida neste lugar. Entretanto, isso não passa de uma raiva momentânea, de um pai desesperado que logo o seu lado protetor, sua figura de chefe de família, fala mais alto e o sertanejo se acalma: “Fabiano teve pena. Impossível abandonar o anjinho aos bichos do mato. Entregou a espingarda a sinha Vitória, pôs o filho no cangote, levantou-se, agarrou os bracinhos que lhe caíam sobre o peito, moles, finos como cambitos” (RAMOS, 2014, pp. 10-11). Aparece aí a figura de pai protetor de família, mesmo que vivendo em uma realidade desumana.

Compreendemos o desarranjo interior do personagem que, seguindo sua sina fadada ao fracasso e invisível aos olhos da sociedade, mostra-se uma figura ambígua em que seus sentimentos mudam rapidamente, pois aparece um Fabiano cruel com sentimentos ruins, mas que rapidamente esse sentimento dá lugar a boas ações. O seu lado sertanejo, que é hospitaleiro até com pessoas que jamais viu na vida, prevalece e o sertanejo acolhe seu filho.

Apesar de todas as dificuldades em um cenário onde a morte está presente em todas as partes, sendo integrante da paisagem e vitimando membros de famílias como a de Fabiano, este, pelo instinto de sobrevivência, motiva-se a buscar a vida, vivendo um dia após o outro, sem recursos, e comendo algo quando encontrava alguma caça como a que a cachorra Baleia traz: “Aquilo era caça bem mesquinha, mas adiaria a morte do grupo. E Fabiano queria viver. [...] Fabiano pisou com segurança, esquecendo as rachaduras que lhe estragavam os dedos e os calcanhares” (RAMOS, 2014, p.14). Apesar da falta de mantimentos e diante de tantos empecilhos, o sertanejo não perde a esperança e preza pela vida e isso dá segurança ao personagem. Ao mesmo tempo que o narrador mostra uma morte certa para essa família de sertanejo, indica também a vontade de viver de Fabiano.

Este mesmo sertanejo forte e seguro é comparado a uma coisa qualquer: “Caminhando, movia-se como uma coisa, para bem dizer não se diferenciava muito da bolandeira de seu Tomás” (RAMOS, 2014, p. 15). Fabiano é descrito com características que o minimizam, que o deixam pequeno, mas todas estas formas apresentando-o como um

derrotado são exteriores. No seu interior, embora possua sentimentos contraditórios e uma insatisfação com a sua realidade, este personagem é um forte capaz de enfrentar as mais duras realidades em busca de vida.

Ao achar uma fazenda aparentemente abandonada, Fabiano se apossa do lugar e sonha com uma realidade distinta da que estava acostumado, mesmo que aquele lugar estivesse morto é a única esperança que o sertanejo tem de achar vida, uma vida diferente da que tinha, pois levava uma vida desgarrada, sem criar raízes em algum lugar e na fazenda ele vê a possibilidade de se fixar e ter um lugar seu. Ao ver o tempo de chuva, ele acredita que a sua vida poderia mudar e vislumbra um futuro bom em que “A fazenda renasceria – e ele, Fabiano, seria o vaqueiro, para bem dizer seria dono daquele mundo” (RAMOS, 2014, p. 16). Deslumbrado com um cantinho para viver e o tempo de chuva que o animava, pois isso lhe possibilitaria cultivar aquela terra e colher frutos para sua sobrevivência, proporcionando-lhe a estabilidade que ele tanto desejava, achou-se dono do mundo, na verdade, dono daquele lugarzinho que, para ele, era o seu mundo e do qual ele queria ser dono.

Por levar uma vida incerta e sem um lugar fixo para viver, tendo sempre que seguir a procura de um lugar desconhecido que o possibilitasse resistir, ele nunca tinha se sentido dono de sua própria vida, pois sua estadia em cada lugar era passageira, sendo ele um sertanejo que passava pelo sertão sobrevivendo um dia em cada lugar. Nessa fazenda, ele viu a possibilidade de possuir esse lugar, sentiu-se dono do seu próprio mundo, porque acreditava que se fixaria ali e criaria raízes, podendo conviver o resto de seus dias cultivando aquele mundinho reduzido, mas que era seu. Percebemos um Fabiano que não se conformava com seu destino e desejava criar raízes em um lugar onde ele fosse dono de sua vida, uma vida estável.

Todavia, sua sina não era criar raízes em um lugar, pois mesmo que ele desejasse um lugar para ser o dono e possuir uma vida estável, sua sina era andar sem rumo em busca de oportunidades, lutando contra as injustiças, a fome, a sede, a seca e a morte. Este seu destino era hereditário, pois passava de pais para filhos e Fabiano, que já tinha herdado essa sina de seus antepassados, também já possuía herdeiros, seus filhos, desta cruel realidade, estando todos condicionados a trilhar um caminho de fracasso. No fragmento a seguir vemos essa herança do modo de ser do protagonista:

A cabeça inclinada, o espinhaço curvo, agitava os braços para a direita e para a esquerda. Esses movimentos eram inúteis, mas o vaqueiro, o pai do vaqueiro, o avô e outros antepassados mais antigos haviam-se acostumado a

percorrer veredas, afastando o mato com as mãos. E os filhos já começavam a reproduzir o gesto hereditário (RAMOS, 2014, pp.17-18).

A maneira de ser dos antecedentes identificada na maneira do sertanejo se movimentar, na sua forma curvada, são gestos herdados de quem encarou esta mesma realidade. Mas o personagem, fadado ao fracasso, com hábitos que demonstram uma pessoa acuada a qual não encara a vida de frente, estando sempre encarando o chão, tal fisionomia de derrotado engana, porque, ao contrário do que aparenta o sertanejo e seus antepassados, são eles guerreiros que lutam constantemente pela vida em um cenário desolador onde a morte está por toda parte. Esta herança, que se apresenta de maneira acanhada, é uma resistência que esses sertanejos carregam para desbravar a caatinga e vencer a grande guerra não somente contra a seca, mas também contra a sociedade hipócrita e corrupta, que explora a força de trabalho do sertanejo, lhe dando em troca quase nada, sem se sensibilizar com a situação do trabalhador rural e acumulando riquezas à custa do duro trabalho de sertanejos como Fabiano.

Fabiano, um homem confuso que travava uma luta contra fatores exteriores como a seca e a sociedade excludente e exploradora de sua força de trabalho, também trava uma guerra interior tão grande e complexa quanto a outra, pois vive em constante contato com a natureza e lida melhor com os animais do que com os seres humanos. Ele busca afirmar a sua verdadeira identidade e isto lhe dá um pouco de dificuldade, pois, ao mesmo tempo em que ele se vê como um homem, espécie da qual geneticamente faz parte, o personagem se compara com um bicho e se identifica mais com essa espécie, de acordo com seus hábitos e o seu convívio com os animais.

– Fabiano, você é um homem, exclamou em voz alta.

Conteve-se, notou que os meninos estavam perto, com certeza iam admirar-se ouvindo-o falar só. E, pensando bem, ele não era homem: era apenas um cabra ocupado em guardar coisas dos outros. Vermelho, queimado, tinha os olhos azuis, a barba e os cabelos ruivos; mas como vivia em terra alheia, cuidava de animais alheios, descobriu-se, encolhia-se na presença dos brancos e jugava-se cabra.

Olhou em torno, com receio de que, fora os meninos, alguém tivesse percebido a frase imprudente. Corrigiu-a, murmurando:

– Você é um bicho, Fabiano.

Isto para ele era motivo de orgulho. Sim senhor, um bicho, capaz de vencer dificuldades.

Chegara naquela situação medonha – e ali estava, forte, até gordo, fumando o seu cigarro de palha.

– Um bicho, Fabiano (RAMOS, 2014, pp. 18-19).

Fabiano é como um ser quase que indefinido, pois ele próprio buscava afirmar sua verdadeira identidade e, nessa sua confusão interior, ao analisar seu modo de vida e seus costumes, o personagem não consegue se determinar, isto por se julgar excluído socialmente e, também, diante do seu modo de vida, ele não se julga ser um homem e chega à conclusão que é um bicho, o bicho Fabiano. Percebemos a animalização deste personagem cuja construção se direciona as características que o aproximam a um animal.

Ao se julgar um homem, o personagem se corrige e reflete sobre sua maneira de viver e se vê como um cabra, forma comumente denominada aos homens na região do sertão do nordeste. Ele se vê somente como alguém que veio ao mundo para cuidar do que é dos outros, não sendo capaz de possuir seu próprio lugar para trabalhar e diante da sua realidade ele se julga um cabra, apesar de todo sofrimento e das adversidades que dificultam a caminhada do sertanejo, pois se orgulha por ser “um bicho capaz de vencer dificuldades” que encara as mais duras batalhas. Não obstante toda exploração social e os fatores naturais que dificultam a jornada do sertanejo, ele persiste e se vê capaz de vencer.

Albuquerque Júnior (2013, pp. 171-172) discorre um pouco sobre o sertanejo e sua luta contra as adversidades impostas pelo lugar e explica a utilização do vocábulo cabra para denominar este homem que, assim como Fabiano, resistia no sertão nordestino, vivendo em situações desumanas:

Fica patente que no momento de pensar o nordestino como um homem forte e resistente, um homem heroico na sua luta contra a natureza, o discurso regionalista nordestino privilegia a área do sertão e o sertanejo como exemplos deste embate entre o homem e a natureza e da formação de um tipo regional adaptado a esta vida difícil. [...] Homem tão resistente quanto a fibra do algodão mocó que, como ele, era nativo daquelas paragens. Homem capaz de enfrentar as mais terríveis dificuldades, como as pestes, também tão comuns no sertão em época de estiagens, sem se intimidar; por isto, era um cabra da peste. E era um cabra por ser como este animal, tão bem adaptado a esta natureza de pedra, seca, capaz de sobreviver comendo o que estivesse disponível. Anguloso como a cabra, o cabra nordestino quase vivia, também, em chiqueiros, mas com certeza fazia parte de currais, eleitorais ou não.

Este homem do sertão nordestino é apresentado no discurso regionalista como uma figura resistente, que luta contra as adversidades sem se intimidar com as dificuldades, um homem forte que combate para vencer e não se entrega diante das incertezas, buscando condições para viver mesmo num ambiente onde a morte é mais presente que a vida, um homem sertanejo adaptado a esta realidade. Tal resistência contra as dificuldades impostas na

região explica o nome “cabra” que é dado aos homens nordestinos, comparando-os ao animal, ao bicho, que bravamente vive neste lugar.

O fato de nomear os sertanejos com este vocábulo está relacionado à difícil condição de vida em que se encontram, vivendo em lugares de difícil habitação e com recursos escassos. Estas peculiaridades lhes renderam esse nome e Fabiano, que vive no sertão nordestino, diante das mais precárias realidades, jugava-se um cabra que cuidava das posses dos outros e se achava mais próximo dos bichos do que dos seres humanos. Por esta razão, ele se via como um bicho, pois era capaz de viver em condições precárias e resistir às mais difíceis realidades.

Fabiano se sentiu bem e protegido na fazenda decadente que encontrara, mas com a chegada do tempo de chuva também chegou o dono daquele lugar e Fabiano, um sertanejo acostumado a andar pelo sertão fugindo de dificuldades e encontrando outras, teme que mais uma vez tenha de deixar seu lugar. Ele perdera seu mundo, aquele do qual seria dono, saindo da ilusão, da vida que idealizou, e entra na sua realidade, passando a oferecer seus serviços ao dono do lugar que um dia o personagem acreditou ser seu.

Entristeceu. Considerar-se plantado em terra alheia! Engano. A sina dele era correr mundo, andar para cima e para baixo, à toa, como judeu errante. Um vagabundo empurrado pela seca. Achava-se ali de passagem, era hóspede. Sim senhor, hóspede que se demorava demais, tomava amizade à casa, ao curral, ao chiqueiro das cabras, ao juazeiro que os tinha abrigado uma noite (RAMOS, 2014, p. 19).

Agora ele vê que sua sina é servir aos outros, é utilizar sua força de trabalho para enriquecer a classe dominante que o explora. O sertanejo que achou que criaria raízes nesta fazenda, a qual acreditou ser a solução dos seus problemas, mas agora vê que sua sina é ser do mundo todo, vivendo cada dia em um lugar, sem possuir um mundo seu. Caminhando por diferentes terras em meio à caatinga sertaneja, ele encontra os mesmos problemas sociais e naturais que estão por todos os lugares, por onde passa ele vê os mesmos rostos sofridos, a mesma sociedade hipócrita, a natureza seca e a morte presente em cada canto da paisagem. Assim prossegue Fabiano em sua saga sertaneja e sem trégua.

O protagonista é acostumado a viver a maior parte do tempo longe da “civilização”, em contato mais com a natureza e com os animais, fato que lhe faz ter mais facilidade de se relacionar com os bichos do que com gente. Ele chega a se confundir com um bicho por possuir costumes/características bem próximas a de animais, como o seu jeito de agir, de

pensar, sua fisionomia e os lugares precários onde ele se adaptava a viver com sua pouca instrução.

Deu estalos com os dedos. A cachorra Baleia, aos saltos, veio lambe-lhe as mãos grossas e cabeludas. Fabiano recebeu a carícia, enterneceu-se:

– Você é um bicho, Baleia.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. Os seus pés duros quebravam espinhos e não sentiam a quentura da terra. Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. Pendia para um lado, para o outro lado, cambaio, torto e feio. Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos – exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas, em vão, mas sabia que elas eram inúteis e talvez perigosas (RAMOS, 2014, p.20).

Já adaptado à vida difícil, o seu corpo mostrava resistência a paisagem seca e quente e mantinha um diálogo com os bichos em uma linguagem diferente em que eles se entendiam e, às vezes, por falta de conhecimento linguístico, esta linguagem também era utilizada para falar com as pessoas. O personagem de pouco conhecimento, tanto de mundo quanto lexical, possuía um pequeno vocabulário e tinha dificuldade em se relacionar com outras pessoas, contudo ele admirava a forma de falar das pessoas da cidade e de quando em quando até os imitava. Ele e toda sua família possuíam esta carência de conhecimento ao ponto de seus filhos procurarem explicação sobre algo ou o significado de uma palavra e os pais se irritarem com a busca: “– Esses capetas têm ideias...” (RAMOS, 2014, p. 20).

Vemos a dificuldade de Fabiano em lidar com a educação dos filhos, pois ele que foi criado em um regime voltado para o trabalho e com pouco acesso ao conhecimento, não via necessidade dos filhos descobrirem novas coisas, novas palavras: “Fabiano dava-se bem com a ignorância. Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha” (RAMOS, 2014, p. 22). E como ensinar se o próprio Fabiano era leigo em relação a diversas coisas? Existia um mundo na cidade escondido aos olhos daquela família, do qual ela ignorava o modo de viver, de pensar e de agir e, assim, o saber se apresentava como desnecessário para Fabiano.

O tipo popular do sertão nordestino, por ser inculto, teria costumes e psicologia muito particulares, marcada pela “profundeza de caráter de homem rústico”, pela “valentia, alegria, ironia”. Seriam eles “despreocupados e voluntariosos, ingênuos e sentimentais, cuja inteligência teria, as vezes, lampejos de genialidade, na sua beleza nua, natural,

desprevenida e no pitoresco de sua inspiração prodigiosa e selvagem” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 189).

Como o autor supracitado explicita, este tipo sertanejo teria um modo de ser bem peculiar, acostumado a uma vida difícil, tornando-se pessoa rústica, preferindo se dedicar a atividades que lhe são úteis para resistir a realidade difícil da caatinga, optando substituir o letramento, que diante de sua experiência talvez não servisse tanto, e se dedicar a atividades roceiras, prezando pela valentia agreste para sobreviver no sertão.

Mas Fabiano, apesar de não dar prioridade ao conhecimento, admirava os homens sábios que falavam e se expressavam como o seu Tomás da bolandeira e, com a admiração, ele mostra o desejo de conhecer outras realidades, o desejo de sair do seu mundinho fechado, reduzido, escondido e desbravar um mundo grande, a civilização composta por pessoas cultas. Podemos comprovar esta ideia no fragmento a seguir, em que ele se imagina entre pessoas civilizadas e se vê como um homem de cabeça erguida:

Virou o rosto para fugir à curiosidade dos filhos, benzeu-se. Não queria morrer. Ainda tencionava correr o mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem.

– Um homem, Fabiano.

Coçou o queixo cabeludo, parou, reacendeu o cigarro. Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.

Mas depois? Fabiano tinha a certeza de que não se acabaria tão cedo. Passara dias sem comer, apertando o cinturão, encolhendo o estômago. Viveria muitos anos, viveria um século. Mas se morresse de fome ou nas pontas de um touro, deixaria filhos robustos, que gerariam outros filhos (RAMOS, 2014, p. 24).

O personagem acostumado a trilhar caminhos de dificuldades, fadado ao fracasso, apresenta-se também inconformado com sua sina e, por causa disto, ele decide lutar contra esta realidade. Imagina-se em uma vida diferente na qual ele andaria em vários lugares, mas que, diferente de seu atual modo de vida, no qual ele também caminha por vários lugares fugindo das dificuldades em busca de um lugar para viver com dignidade, o personagem deseja sair desta realidade e se imagina diante de um mundo onde ele se vê como um homem de cabeça erguida. Este momento de afirmação como homem logo se acaba e ele reconhece

sua sina e se vê como um cabra, vivendo para entregar sua força de trabalho para o benefício dos outros, da classe dominante.

Ao frequentar a cidade, o vaqueiro sente dificuldade de interagir com as pessoas por viverem em realidades distintas. Sendo ele um sertanejo rústico e de pouco conhecimento, não conseguindo se comunicar bem, é convidado pelo soldado amarelo para jogar e, por se sentir inferior diante de uma autoridade, obedece, entretanto, preocupado com o dinheiro pouco, deixa o local sem se despedir, o que irrita o soldado. Este provoca o sertanejo, que se irrita com a autoridade, então o soldado prende o vaqueiro, o qual fica sem saber o motivo da sua prisão e se questionando:

Ouviu um falatório desconexo do bêbado, caiu numa indecisão dolorosa. Ele também dizia palavras sem sentido, conversava à toa. Mas irou-se com a comparação, deu marradas na parede. Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Estava preso por isso? Como era? Então mete-se um homem na cadeia porque ele não sabe falar direito? Qual mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. Desentupia o bebedouro, concertava as cercas, curava os animais – aproveitara um casco de fazenda sem valor. Tudo em ordem, podiam ver. Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? (RAMOS, 2014, P. 35).

A falta de conhecimento de Fabiano o impediu de explicar o acontecido, talvez se soubesse falar bem não estivesse preso, mas o sertanejo se indigna com a situação e procura explicação para a sua atual condição, de preso, e só consegue associar sua prisão ao fato de não saber se expressar, de ser um bruto. Ele pensa no seu trabalho, que beneficia todas essas autoridades, a qual, por sua vez, lhe julga merecedor de estar preso. A falta de instrução não era sua culpa, era fruto de uma criação sem recursos, tendo que lidar com o trabalho agreste desde cedo. Aprendemos, por causa disto, um Fabiano confuso, que questiona a própria sociedade, a qual pouco conhece, mas que o pouco que passa a conhecer dela já não se agrada.

Apesar de toda dificuldade enfrentada pela família de Fabiano, trilhando um caminho miserável, sofrido, sem sucesso nas suas tentativas de uma vida melhor, o seu filho, o menino mais novo, desejava ser como o pai. Fabiano era referência para o filho, que o admirava pelo seu jeito de viver, de lidar com a natureza e com os animais, apreciava a vida sertaneja que o retirante levava, sendo visto pelos filhos como um grande homem. Essa vontade do filho se dava por que era o único modo de vida que ele conhecia, pois eram pessoas que viviam em seu mundinho fechado, sem saber como é a vida na cidade e em outros lugares. Fabiano é o ideal de homem que o filho quer ser: “E precisava crescer, ficar tão grande como Fabiano,

matar cabras a mão de pilão, trazer uma faca de ponta à cintura. Ia crescer, espichar-se numa cama de varas, fumar cigarros de palha, calçar sapatos de couro cru” (RAMOS, 2014, p.53). Desejava trabalhar como o pai, vestir-se como ele e ter os mesmos hábitos.

A família, ao ir a uma festa na cidade, descobre um mundo muito diferente do que estava acostumada, diversas novidades se descortinavam aos olhos dos matutos e os filhos enxergam um mundo grande e desconhecido:

Não sentiam curiosidade, sentiam medo, e por isso pisavam devagar, receando chamar a atenção das pessoas. Supunham que existiam mundos diferentes da fazenda, mundos maravilhosos na serra azulada. Aquilo, porém, era esquisito. Como podia haver tantas casas e tanta gente? Com certeza os homens iriam brigar. Seria que o povo ali era brabo e não consentia que eles andassem entre as barracas? Estavam a aguentar cascudos e puxões de orelhas (RAMOS, 2014, p. 74).

Ao se depararem com um mundo tão diferente, sentem medo, haja vista a simplicidade da vida no campo já ser cheia de regras e quando faziam algo errado eram castigados com cascudos. Ali naquele local cheio de coisas novas e maravilhosas, um mundo do qual eles não faziam parte, os meninos sentiram medo de ser percebidos. Esse receio de não ser aceito se dá pelo fato de sua realidade ser outra, ali eles eram invisíveis aos olhos da sociedade, sendo insignificantes para aquela gente.

E esse Fabiano que era admirado pelos filhos, os quais queriam seguir os passos do pai, só foi referência até os meninos conhecerem mais sobre o mundo, pois naquela realidade fechada em que só viam os pais ou alguns retirantes como eles, Fabiano era visto como um grande homem. No entanto, diante da cidade, os filhos não compreenderam tudo que se passava na zona urbana, mas entenderam que há muito mais do que eram acostumados e, ao despertar para o novo, eles veem um Fabiano pequeno perante a grandeza da cidade. Fabiano também é consciente de sua inferioridade:

Comparando-se aos tipos da cidade, Fabiano reconhecia-se inferior. Por isso desconfiava que os outros mangavam dele. Fazia-se carrancudo e evitava conversas. Só lhe falavam com o fim de tirar-lhe qualquer coisa. Os negociantes furtavam na medida, no preço e na conta. O patrão realizava com pena e tinta cálculos incompreensíveis. Da última vez que se tinham encontrado houvera uma confusão de números, e Fabiano, com os miolos ardendo, deixara indignado o escritório do branco, certo de que fora enganado. Todos lhe davam prejuízo. Os caixeiros, os comerciantes e o proprietário tiravam-lhe o couro, e os que não tinham negócio com ele riam vendo-o passar nas ruas, tropeçando. Por isso Fabiano se desviava daqueles

viventes. Sabia que a roupa nova cortada e cosida por sinha Terta, o colarinho, a gravata, as botinas e o chapéu de beata o tornavam ridículo, mas não queria pensar nisto.

– Preguiçosos, ladrões, faladores, mofinos. (RAMOS, 2014, p. 76).

O sertanejo se sente deslocado na cidade em meio a outras pessoas e, longe do mato, vê-se inferior aos tipos que habitam a cidade e, ao mesmo tempo, acha-se menor que essas pessoas. Ele se mostra indignado com elas, que o viam como um nada, um ser invisível aos olhos da sociedade, e só o enxergava para explorar. Percebemos um Fabiano revoltado com a sociedade corrupta, vitimado pelas injustiças sociais, através das quais quem já tinha tão pouco era lesado por quem se julga melhor e mais bem colocado socialmente, pessoas que, para chegar ao padrão da alta sociedade, usufruem da força de trabalho de pessoas como Fabiano, um retirante que nada tem, em quem viam oportunidade de lucro.

Além desta constante luta, o sertanejo tinha que travar uma guerra contra uma sociedade hipócrita, uma guerra fria, em que ele não podia protestar contra, não podia mostrar sua indignação e se via obrigado a entregar o fruto de seu trabalho em troca de migalhas, sendo essa uma guerra já perdida para o retirante, não podendo protestar contra o furto descarado cometido contra ele, porque o patrão o mandaria sair da terra. O vaqueiro preferia ficar calado e sua guerra contra essa sociedade injusta, que lhe rouba e também prende um homem trabalhador sem motivo algum, é uma guerra psicológica em que ele se mostrava revoltado: “Estava certo aquilo? Trabalhar como um negro e nunca arranjar carta de alforria!” (RAMOS, 2014, p. 94). Revolta esta que ele não podia exteriorizar, tendo que viver refém da situação.

Ao encontrar com o soldado amarelo longe da cidade, onde este era respeitado e se sentia acima dos outros, Fabiano sente vontade de matá-lo, e trava uma confusão psicológica em que o personagem se vê com a oportunidade de mostrar sua indignação contra essa sociedade, a qual se protegia por detrás do poder que lhe era confiado. Porém, no mato, o soldado era só um mofino acuado diante da revolta de um trabalhador que foi humilhado: “Irritou-se. Por que seria que aquele safado batia os dentes como um caititu? Não via que ele era incapaz de vingar-se? Não via?” (RAMOS, 2014, p.103). Agora não havia nada que impedisse Fabiano de se vingar daquele homem que o prejudicou anteriormente, mas o sertanejo carrega valores que o impedem de concretizar tal ato e, diferentemente do soldado amarelo e da sociedade corrupta, Fabiano era incapaz de fazer algo prejudicando outra pessoa.

O personagem vive um tempo na fazenda encontrada durante a mudança por causa da seca, vivendo épocas distintas, até mais uma vez se deparar com a temida seca, uma grande

e impiedosa seca se anuncia mais uma vez e, como sempre, Fabiano já sabia que as consequências na sua vida seriam drásticas. Diante de mais uma seca, que ele já tinha como certa, reflete sobre a vida que leva e pensa em outra maneira de vida que poderia ter se não tivesse seguido pelo caminho “correto”, “longe do crime”, ele se vê como um fraco e pensa no cangaço como uma possibilidade de ter conseguido um futuro deferente, com isso poderia encarar de frente a sociedade que o fizera seguir no caminho sem oportunidades: “Se não fosse tão fraco, teria entrado no cangaço e feito misérias. Depois levaria um tiro de emboscada ou envelheceria na cadeia, cumprindo sentença, mas isto era melhor que acabar-se numa beira de caminho, assando no calor [...]” (RAMOS, 2014, p. 112). Diante do seu destino, que mais parecia uma sentença, e com todas tentativas de mudar a sua realidade fracassada, aparece mais uma vez um Fabiano revoltado que cogita o caminho do crime como possibilidade de mudar sua sina e mostrar sua revolta com a sociedade, mesmo que sua sentença fosse morrer numa emboscada ou envelhecer na cadeia, ele via essa possibilidade como melhor do que se acabar na fome e na sede.

Fabiano se considera fraco por não ter se rebelado contra a sociedade, enveredando por caminhos errados, vê-se como um covarde por não ter matado o soldado amarelo quando teve a oportunidade e também por não se impor contra o descaso e a corrupção que presencia, por se considerar incapaz de lutar contra a burguesia.

Mas este personagem é, diferente do que ele mesmo pensa, um forte por conseguir sobreviver a tudo isso, por conseguir lutar contra as dificuldades impostas por questões naturais e sociais sem desistir. Ante mais uma seca, o personagem teme ter de seguir os mesmos caminhos da fome “Seria necessário mudar-se? Apesar de saber perfeitamente que era necessário, agarrou-se a esperanças frágeis. Talvez a seca não viesse, talvez chovesse” (RAMOS, 2014, p.113). O sertanejo, que já conhecia os caminhos a seguir se a seca se confirmasse, sofria só em pensar o futuro que lhe esperava, um futuro que ele já conhecia.

A seca mais uma vez chega ao sertão nordestino e o sertanejo termina o romance seguindo seu caminho, que era certo, um fugitivo da seca tentando se afastar das dificuldades, embora tal caminho só destacasse uma vida miserável, não estando nenhum canto do sertão livre das consequências naturais, a seca estava em cada detalhe na vida dos sertanejos, colocando-os diante de dificuldades que, muitas vezes, apresentavam-se como impossíveis de resistir.

Todavia Fabiano, um sertanejo genuíno, era resistente e sabia lidar com a natureza, assim, lutava contra todas as adversidades com a braveza de um verdadeiro herói, um herói fadado ao fracasso, mas herói, pois luta contra as mais difíceis situações sem se render. É

Fabiano mais um herói problemático de Graciliano Ramos que não aceita a sociedade em que vive e não se vê aceito por ela.

Logo, esse personagem torto, cambaio, que é comparado a uma coisa qualquer e que se considera um bicho, é fruto da seca e das injustiças sociais que lhe fizeram ter estas características, a aparência decadente, com pouco conhecimento e de fácil adaptação a situações extremas.

Com esse personagem, Graciliano mostra o descaso com o povo do sertão nordestino, mostra como a seca atinge a vida do sertanejo e como é viver sem solução, ciclicamente. Por meio desse personagem problemático, o autor elucida uma realidade ignorada por muitos. Um personagem condicionado a trilhar uma saga em que passado e futuro se misturam, pois ele é aquilo que já foi antes, que seus antepassados também foram e que seus filhos também estão fadados a ser. Uma vida que é seca de conhecimento, de oportunidade, de humanidade, de chuva, de comida e também seca de vida, estando a seca estampada por toda parte, tanto no semblante sofrido dos personagens, como na paisagem morta. Sendo assim, o título que o escritor deu a sua obra resume tudo que ele fala nas páginas do romance, fala de vidas secas.

3.3 Jerônimo: um ser mudado pelos caminhos para a cidade grande

*Tenho calo em minhas mãos sou um pobre lavrador
vivo longe da cidade moro no interior
você tem tanta riqueza mas porém não tem amor
o seu gesto de orgulho tira todo o seu valor
de que vale ter dinheiro se não tem felicidade
ela vive escondida dentro da simplicidade
de que vale ter dinheiro se não tem felicidade
ela vive escondida dentro da simplicidade
sou retrato da poeira sou cascalho sobre o chão
meu sistema é natural eu sou filho do sertão
você busca tanta coisa sem sentido sem sabor
em seu mundo animal que você mesmo criou
(Jair Brandão)*

Em *Seara vermelha* Jorge Amado retrata o sertão nordestino com um olhar sobre os problemas que atingem esta região, trazendo para o centro do romance seres marginalizados, frutos de uma sociedade injusta e de um sertão em que a seca aparece como grande vilã na vida do trabalhador rural. Contudo, o escritor baiano abre aos olhos do público um destino

cruel em que o sertanejo, homem forte e acostumado a trabalhar no pesado, vê-se entregue a uma condição de vida miserável em que a fome, sede, doença e morte formam uma constante realidade.

O enredo é sobre uma família que vive do trabalho desenvolvido em uma fazenda onde criam animais e cultivam a terra, sendo vítimas da exploração do dono do lugar, este que, ao vender sua propriedade, os deixam sem lugar para morar e trabalhar, ficando a família sem outra alternativa senão se retirar e ir em busca de melhores condições de vida em São Paulo, cidade que, segundo o pouco que ouviram falar, é um lugar próspero onde muitos retirantes chegaram e mudaram de vida. Com esta esperança, os personagens seguem uma viagem dolorosa, na ilusão de encontrar este lugar com oportunidade para viver de maneira digna.

O pai de família Jerônimo é um típico sertanejo de constante harmonia com a natureza e sua fonte de renda vem do seu trabalho no campo, um trabalho árduo cujo rendimento tem de ser dividido com o dono das terras onde ele habita, uma partilha injusta em que o trabalhador é explorado, ficando com poucos recursos para sobreviver. É assim que este sertanejo supre as necessidades de sua família.

O vulto do velho Jerônimo, tangendo a criação para o pequeno curral, desenhava-se contra o horizonte e uma sombra longa ondulava sobre o capim rasteiro. A vaca parou seu tardo caminhar para arrancar umas folhas da plantação de mandioca que já começava a crescer. Jerônimo soltou então seu grito de boiadeiro – recordação de um tempo distante quando conduzira grandes rebanhos para as feiras de gado – inútil grito porque os jumentos, as cabras e os porcos, sete cabeças ao todo, iam pacificamente para o seu destino noturno. E, quanto à vaca, era tão velha e mansa que mais parecia uma pessoa da família, de tal maneira se encontrava ligada àquelas existências (AMADO, 1982, p. 19).

O personagem aparece lidando com o campo e os animais com intimidade, revela-se um sertanejo genuíno, que faz seu trabalho com grande alegria e se mostra honrado com sua ocupação, recordando-se de tempos passados com grande saudosismo. Sua entrega à maneira de vida se evidencia por sua ligação com os animais, não sendo só um trabalho ou uma fonte de renda, mas sim algo que ele faz por amor, um modo de vida com o qual ele é acostumado.

Este pai de família já viu vários dos seus filhos partirem, procurando outra forma de vida longe dos pais, que já tinham criado raízes naquele lugar, pois era ali que viviam todos os dias de suas vidas, era ali que estava o trabalho deles. Por conseguinte, Jerônimo se vê com

uma vida estável e acredita que passará ali o resto dos seus dias junto a Jucudina, sua mulher, assistindo à partida de seus filhos para executar distintas ocupações longe da fazenda.

Era um momento importante no dia trabalhoso da velha Jucudina, porque sempre sucedia que juntavam-se na sua memória, ao grito do velho Jerônimo, os fatos referentes a Zefa, a expectativa dos acontecimentos milagrosos que poderiam suceder, e a recordação dos três meninos que havia partido. Eram já rapazes quando se foram, cada um por seu caminho, cada um para uma vida diversa. Menos Nenen, cujo nome era Juvêncio, quase uma criança ainda quando fora assentar praça. Os outros dois já eram homens feitos, mas para Jucudina continuavam sendo os “meninos” e neles pensavam todos os dias naquela mesma hora do fim da tarde, talvez porque tivesse sido ao cair do crepúsculo que deram falta por Nenen (só tempos depois viriam a saber que ele assentara praça na polícia militar) e até hoje a voz desencantada do velho Jerônimo ressoa aos ouvidos de Jucudina no amargo e único comentário do acontecido:

– Num fica nenhum cum nós, véia... Só nós é que vai morrer nessa terra, como os bichos e os pé de pau...

Apontava Agostinho, criança ainda:

– Um dia vai esse também... (AMADO, 1982, p 20).

Jerônimo acreditava que sua vida era aquilo e que, diferente de alguns de seus filhos que já tinham trilhado outros caminhos longe da fazenda, ele confiava que o resto de seus dias seria ter essa realidade estável, da qual ele gostava e estava acostumado. Engano do sertanejo, não imaginando o que o futuro lhe traria, afeiçoado a viver aquela vidinha difícil, mas certa, em que ele sabia que teria o sustento de sua família, fruto de muito trabalho, mesmo diante da exploração feita pela classe dominante: “A vida era difícil e ruim, metade da farinha, do milho e da batata era para a fazenda, além do dia de trabalho gratuito, obrigatório pelo contrato do meeiro” (AMADO, 1982, p. 23). Notamos a exploração rotineira à qual este trabalhador era submetido e, mesmo enriquecendo com a força de trabalho dos seus moradores, o dono da propriedade a vende sem se preocupar como ficariam as famílias que desde muitos anos foram sua fonte de renda, sendo submetidos a um trabalho escravo.

O novo proprietário exige receber a fazenda sem nenhum dos moradores, assim toda a estabilidade que Jerônimo tinha se acabara e, diferente do que acreditava, tinha de procurar outro lugar para viver o resto dos seus dias. A alternativa diante desta nova realidade é migrar.

A caatinga, que no início do romance aparece com muita chuva, alegrando os sertanejos com a certeza do tempo de fartura, agora se apresenta com o seco, um lugar onde existe carência de tudo. É diante deste contexto difícil que a família de Jerônimo tem de seguir em busca de melhorias, desbravando caminhos onde a dificuldade está por toda parte:

“Por léguas e léguas, através de todo o Nordeste, o deserto da caatinga. Impossível de varar, sem estradas, sem caminho, sem picadas, sem comida e sem água, sem sombra e sem regatos. A caatinga nordestina” (AMADO, 1982, p.56). Por estes caminhos falta quase tudo o que Jerônimo procura, mas é nessa caminhada que o sertanejo acredita conseguir melhores condições de vida.

Na madrugada úmida de orvalho a voz de Jerônimo comandou, rouca e cortada:

– Vam ‘bora, gentes...

Estavam ele e seu irmão João Pedro, as duas famílias tinham se reunido para a viagem. Militão fora o único que viera se despedir. Chegara de fifó na mão, a luz vermelha fazendo fosca a claridade matutina:

– Nosso Sinhô Jesus Cristo acompanhe a vosmecê e a sua familia... (AMADO, 1982, pp.57-58).

Aparece aí a figura de chefe de família decidindo como devem reagir aos tempos difíceis e na ilusão de que São Paulo seria a solução. E segue o matuto tomando a frente para iniciar uma jornada impiedosa por caminhos de dificuldade.

A atitude do novo dono da fazenda atinge todos os colonos que ali habitavam e que, assim como Jerônimo, estão entregues à própria sorte.

Os colonos despedidos da fazenda estavam espalhados pelas estradas da caatinga. Ia’ m todos no rumo do sul, em busca do país de São Paulo. Muitos outros haviam ido antes, os contratantes de trabalhadores apareciam pelas fazendas, contavam histórias, diziam coisas de assombrar. Não havia gente pobre naquela terra paulista, onde se plantava e colhia café. Cada trabalhador que chegava era fazendeiro em poucos anos, virava coronel, homem influente na política. Assim diziam e sempre havia quem acreditasse apesar dos que voltavam mais pobres ainda do que quando haviam partido.

Eram esses mesmos caminhos, essas trilhas abertas na caatinga, que Jerônimo e seu irmão João Pedro trilhavam agora com suas famílias. Dinah, mulher de João Pedro, que era muito supersticiosa, cantara as pessoas e os bichos da pobre comitiva:

– T’esconjuro... Treze vivente...

Ela, o marido e a filha, Gertrudes, de quinze para dezesseis anos, mulata bem escura, de nariz chato. Puxara à mãe, era um touro no trabalho, apesar da pouca idade. Parecia mais um homem do que mesmo uma criança. Ele, Jucudina, os dois filhos e os três netos, os órfãos da filha mais velha. Faziam onze mas Dinah contava também Jeremias e Marisca (AMADO, 1982, p. 61-62).

As histórias sobre as oportunidades em São Paulo iludiam os colonos que passavam a acreditar que lá encontrariam a solução dos seus problemas. Jerônimo, como os demais

trabalhadores, era vítima de uma sociedade injusta e acreditava que migrar para São Paulo era a solução. Mal sabia o sertanejo que para chegar a esta tão sonhada cidade, tinha que enfrentar um longo caminho de miséria onde as piores doenças atacavam as pessoas que sofriam com a fome, a sede e a morte, chegando poucos à cidade sonhada.

Por mais que estivessem no início da viagem, o cansaço já castigava o sertanejo e seu povo, os quais seguiam a pé até a cidade de Juazeiro da Bahia, onde embarcaram de navio até Pirapora. Daí em diante, se todos estivessem com saúde, ganhariam passagem de trem para seu destino final, a grande São Paulo.

Os retirantes decidem descansar e se juntam a outra família de flagelados, que se encontrava em uma situação já bastante degradante e sem mantimentos, pois já vinham nessa jornada há mais tempo, podendo os novos retirantes ver as marcas de uma jornada difícil no rosto dos colegas.

Temos, com isso, um Jerônimo de um coração duro que encara de frente sua realidade e entende o futuro ao qual está destinado, assim como compreende o fato dos filhos terem de seguir um rumo distinto do seu: “Ao contrário de Jucudina ele não pensa demasiado nos filhos que partiram. Era o destino deles, destino não é coisa que se mude na Terra, cada qual nasce com sua sina, tem de cumpri-la” (AMADO, 1982, p76). O personagem é consciente da sua sina, que apesar de ter até ali uma vida organizada em que tinha segurança, seu destino é viver com um futuro incerto e os seus filhos também seguiam a sina deles. Mas o sertanejo se mostra forte diante das perdas.

Desde o início da obra, entendemos a intimidade do sertanejo com a natureza tendo como trabalho cuidar da terra e dos bichos. O retirante segue viagem junto ao jumento cujo nome era Jeremias, sendo este animal um grande companheiro do trabalhador rural, pois possui resistência para vencer as dificuldades impostas pela realidade do sertão nordestino. Diante da grande serventia do animal, Jerônimo o leva na viagem para ajudar a resistir aos caminhos difíceis do sertão.

Jerônimo, após mastigar seu pedaço de carne, vai cuidar de Jeremias que arranca cascas de arbustos, quanto mato verde encontra, quanta folha passa à altura de sua boca. Ao seu lado Jerônimo sente-se seguro e confiante. O jumento é o que há de mais sólido e inalterável nessa viagem. Parece incapaz de sentir cansaço, é o único que sabe descobrir água nas folhas e evita toda erva venenosa como se houvesse nascido e se criado em plena caatinga. Jerônimo está lhe tomando cada vez mais amizade, faz-lhe agrados no focinho. Alua ilumina a caatinga, ao longe silvam as cobras venenosas (AMADO, 1982, p. 76).

Fica evidente que, não obstante todo o desconcerto na vida do personagem, este ainda conserva a sua essência de sertanejo, não perdendo o amor pela natureza e pelos animais. Podemos constatar também o companheirismo entre o animal e o dono ajudando-se na impiedosa jornada, em meio a uma caatinga seca e sem vida, mostrando-se o animal resistente para desbravar esses caminhos de sofrimento e ajudar Jerônimo. Vemos um protagonista resistente que conserva suas raízes sem perder o apego pela natureza, sempre sabendo aproveitar o que a natureza tem de melhor.

Todo sofrimento causado pela realidade difícil não lhe tirou a essência de sertanejo que respeita a natureza e sabe lidar com ela, seus valores, ele conserva princípios éticos que são passados de pais para filhos, sendo Jerônimo um homem correto, que, mesmo diante de tanta miséria, não aceita a ideia de roubar.

O jantar da véspera, a dormida sob um teto e as provisões conseguidas haviam-no posto de bom humor, confiante e resoluto. Pôs o cabresto e a cangalha no jumento, tocou-o para a frente da casa. Entrou para acordar os outros. Faltavam João Pedro e Zefa. Imaginou que estivessem no mato fazendo as suas necessidades. Mas logo depois encontrou João Pedro em frente a casa metendo uns aipins num dos caçuás. As mãos estavam sujas de terra e Jerônimo compreendeu que ele fora roubar a mandioca na roça. Aquilo doeu-lhe. Considerava-se um homem de bem, incapaz de um roubo. Quis reclamar com o irmão mas pensou na fome que tinham passado, no caminho que ainda restava pela frente, e não disse nada (AMADO, 1982, pp. 90-91).

Ao perceber que o irmão estava roubando uma plantação, o sertanejo não se sente bem, pois apesar de todas as mudanças sofridas ao longo da travessia na caatinga a sua moral ainda era a mesma. Indicamos, a partir disto, um Jerônimo de princípios, que não aceita o roubo como algo normal, mas reflete sobre as condições que sua família se encontrava, um estado de extrema fome, decidindo ficar quieto diante do erro do irmão. Entendemos que o protagonista vai se modificando diante da dificuldade, ele é um ser incapaz de roubar, aceita a atitude do irmão, mesmo que reprovando, crendo que a necessidade o obrigava a fazer isso.

As consequências da seca e das injustiças sociais atingiram fortemente a vida do trabalhador sertanejo e deixou muitas marcas, como a desestabilidade da sua vida, a dubiedade de caráter, em que ele conserva seus valores, mas diante de situações extremas aceita que o erro seja cometido, e a morte de entes queridos. Contudo, perante as condições de vida que ele levava, uma vida miserável na qual faltava tudo, Jerônimo adoece, o que dificulta

muito continuar a jornada, estando o sertanejo fraco, chegando em Juazeiro da Bahia muito debilitado:

E assim entraram na cidade. Jucudina olhava a rede onde ia Jerônimo. No sertão de onde chegavam era assim que entravam os mortos. Levavam nas redes, balançando, léguas e léguas em busca do cemitério. Seu coração se apertava ao ver o marido sem forças, botando sangue pela boca, sendo levado como um defunto. Só faltavam as velas e as orações (AMADO, 1982, p. 110).

Com tuberculose, o sertanejo, que tanto batalhou na caatinga em uma viagem miserável, chega à cidade em um estado deplorável, sem condições de lutar mais contra as dificuldades impostas. Jerônimo, um homem forte que trabalhou a vida inteira em serviços pesados para sustentar a sua família e enfrentou bravamente as adversidades nesta saga, trilhando caminhos de dificuldade na caatinga seca e ajudando a todos, agora tem de ser ajudado, não tendo força nem para continuar a jornada com os próprios pés, tendo de ser levado como um morto.

A chegada nesse que era o primeiro destino dos retirantes foi já em uma situação deplorável. Jerônimo, muito debilitado, levava consigo muito pouco dinheiro, tendo que fazer economia enquanto estivesse em Juazeiro para comprar mantimentos e as passagens do navio que os levariam até Pirapora. Como os outros sertanejos que ali se acampavam, o personagem vinha fugindo de uma realidade seca em que faltava de tudo, assim, ao se depararem com o rio São Francisco, impressionam-se ao verem tanta água, algo que faltava tanto na caatinga por ali havia com tanta abundância: “A maioria dos imigrantes vinha do Ceará, da Paraíba e do Rio Grande do Norte, de regiões desoladas pela seca, e seus rostos resplandeciam ao enxergar o rio sem medidas, a água sobrando por todos os lados” (AMADO, 1982, p.116). Os sertanejos pensam que com tanta água nesse lugar as pessoas vivem em fartura, mas logo ficam sabendo que todas as terras pertencem a uns poucos e os trabalhadores tinham de oferecer seus serviços em troca de migalhas. Por este motivo, o trabalho dos sertanejos, assim como acontecia na fazenda onde Jerônimo vivia, só servia para enriquecer um pouco de privilegiados enquanto a grande massa vivia na pobreza.

Após alguns dias de espera, chega o dia de embarcarem no navio com destino a Pirapora, os retirantes ocupavam um espaço superlotado, em condições desumanas, sem regalia alguma, diversamente dos passageiros da primeira classe, que faziam uma viagem confortável. Jerônimo e sua família enfrentam mais desafios, mas conservando o sonho de

chegar a São Paulo e trabalhar honestamente para viver com dignidade, mesmo sabendo que tudo lá poderia ser diferente do que ele idealizava, o sonho de vida digna sobrevivia.

Ao chegar a Pirapora, todos têm de passar por exames médicos, pois só ganharia passagem de trem quem estivesse em boas condições de saúde, com capacidade de chegar ao sudeste e trabalhar, quem não estivesse nestas condições não podia seguir. O médico, ao ver a família de retirantes, logo se interessou por Marta, a filha de Jerônimo, e arquitetou um plano para conseguir ficar com a moça ao constatar que o seu pai não está saudável para seguir viagem. O médico diz para a moça que vai ajudá-la, ela percebe as verdadeiras intenções do médico e pensa que seria uma boa oportunidade para o sertanejo concluir sua jornada. Conseguindo o que queria, o médico entrega a papeleta declarando que o sertanejo se encontra saudável. O povo da cidade toma ciência do acontecido e Jerônimo fica revoltado ao saber como conseguiu a liberação:

– Vosmecê não vale nada... Dero a honra da menina pelo atestado pro velho...

Jerônimo teve um acesso de raiva quando soube. Se Jucudina não estivesse perto dele era capaz de matar a filha. Caiu em cima dela com um pedaço de tábua:

– Puxa daqui, puta sem-vergonha! Desgraçada! Desgraçada! Eu, um homem velho, e essa desgraçada sujando minha velhice...

Marta saiu ferida no rosto, correndo pela rua. Era pela noitinha, havia imigrantes espalhados pelas proximidades. Os gritos de Jerônimo continuavam lá dentro, Jucudina procurava acalmá-lo. Afinal ele teve um acesso de tosse, foi obrigado a deitar-se. Então Jucudina tentou defender Marta. Mas Jerônimo não quis ouvir nada, declarou que nunca mais a desejava ver e proibiu qualquer contato da família com ela.

Logo que melhorou da ânsia que o tomara, com a tosse, mandou que arrumassem tudo para irem embora daquela casa. Não demoraria ali mais nem um minuto, naquela casa que fora arranjada pelo médico, pelo amante da filha. Ficaram sob umas árvores próximas, onde outros imigrantes já estavam acampados. Os negros olhavam tudo aquilo sem compreender. Os imigrantes espiavam sem palavras (AMADO, 1982, pp. 186-187).

Mais uma vez o sertanejo evidencia que preserva seus princípios e, mesmo estando em uma situação miserável, não aceita o erro, por mais que precisasse continuar sua viagem, ele abomina o meio usado pela filha para conseguir a papeleta que dizia que ele era saudável. Fica explícito um Jerônimo conservador, que mantém a maneira de pensar ainda daquele Jerônimo que tinha do que viver sem necessitar fazer algo errado para conseguir seus objetivos. Estes valores ainda existem no retirante que ele se tornou, mesmo que tenha

passado por diversas coisas, modificando-se em sua aparência física e em seu psicológico, ele ainda mantém o espírito de sertanejo que prioriza a moral, andando sempre pelo lado correto.

Trata-se também de um Jerônimo orgulhoso que, sem ainda estar acostumado com a nova vida, resiste a ter que virar pedinte na rua. Sem trabalho, tinha de ter uma fonte de renda e, com a situação degradante, ele deixou o orgulho de lado e passou a aceitar a sua condição de miserável. Daí passou a pedir esmola e ainda aceitou que sua esposa recebesse o dinheiro que Marta ganhava na prostituição.

E era ela quem sustentava a família. Jerônimo e Tonho pediam esmolas mas os mendigos eram muitos. Continuavam a viver sob a árvore, na promiscuidade de dezenas de outros imigrantes, todos à espera do trem ou do passe. Jerônimo jamais voltara a falar da filha, mas cedo percebeu que o dinheiro com que Jucudina comprava farinha e feijão, café e carne-seca provinha dela, dos homens que dormiam com ela. Naquela viagem nada o feria tanto, nada o magoara de tal maneira. Amava aquela filha e mesmo agora, quando a repudiara, era a sua imagem que levava no coração (AMADO, 1982, pp.187-188).

Apesar do orgulho, ele vê que precisa se adaptar ao novo e passou a pedir esmola, ato que tinha repugnado ao chegar em Pirapora, quando viu Tonho a pedir na rua, pois ele nunca tinha imaginado uma pessoa da sua família em tal situação. E também passou a aceitar a ajuda que Marta dava, ou era aquilo ou era morrer de fome; “Iria deixar que todos morressem de fome? A comida amargava em sua boca, estava com o peito cada vez mais cavado, a tosse aumentando” (AMADO, 1982, p. 188). Jerônimo precisou se adaptar à nova realidade, agindo de maneira diferente de antes e aceitando situações que não aceitaria, mas, com a falta de recursos, mesmo que não aceite o erro, também não procura impedi-lo.

Mesmo que se usufruísse dos recursos adquiridos pela filha na prostituição, ele não aprovava e quando chegou o dia de seguir viagem para seu último destino, São Paulo, cidade onde inicialmente acreditava que iria resolver os seus problemas e que ia possuir condições necessárias para viver bem com sua família, segue sem tanta esperança, pois já tinha sido muito maltratado no caminho. O sertanejo partiu já bastante mudado e sem querer se despedir da filha: “– Não quer se despedir da pobre? Mas ele nem respondera. Ficava de coração sangrando, a cabeça baixa, uma vontade de morrer logo, de que aquilo tudo acabasse” (AMADO, 1982, p.188).

Diferente do que o sertanejo idealizou, a vida em São Paulo foi bastante difícil e é lá onde ele morre vítima da doença adquirida no sertão “Jerônimo, nos anos de São Paulo, era uma sombra do sertanejo que partira certa madrugada de suas terras tomadas pelo novo

fazendeiro. A tísica ia-lhe comendo as forças e as carnes. No último ano quase não podia mais trabalhar na colheita de café [...]” (AMADO, 1982, p.326). Assim, podemos constatar as mudanças na vida de Jerônimo que em São Paulo já não é mais o mesmo homem que saiu do sertão, pois carrega muitas marcas que a vida difícil lhe deixou, preservando e, ao mesmo tempo, modificando valores.

Assim, o sertanejo, que saiu da fazenda em busca de melhores condições de vida cheio de esperança e força de vontade, está mudado pela seca e por uma realidade social corrupta. Deste modo, ele, que perdeu entes queridos na caatinga seca, que perdeu seu modo de vida tendo que se adaptar a outros costumes, chega ao fim da vida habitando terras estranhas e com saudade do tempo que vivia no sertão, pois apesar de todas as dificuldades, lá era o lugar onde ele gostava de viver, onde sabia viver, no sertão nordestino.

3.4 As configurações do sertanejo no romance de trinta: Chico Bento, Fabiano e Jerônimo trilhando um mesmo caminho

*Oh! que saudade do luar da minha terra
Lá na serra branquejando folhas secas pelo chão
Este luar cá da cidade tão escuro
Não tem aquela saudade do luar lá do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
Não há, ó gente, ó não
Luar como esse do sertão
(Luiz Gonzaga)*

No Modernismo de trinta, os romancistas passaram a falar sobre o sertão com realismo, mostrando esse lugar de uma maneira que muitos desconheciam, trazendo para o centro da discursão os problemas que atingem esta região. A produção foi de uma literatura engajada com questões sociais e ambientais, e com o tom de denúncia que toma conta de romances como *O quinze*, *Vidas secas* e *Seara vermelha*.

Nesta vertente, autores da segunda geração do Modernismo como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado criaram personagens que trouxessem a verdadeira essência do homem do sertão nordestino para a literatura. Através destes sertanejos é possível ver o homem real que habita esta região e que sai dela por circunstâncias, mas não por escolha.

No romance de trinta, os autores buscam explicitar o sertão e o sertanejo como realmente são. Para tanto, trouxeram como protagonistas de seus romances seres

marginalizados, com o intuito de trazer à luz os problemas da região e mostrar como os mesmos atingem a população. Criaram personagens como Chico Bento, Fabiano e Jerônimo, que são protagonistas dos principais romances sertanistas da segunda geração do Modernismo, são seres pertencentes a classe social baixa e que sofrem com os problemas que assolam o sertão. Sendo assim, estes personagens são compostos com diversas características que representam o homem dessa localidade, que tira seu sustento do trabalho na roça e, mesmo diante da sociedade injusta e dos fenômenos naturais que atingem o sertão, são capazes de lutar contra as adversidades.

Os autores regionalistas criaram sertanejos verossímeis e por meio deles abrem aos olhos do público uma realidade difícil que existe no sertão nordestino, para isso os dão protagonismo a seres marginalizados, olhando essa sociedade por baixo, mostrando o que essa região tem de pior no que se refere ao esquecimento de políticas públicas e ao capitalismo acima da solidariedade. Desse modo, nesse período literário, o sertão e o sertanejo aparecem não só para mostrar essa região, seu modo de viver, mas aparecem com um tom de denúncia, de protesto.

Dentre os principais problemas que castigam o sertanejo está a seca, que aparece como a grande vilã do semiárido, mas, além dos fenômenos naturais, as injustiças sociais também aparecem como um grande agravante na vida dos personagens. Sendo assim, as causas da retirada destes sertanejos e também das dificuldades encontradas na jornada impiedosa que eles trilham em uma caatinga seca e sem oportunidades, fazem deles o que são, lutadores (não vencedores).

Em vista disto, os personagens se assemelham tanto pelos modos de vida que levam, pois são sertanejos genuínos que vivem no campo e tiram seu sustento do cultivo da terra, quanto pelas adversidades naturais e sociais que os atingem, fazendo-os enfrentar os mesmos problemas, o que os fazem seguir uma vida incerta na trilha de caminhos de miséria, o que irá culminar em mudanças drásticas na vida de cada um deles. Isto é, os três personagens aqui analisados vivem em um mesmo ambiente, possuindo um mesmo modo de vida e são gravemente atingidos por problemas que os fazem ter que partir do seu lugar em busca de melhorias, tendo destinos semelhantes, pois são sertanejos frutos de uma mesma realidade cruel à qual nem a migração oportuniza deixar.

São sertanejos inatos, pois nasceram para conviver em constante harmonia com a natureza, são apaixonados pela região e pelo modo de vida que levam. A natureza é o ambiente de trabalho deles, pois é na labuta diária com a terra e com os animais que adquirem o seu sustento, mas eles não veem esse lugar somente como uma fonte de renda, e sim como o

lugar onde se sentem seguros diante das adversidades e com forças para resistirem dignamente na sua região.

Estes personagens possuem um mesmo modo de vida no campo, dedicando-se a atividades rurais. Outra questão que eles têm em comum é a guerra que eles travam contra as adversidades, resistindo diante um cenário em que a morte prevalece, mas eles buscam vida.

Chico Bento, Fabiano e Jerônimo são homens marginalizados, pertencentes a classe baixa, tendo que lutar contra as desgraças e sem ter recursos financeiros. Resta-lhes a força do sertanejo que os fazem resistir em um lugar onde a seca devasta tudo e a sociedade os exploram: “O sertanejo seria da mesma natureza do juazeiro, única árvore a resistir às prolongadas estiagens, com os seus predicados ‘primaciais de resistência, sobriedade, desinteresse e franqueza’” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2013, p. 189). Esses sertanejos retratados no Modernismo de trinta trazem esta característica, a resistência, pois tudo morre, a paisagem, os animais e muitas pessoas, contudo eles, sertanejos, assim como o juazeiro, resistem a seca.

Chico Bento foge após a seca devastar o lugar onde ele vivia com sua família e, além das causas naturais, a avareza de sua patroa, que desiste do gado e conseqüentemente dos seus trabalhadores, é decisiva para que o sertanejo tome outros rumos, restando-lhe migrar em busca de oportunidades.

Outro personagem que vive em uma constante retirada é Fabiano, personagem problemático de Graciliano Ramos, que mostra a realidade do sertão por meio desse ser marginalizado, o qual possui um grande desejo de se firmar a um lugar para viver o resto dos seus dias, mas a sua sina é viver um pouco em cada lugar do sertão e, assim como Chico Bento, desbravá-lo mesmo sem oportunidades.

Jerônimo, criação de Jorge Amado, é outro que tem de deixar sua vida estável, pois diante de uma sociedade corrompida, em que os interesses dos que têm muitos recursos prevalecem sobre os que pouco têm, é gravemente afetado pela decisão do novo dono do lugar em que ele morava, não querendo antigos colonos naquela terra.

Destarte, resta a Jerônimo migrar e, tal qual Chico Bento e Fabiano, enfrenta uma caminhada dolorosa em busca de melhores condições de vida. Todavia, estes três sertanejos, que saem pela caatinga em uma jornada dolorosa, idealizando chegar à um lugar com oportunidades, buscando viver em uma sociedade justa, acabam encontrando fome, sede, injustiça, miséria e morte. Albuquerque Júnior (2013, pp. 189-190) discorre sobre o sertanejo:

O sertanejo seria o cerne de nossa nacionalidade, pois, isolado no interior seria aquele elemento que não foi modificado pelas influências cosmopolitas. Fora do contato com a civilização do litoral, sem vias de comunicação, nem meios fáceis de transporte, segregado na muralha das condições físicas mais hostis, se diferenciou em tipo étnico vigoroso. “É o sertanejo, o homem heroico, flagelado pelas fatalidades climatéricas e sociais, que nos longínquos rincões adustos, obscuro e grande, resiste à natureza ingrata, retemperando as energias da nossa raça histórica em formação”.

Como o autor descreve, o sertanejo por ser considerado o grande representante nacional já que mantém viva uma brasilidade sem influências exteriores ganha destaque na literatura. Na segunda geração do Modernismo, essa afirmação nacional não é mais prioridade para os romancistas e, assim, aparece um sertanejo verossímil, ou seja, os autores veem a necessidade de mostrar um sertanejo real que vive um constante embate para sobreviver à seca e também sua luta contra uma sociedade desestruturada em que as riquezas provindas do trabalho rural se concentram na mão de uns poucos que exploram a força de trabalho.

Chico Bento, Fabiano e Jerônimo são exemplos da difícil realidade do sertão nordestino e, para criar estes personagens que elucidassem tantos problemas da região, os autores tiveram de construí-los com características decadentes, através de que aparece então a figura do fracassado: “[...] esse interesse pelo fracassado foi responsável direto por uma das maiores conquistas do romance de 30 para a ficção brasileira que viria a seguir: a incorporação das figuras marginais [...]” (BUENO, 2015, p. 80). Dessa forma, percebemos que a imagem do sertanejo representado no romance de trinta ganha características que o fazem ser vistos como um fracassado, isso por levar uma vida decadente e que por mais que lutem e resistam às dificuldades impostas, seguem um caminho de fracasso.

Podemos constatar que Chico Bento, Fabiano e Jerônimo são vítimas de uma realidade que lhes foi imposta, sendo eles sertanejos que representam muito bem o homem que vive no campo e que é afetado pelo descaso dos governantes, pela ambição de uma sociedade hipócrita e por questões climáticas que castigam o sertão. Contudo, são personagens que possuem peculiaridades nas suas histórias, mas que têm um mesmo modo de vida e são vítimas dos mesmos problemas, o que compromete a permanência desses sertanejos no lugar onde vivem. Logo, para trazer ao público os problemas que assolam o sertão nordestino, os romancistas tiveram de criar um fracassado, mas que, apesar de tudo, é um forte, como o sertanejo que Euclides muito bem descreveu em *Os sertões* quando disse que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2014, p. 146), pois enfrentam os mais difíceis problemas sem se render a eles.

CONCLUSÃO

*Ando devagar porque já tive pressa
 Levo esse sorriso porque já chorei demais
 Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe?
 Só levo a certeza de que muito pouco eu sei
 Eu nada sei.
 Conhecer as manhas e as manhãs,
 O sabor das massas e das maçãs,
 É preciso amor pra poder pulsar,
 É preciso paz pra poder sorrir,
 É preciso a chuva para florir
 Penso que cumprir a vida seja simplesmente
 Compreender a marcha e ir tocando em frente
 Como um velho boiadeiro levando a boiada
 Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou
 Estrada eu sou.
 (Renato Teixeira)*

Conforme as discussões empreendidas nessa pesquisa, compreendemos que o sertão nordestino possui peculiaridades climáticas que proporcionam a mudança na vida do sertanejo. Isso por esta região ser castigada com a falta de chuva e ter um sol incandescente em todas as épocas do ano, fatores esses que interferem diretamente na vida do homem do sertão, pois essa é uma região onde a principal fonte de renda vem do trabalho com a terra. Diante das condições climáticas do sertão nordestino, a vida do sertanejo oscila entre tempos de fartura, quando se tem chuva suficiente para o cultivo da terra, e tempos de miséria, quando a chuva fica escassa e a caatinga fica seca, deixando o sertanejo sem condições para executar seu trabalho.

No modernismo de 1930, os escritores desbravam esse sertão real, mostrando todos esses problemas, fazendo uma literatura voltada para a denúncia social, descortinando a realidade difícil do sertanejo. É diante dessa discursão que essa pesquisa buscou traçar a figura do sertanejo no romance de trinta, com o intuito de entender a configuração do sertanejo, buscando compreender a relação eu/mundo ou sertanejo/mundo nas obras *O quinze* de Rachel de Queiroz, *Vidas secas* de Graciliano Ramos e *Seara vermelha* de Jorge Amado. Esse realismo que os autores imprimem em seus romances e o tom de denúncia social que toma conta desse período literário, possibilitou-nos enxergar um sertão real, pois esses romancistas olhavam a sociedade por baixo, apresentando um sertão sob o olhar de seres que estão à margem da sociedade e que são vítimas dos principais problemas que atinge o sertão.

Em linhas gerais, as obras mostram que fatores sociais estão relacionados à miséria que assola o sertão, pois os grandes proprietários de terras exploram a força de trabalho do sertanejo, sem lhe dar em troca recursos suficientes para uma vida digna. Por outro lado estão os governantes que não dão a assistência necessária ao sertanejo em épocas de dificuldade. Sendo uma população que convive em uma sociedade injusta em que a riqueza se concentra nas mãos de uns poucos e a grande massa sertaneja, que trabalha de sol a sol para produzir essa riqueza, conforma-se com muito pouco.

Esse sertanejo marginalizado, condicionado a trilhar um caminho fadado ao fracasso está no centro de discussão dos romances *corpus* dessa pesquisa. A vivência de Chico Bento, Fabiano e Jerônimo nos possibilitou constatar que são sertanejos genuínos os quais vivem em constante harmonia com a natureza, sendo o trabalho com campo o que sabem fazer de melhor e é nesse ambiente, o sertão, que o sertanejo consegue estar bem, não se sentindo incluído no ambiente urbano, pois mantém costumes e hábitos da vida no campo, não se sentindo bem com os costumes e o modo de vida das grandes cidades. Mas essa vida organizada desse sertanejo é ameaçada tanto por questões climáticas quanto por uma sociedade injusta, questões essas que deixa a vida no sertão difícil e o sertanejo com sua família tem de migrar em busca de um lugar digno para viver, impulsionado não porque quer, mas pelas causas cruéis do semi-árido.

Chico Bento se mostra inicialmente com uma vida estável, mas fatores como a seca o faz seguir em caminhos de desespero e, nessa tentativa de fugir dos problemas, ele encontra outros que desestruturam sua vida. Sendo ele um personagem que se adapta a nova realidade imposta sempre em busca de vida melhor, as adversidades atingem esse homem do sertão fisicamente e psicologicamente, o mudando, ele se torna um outro Chico Bento, o que não se altera na construção deste personagem é a coragem de lutar, é sua força mesmo diante de tantas dificuldades.

Fabiano é o típico sofredor que carrega essa vida miserável, desgarrada, como uma herança, sendo ele um sertanejo que convive com as dificuldades constantemente e, quando se passa uma seca, logo vem outra, mas que resiste a todas as adversidades impostas, o que o faz ser comparado a um bicho. Todo esse sofrimento está refletido no seu modo de viver, na sua forma física que o minimiza a torto e sombrio, e nas suas características psicológicas também, pois este é um personagem que vive uma grande confusão interior, não aceitando a si próprio nem aos outros, tendo também uma falta de conhecimento que dificulta a socialização desse sertanejo, sendo o sertanejo de Graciliano um bicho capaz de vencer dificuldades. Também um forte.

Com Jerônimo, Amado também trouxe à tona essa realidade injusta em que o sertanejo tem de sair do seu lugar para procurar melhorias em outro lugar, um lugar desconhecido, o que deixava a sua vida e de sua família incerta, é nessa incerteza que Jerônimo vê sua vida se transformar, passando a conviver com outras realidades, tendo de se adaptar a um modo de vida diferente e o Jerônimo que chega ao seu destino final não é mais o mesmo que saiu do sertão, vislumbrando achar um lugar melhor para viver. Ainda assim, levou consigo a vontade de lutar até o fim pela vida e pela família, apresentando sua força de sertanejo.

São, pois, personagens à margem da sociedade, trilhando caminhos de miséria em meio a tantos outros que possuem os mesmos destinos, sendo figuras invisíveis na sociedade. Podemos elucidar aspectos sociais do sertão nordestino que os condicionam a essa vida incerta e sofrida, mas que mesmo diante de todos esses impasses o sertanejo se mostra um forte capaz de resistir a mais dura realidade em busca de vida. Todo esse conflito interior e exterior na vida de Chico Bento, Fabiano e Jerônimo os fazem aparecer como fracassados, mas um fracassado não por escolha, sendo esse um destino que não aceitam e lutam bravamente para mudar sua realidade, o que nos faz ver a força desses sertanejos. Desse modo, esses personagens confirmam o que Euclides disse ainda no pré-modernismo, o sertanejo é mesmo um forte.

Acreditamos que com esta pesquisa pudemos contribuir para o conhecimento da literatura sertanista e compreender um pouco mais sobre o sertão por meio das obras *O quinze*, *Vidas secas* e *Seara vermelha*, entendendo quem é esse sertanejo que aparece no contexto do romance de trinta e como os autores Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado trouxeram a realidade do sertão por meio de tipos sociais pertencentes a classe baixa. Destarte, esperamos com esta pesquisa ter contribuído para o campo de investigação sobre análise literária e sobre a imagem do sertanejo na literatura.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: invenção do “falo”** – uma história do gênero masculino (1920-1940). São Paulo: Intermeios, 2013.

ALENCAR, José de. **O sertanejo**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A Tradição Regionalista no Romance Brasileiro**. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 1999.

AMADO, Jorge. **Seara Vermelha**. Rio de Janeiro: Record, 1982.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BRANDÃO, Jair. **O homem do campo**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/chitaozinho-e-xororo/o-homem-do-campo.html>. Acesso em 20.11.2016

BUENO, Luís. **Uma História do Romance de 30**. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

CAMINHA, Edmílson. **Rachel de Queiroz: a senhora do não me deixes**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010.

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. **Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar**. Rio de Janeiro: Editora Brasília, 1975.

CUNHA, Euclides da. **Os sertões**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

FREYRE, Gilberto. **O manifesto regionalista**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social, 1976.

GIL, Gilberto. **Lamento sertanejo**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/46212/>. Acesso em 20.11.2016

GOMES, Edson. **Cão de raça**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/edson-gomes/864215/>. Acesso em 20.11.2016

GONZAGA, Luiz. **Paraíba**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/paraiba.html>. Acesso em 11.11.2016

GONZAGA, Luiz. **Luar do sertão**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/907223/>. Acesso em 20.11.2016

GONZAGA, Luiz. **Asa Branca**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/luiz-gonzaga/asa-branca.html>. Acesso em 20.11.2016

GONZAGA, Luiz. **A vida do viajante**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/82381/>. Acesso em 20.11.2016

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

MOISÉS, Massaud. **A literatura brasileira através dos textos**. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

REGO, José Lins. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

SUASSUNA, Ariano. **Auto da compadecida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

TEIXEIRA, Renato. **Tocando em frente**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/almir-sater/tocando-em-frente.html>

VANDRÉ, Geraldo Et al. **Disparada**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/jair-rodrigues/disparada.html>. Acesso em 20.11.2016